



Carolina de Moraes Souza

PEREGRINAR É NARRAR COM OS PÉS: memória e mídia nos Caminhos de Santiago de Compostela

Dissertação de Mestrado em Jornalismo e Comunicação: Investigação orientada pela Doutora Isabel Nobre Vargues, apresentada ao Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

2018



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

PEREGRINAR É NARRAR COM OS PÉS: memória e mídia nos Caminhos de Santiago de Compostela

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	Peregrinar é narrar com os pés: memória e mídia nos Caminhos de Santiago de Compostela
Autora	Carolina de Moraes Souza
Orientador/a	Doutora Isabel Maria Guerreiro Nobre Vargues
Júri	Presidente: Doutor João José Figueira da Silva Vogais: 1. Doutora Isabel Maria Guerreiro Nobre Vargues 2. Doutora Isabel Maria Ribeiro Ferin Cunha
Identificação do Curso	2º Ciclo em Jornalismo e Comunicação
Área científica	Comunicação
Especialidade/Ramo	Jornalismo
Data da defesa	26-07-2018
Classificação	14 valores

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por não medirem esforços para que eu realizasse todos os meus sonhos, por me acompanharem em cada fase, por se preocuparem com cada detalhe, por serem quem são. À minha mãe por enfrentar o medo da mudança, ao meu pai por sempre me mostrar que eu serei nada menos do que a melhor. Ao meu irmão pelo incentivo, pelas brincadeiras, pelo exemplo, pelos conselhos. À minha Gagal pela mão amiga, pela prontidão em ajudar, pelos cuidados de mãe. Ao meu anjinho Spike e à minha sapeca Frida.

Agradeço à minha família pela dedicação, pelo apoio incondicional, pelas visitas, pelos encontros. À madrinha pela coorientação, pela paciência, pelo esforço, pelo trabalho, pelo exemplo, pelos melhores ‘puxões de orelha’ e pelo “vamos lá, estamos na reta final”.

Agradeço à família que fiz em Coimbra, Ana, João Paulo, Ana Beatriz, Carolina, Francisca e Tiago pela melhor recepção, pelo apoio, pelo colo, pelo carinho, pela dedicação, por aguentar os meus choros de saudade e minhas angústias por estar longe. Por fazerem desse lugar um pedacinho do meu mundo. Aos amigos pelas palavras doces, pelos cumprimentos, pela torcida. Ao meu pequeno Monza pela companhia incansável, por me fazer sorrir.

Aos amigos de infância pelo sorriso, pelas palavras, pelo incentivo, pela inclusão ainda que de tão longe.

Aos professores e colegas pela instrução, pelo ensino, pela dedicação. À doutora Isabel Vargas pela orientação.

“A memória é a consciência inserida no tempo”.
Fernando Pessoa

“A memória é uma armadilha, pura e simples, que altera, e subtilmente reorganiza o passado, por forma a encaixar-se no presente”.
Mario Vargas Llosa

RESUMO

Esta dissertação estuda o papel da mídia na transmissão da memória coletiva e no processo de atualização das memórias de grupos, no contexto da peregrinação a Santiago de Compostela. A pesquisa se constrói com base em estudo conceitual sobre acontecimento (Dosse, 2013; Farge, 2002; Mead, 2008), memória (Halbwachs, 1990; Pollak, 1992) e narrativa (Ricoeur, 1994; Casalegno, 2006). Narrativas jornalísticas e narrativas dos peregrinos são analisadas pelo método da tríplice mimese de Ricoeur (1994), destacado os elementos da pré-figuração, configuração e refiguração. O *corpus* de pesquisa inclui reportagens de dois jornais portugueses (Público e Correio da Manhã) e dois jornais brasileiros (Folha de São Paulo e Estado de São Paulo) sobre os Caminhos de Santiago de Compostela e a narrativa de trinta e cinco peregrinos brasileiros e portugueses. Este trabalho insere-se no rol dos estudos de fenômenos invocadores de memória social. Sua particularidade é observar esse fenômeno na narrativa jornalística e peregrina no contexto contemporâneo de supervalorização do presente, observados por Baumam (2007). Como resultados a pesquisa revela que: a mídia, por meio da narrativa jornalística, reforça e também atualiza as memórias do fenômeno (peregrinação); o conceito acontecimento jornalístico foi responsável pela atualização das memórias construídas ao longo da história da peregrinação e do culto à Santiago; a maioria dos peregrinos têm como motivação a realização pessoal e a busca espiritual; a conexão com a memória e a identidade peregrina inspira confiança e conforto em ‘tempos líquidos’.

Palavras-chave: memória, mídia, peregrinação, mimese, caminhos de Santiago de Compostela

ABSTRACT

This dissertation studies the role of the media in the transmission of collective memory and in the process of updating group memories, in the context of the pilgrimage to Santiago de Compostela. The research is constructed based on a conceptual study about events (Dosse, 2013; Farge, 2002; Mead, 2008), memory (Halbwachs, 1990; Pollak, 1992) and narrative (Ricoeur, 1994; Casalegno, 2006). Journalistic narratives and narratives of the pilgrims are analyzed by the method of Ricoeur's triple mimesis (1994), highlighting the elements of pre-figuration, configuration and refiguration. The corpus of research includes reports from two Portuguese newspapers (Público and Correio da Manhã) and two Brazilian newspapers (Folha de São Paulo and Estado de São Paulo) on the Santiago de Compostela roads and the narrative of thirty-five Brazilian and Portuguese pilgrims. This work is part of the study of phenomena invoking social memory. Its peculiarity is to observe this phenomenon in the journalistic narrative and pilgrim in the contemporary context of the overvaluation of the present, observed by Baumam (2007). As results the research reveals that: the media, through the journalistic narrative, reinforces and also updates the memories of the phenomenon (pilgrimage); the journalistic event concept was responsible for updating the memories built throughout the history of the pilgrimage and the cult of Santiago; the majority of pilgrims are motivated by personal fulfillment and spiritual pursuit; the connection with memory and the pilgrim identity inspires confidence and comfort in 'liquid times'.

Key-words: memory, media, pilgrimage, mimesis, Santiago de Compostela roads.

ÍNDICE

Introdução	1
Capítulo 1: Peregrinação a Santiago de Compostela.....	5
1.1 A história dos Caminhos de Santiago	6
1.2 Símbolos do Caminho	7
Capítulo 2: O renascimento do acontecimento	10
2.1 Discussões historiográficas na França no século XIX e XX	10
2.2 O renascimento do acontecimento de Dosse	12
2.3 O relato do acontecimento	17
Capítulo 3: Memória na mídia.....	19
3.1 A memória como fenômeno social	19
3.2 Acontecimento e memória	22
3.3 A sedução pelos locais de memória nos tempos líquidos	24
3.4 Memória na narrativa da atualidade.....	29
Capítulo 4: Metodologia de pesquisa	31
4.1 A trílice mimese	31
4.2 <i>Corpus</i> de pesquisa	36
4.3 Modelo de análise	37
Capítulo 5: Análises	39
5.1 Peça 1 – Grupo 1	39
5.2 Peça 2 – Grupo 1	47
5.3 Peça 3 – Grupo 1	52
5.4 Peça 4 – Grupo 1	58
5.5 Grupo 2	64
Conclusões	71
Referências Bibliográficas.....	75
Anexos	79

INTRODUÇÃO

[...] as milhares de narrativas do nosso cotidiano são constructos culturais que representam nossas experiências e nossas ações de uma forma ordenada, coerente e compreensível, e nos ajudam a organizar nossas vidas em sociedade, estabelecer consensos e memórias, entender enfim a complexa aventura humana (Motta, 2012: 220).

No trecho acima, Motta (2012) considera que as narrativas são formas de organizar as situações humanas para compartilhá-las, tornando-as públicas, coletivas e consensuais. A narrativa enquanto representação das ações do homem ao longo do tempo foi estudada por Ricoeur (1994). Para o autor, os textos são imitações da realidade, reproduzidos de forma imaginativa e representativa, capazes de articular as partes em um todo. No entanto, a mimese narrativa não é uma simples réplica do real, a ela compete produzir algo novo que inclui aspectos éticos e estéticos dos atos humanos. Dessa forma, a narrativa sob a perspectiva da representação mimética assume, ao mesmo tempo, a função de ruptura com o referente e a função de mudança metafórica do campo prático para o texto. Assim, segundo Ricoeur (1994), o autor da narrativa não reproduz um decalque da realidade, mas inaugura um ‘como se’, em uma ‘construção da construção’.

Ricoeur assinala que o “mundo exibido por qualquer obra narrativa é sempre um mundo temporal” assumindo uma relação de reciprocidade entre narrativa e temporalidade. Os paradoxos do tempo acompanham a tentativa de elaborar a relação dialética entre passado, presente e futuro, e a relação dialética entre parte e todo temporal. A narrativa, para gerar inteligibilidade, abarca a relação entre as três temporalidades, como coloca Agostinho (1973), “o passado está em um sentido presente na alma, graças às imagens de eventos passados que nós chamamos de lembranças; o futuro está igualmente presente na alma, graças a outras imagens, as da antecipação ou da expectativa, enquanto que a memória e a expectativa se reúnem no presente” (1973: 20). Assim, cada forma narrativa tem a capacidade de responder e, simultaneamente, corresponder às experiências humanas de tempo.

Do mesmo modo, a narrativa jornalística – que é centrada no relato da atualidade – mostra as características de mimese detalhadas por Ricoeur (1994). Ao mesmo tempo que ela organiza os acontecimentos na composição, lida com as três temporalidades quando apresenta elementos da memória e da expectativa. A memória – fenômeno social construído a partir das estruturas coletivas –, segundo Halbwachs (1990) e Pollak (1989),

é um instrumento de reconfiguração do passado que atua como um enquadramento dos acontecimentos já ocorridos a partir de demandas do presente.

Nesse contexto, este trabalho tem por intenção apreender o papel da mídia por meio da representação em textos jornalísticos, na transmissão da memória coletiva e como ator no processo de atualização das memórias dos grupos. Para esta análise, foram escolhidos textos jornalísticos que tratam sobre o tema da peregrinação. Estuda-se o fenômeno social da peregrinação à Santiago de Compostela e suas memórias coletivas em processo de pré-figuração, configuração e refiguração proposto pela tríplice mimese da narrativa de Ricoeur (1994).

Os Caminhos de Santiago estão entre as três principais rotas de peregrinação cristã desde o século IX – as outras têm como destino Roma e Jerusalém – e, após um período de declínio de popularidade, voltaram a adquirir grande número de adeptos nos anos 1980 e 1990. Os Caminhos de Santiago tornaram-se o Primeiro Itinerário Cultural Europeu em 1987 e Patrimônio da Humanidade, na Espanha, em 1993, e na França, em 1998.

A partir dos anos 1980, reúnem peregrinos com motivações diversas¹, além e aquém do motivo original voltado ao culto de Santiago Maior, um dos apóstolos de Jesus Cristo. Em 2016, a *Oficina del Peregrino de Santiago de Compostela*² registrou a chegada de mais de 200 mil peregrinos, de mais de 140 nacionalidades diferentes³.

Coleman (2012), que investiga a peregrinação como um fenômeno social com características de replica ou mimese de um enquadramento da memória, expõe que o ato de peregrinar é uma lembrança do passado com realização performática no presente. Para o autor, as peregrinações estabelecem pequenos mundos sociais, nos quais os sujeitos constituem pontes entre a experiência individual e as memórias coletivas. Ao se colocarem em movimento, os peregrinos criam um ritual que é ao mesmo tempo real e imaginário, que se apresenta no presente como um passado mítico.

¹ Entre as motivações para a realização da peregrinação, destaca-se neste trabalho: o caminhar com sentido espiritualista e de realização pessoal; melhoria das aptidões físicas; turismo de lazer e aventura; conhecer e fazer amigos.

² Local de acolhimento dos peregrinos que chegam ao destino da peregrinação à Santiago de Compostela. É vinculada à Catedral de Santiago e é responsável pela concessão do último selo na Credencial de Peregrino e da Compostela, certificado de distância e de realização da peregrinação. Disponível em <<https://oficinadelperegrino.com>> Acesso em abril de 2018.

³ Informações obtidas no sítio da web da Oficina. As estatísticas estão disponíveis em <<https://oficinadelperegrino.com/estadisticas/>> Acesso em abril de 2018.

A relação entre os peregrinos e o passado é avaliada, segundo Coleman (2012), por meio da categorização dos sujeitos em um ‘espectro mimético’, que analisa as perspectivas e práticas que sugerem a referenciação da memória e da tradição passíveis de recuperação de acontecimentos históricos no presente. Para compreender essa relação, o autor observa como os discursos de memória são invocados e produzidos de forma narrativa e dialógica.

Estudar a memória no fenômeno social da peregrinação representada em textos jornalísticos é, portanto, o desafio desta pesquisa. Este trabalho insere-se no rol dos estudos de fenômenos invocadores de memória social. Sua particularidade é observar esse fenômeno na narrativa jornalística no contexto de supervalorização do presente. Segundo Huysen (2000), Nora (1993) e Bauman (2007), a sedução pelos locais de memória surgem em um cenário de velocidade das mudanças e encolhimento dos horizontes de espaço e tempo, característica principal dos tempos líquidos. Estes apresentam instituições com característica disforme, que não conseguem manter uma configuração por muito tempo, colocando tradições, valores e costumes em instabilidade. Ainda nesse contexto, a memória, para esses autores, é uma forma de fixar raízes e modelar uma lógica institucional em momentos de indefinição e grande alteração das perspectivas espaço-temporais.

Nesse sentido, o trabalho tem como objetivos: observar as relações conceituais entre memória, acontecimento e narrativa midiática; perceber as relações entre memória e mídia por meio da narrativa; investigar as memórias narrativas nas peregrinações enquanto fenômenos sociais. Tendo em conta tais objetivos levanta-se as seguintes perguntas de pesquisa: Como a mídia atualiza (refigura) as narrativas das peregrinações a Santiago de Compostela? Permeiam essa questão principal, investigar como as memórias se encontram presentes nas narrativas da peregrinação e se a atualização e a permanência das memórias na narrativa têm como objetivo procurar um espaço de segurança na vida líquida.

Para responder à pergunta de pesquisa e atingir os objetivos pretendidos, esta dissertação está organizada da seguinte forma:

O primeiro capítulo disserta sobre o estudo de caso deste trabalho. Expõe a peregrinação como exemplo de fenômeno social que apresenta complexo sistema de reforço e atualização de memórias. Apresenta os Caminhos de Santiago como caso do processo de peregrinação histórica do século IX até a contemporaneidade.

O capítulo dois trata do acontecimento como categoria de análise, inserindo o conceito em um enquadramento teórico e relacional entre as disciplinas História e Jornalismo. Apresenta o acontecimento sob a perspectiva de Dosse (2013), dotado de duplo caráter: irrupção do novo e ruptura no percurso do tempo.

O capítulo três descreve a relação entre a memória e a mídia, sendo o acontecimento um ponto de encontro entre os conceitos. É nesse capítulo que o trabalho assume a concepção de memória como um fenômeno de cunho social, que necessita de pontos em comum – como símbolos, ritos e imagens – entre os sujeitos para se constituir enquanto processo coletivo. Também nesse capítulo há a apresentação do papel da memória no cenário contemporâneo de liquidez e instabilidade institucional.

O quarto capítulo expõe a metodologia da pesquisa, operacionalizada a partir da tríplice mimese narrativa de Ricoeur (1994). Apresenta-se, no formato de quadro (ver 3.3), o modelo aplicado na análise do *corpus* de pesquisa.

O capítulo cinco traz as análises do corpus de pesquisa. Dividido em dois grupos, o corpus constitui-se em: o primeiro abrange quatro narrativas jornalísticas sobre a peregrinação à Santiago de Compostela, de jornais brasileiros e portugueses; o segundo engloba narrativas das respostas de 35 peregrinos a um questionário sobre os Caminhos de Santiago. Por fim, apontam-se as conclusões e as considerações finais deste trabalho.

CAPÍTULO 1 – Peregrinação a Santiago de Compostela

A peregrinação consiste em um fenômeno práticas culturais e históricas que originalmente possuía uma finalidade atrelada à religiosidade, mas que atualmente assume características de uma jornada física e espiritual, na qual se pressupõe uma busca a partir do deslocamento ritualístico e, por vezes, sagrado. Para Steil (2003), as peregrinações incorporam diversos discursos e visões de mundo, nas quais compõem os seus rituais, em uma combinação de pessoas, textos e lugares. Tal combinação se caracteriza também por ser um ponto de identidade na peregrinação, os quais oferecem poder de autoridade a esse acontecimento.

Para o autor,

Esses elementos – “pessoa”, “lugar” e “texto” – coincidem nos eventos de peregrinação que se apresentam como depositários de tradições míticas e históricas atualizadas por seus peregrinos e demais agentes religiosos mediante a invocação de suas crenças, a veneração de suas imagens e a performance de seus rituais. Cada peregrinação, no entanto, pode enfatizar um ou mais desses elementos (Steil, 2003: 47).

Steil e Carneiro (2008: 113) apontam para o processo de atualização das peregrinações, nos quais os sujeitos incorporam o turismo como forma de mediação com o sagrado, que por sua vez absorvem fatores de lazer, consumo e marketing. Enquanto antes o esforço físico estava ligado aos instrumentos de penitência e sacrifício para alcançar o perdão de Deus, atualmente a jornada apresenta como intuito o encontro de algum tipo de espiritualidade que está ligada a compreensão de si próprio. Nas novas peregrinações, os corpos dos peregrinos e a natureza aparecem como lugares privilegiados de contato entre o eu e o espiritual.

Os caminhos de Santiago se tornaram rotas de peregrinação, inicialmente, com o objetivo de adoração dos restos mortais de Santiago Maior, apóstolo de Jesus Cristo. O desenvolvimento e história dos mais diversos caminhos (Português, Francês, Sanabrés, Inglês, do Norte, Primitivo, Finisterra, Via da Prata) demonstram a atualização da tradição cristã como forma de veneração jacobea até os múltiplos sentidos e motivos que impulsionam atualmente os peregrinos a realizarem algum dos Caminhos. A tradição de caminhar tendo como meta o sepulcro do apóstolo se iniciou na Idade Média e hoje apresenta renovadas representações para a memória associada ao processo peregrinatório.

Como discutem Sánchez y Sánchez e Hesp (2015), o fenômeno da peregrinação revelou tanto no medievo como na era contemporânea uma ligação com a memória e a tradição (que não é necessariamente religiosa) no qual se destaca a problematização de

conceitos modernos como identidade e memória coletiva no seu processo de transformação. Nesse trabalho pesquisa-se a narrativa midiática como catalisador da atualização memorial do fenómeno da peregrinação à Santiago de Compostela.

1.1 A história dos Caminhos de Santiago

Os caminhos de Santiago edificaram-se a partir da história, segundo a Igreja Católica, do traslado dos restos mortais de Apóstolo Tiago da Palestina à região de *Hispania*⁴. Para Caballero (2011), a tradição sustenta que Santiago Maior foi a *Hispania* com o objetivo de pregar a mensagem de Cristo, mas ao retornar a Palestina foi morto e se tornou o primeiro apóstolo mártir. Seus restos mortais foram levados por discípulos de volta ao mundo romano ocidental, chegando até a *Gallaecia*⁵ e descobertos após a invasão muçulmana por Teodomiro, bispo de *Iria Flavia*⁶. No reinado de Alfonso III, século VII, a crença e culto à sepultura de Santiago se consolidou e se legitimou na cidade de Compostela, com a obra *Breviarum Apostolorum*⁷, que falava sobre a pregação de Santiago na região. O autor afirma que o Caminho de Santiago teve muita repercussão no mundo medieval hispânico, pois as autoridades buscaram benefícios políticos e socioeconómicos que se estenderam em um processo de consolidação e dinamização da monarquia leonesa, tendo a sede compostelana como um símbolo da elevada dignidade eclesiástica no contexto da Reforma Gregoriana e Cluníacas.

Caballero (2011) explica que o documento mais antigo que trata essencialmente das peregrinações à Santiago é o *Liber Sancti Iacobi*⁸, cuja finalidade é exaltar as realizações do santo apóstolo, que serviam como meio de atração de peregrinos. Para isso,

⁴ *Hispania* (em latim) foi o nome dado pelos romanos à Península Ibérica, atuais Portugal, Espanha, Andorra, Gibraltar e uma pequena parte a sul da França.

⁵ *Gallaecia ou Callaecia* (em latim) é uma região localizada no Noroeste da antiga *Hispania*, um território que corresponde aproximadamente ao da moderna região do norte de Portugal e da Galiza, Astúrias e Leão na Espanha.

⁶ *Iria Flavia* é uma paróquia civil da Galiza, Espanha, que faz parte do município (concello em galego) de Padrón e da província da Corunha. Foi sede episcopal cristã no Baixo Império Romano e durante os períodos suevo e visigótico. Nesse tempo, a diocese era sufragânea da Arquidiocese de Braga, que incluía a antiga província da Galéciana diocese da Hispânia. A sede da diocese foi transferida por Afonso II das Astúrias (791–842) para Santiago de Compostela (então conhecida como Compostela), devido à descoberta do sepulcro do apóstolo Santiago Maior.

⁷ Texto latino que contém uma coleção de pequenas biografias e dados sobre os apóstolos de Jesus, entre eles seus lugares de pregação. Foi escrito no sul da França ou no norte da Itália no final do século VI ou no início do VII. *O Breviarum Apostolorum* acaba por ser a fonte escrita mais antiga em que se faz alusão à pregação de Santiago Maior nas terras mais ocidentais da *Hispania*.

⁸ *O Liber Sancti Iacobi*, também referido como *Codex Calixtinus* é conhecido do grande público pelo seu livro V, que se constitui no mais antigo guia para os peregrinos que faziam o Caminho rumo a Santiago de Compostela, incluindo conselhos, descrições do percurso e das obras nele existentes, assim como usos e costumes das populações que viviam ao longo da rota.

a obra – que tinha como objetivo publicizar a presença dos restos mortais e os milagres do santo – foi amplamente divulgada nas rotas determinadas para peregrinação. O conteúdo do texto integra relatos referentes ao martírio, ao traslado do corpo do apóstolo e ao seu sepultamento, tais acontecimentos tinham como intenção na narrativa do traslado a exaltação da fé e da conduta cristã da época.

Sinteticamente, como explica o autor, *Liber Sancti Iacobi* relata que após a ressurreição de Jesus Cristo, os apóstolos tinham como missão evangelizar o mundo. Tiago, portanto, foi para a Espanha e retornou para Jerusalém com apenas sete discípulos e lá foi condenado e degolado por Herodes Agripa. À noite, após o martírio do apóstolo, os discípulos colocaram-no em um barco que milagrosamente navegou durante seis dias até chegar ao noroeste da Península Ibérica e ao chegar, o corpo se elevou cercado de luzes e se dirigiu para o lugar onde seria sepultado.

O texto disserta que os discípulos foram conduzidos por um anjo e encontraram nos domínios de Lupária, uma senhora pagã que não admitiu o sepultamento até a autorização do rei. Por serem cristãos foram perseguidos pelos soldados do rei até uma ponte que, sem ter causas específicas, caiu justamente no momento em que os soldados a atravessavam. Segundo a obra, o rei interpretou esse fato como uma manifestação divina e converteu-se ao cristianismo, permitindo que o sepultamento acontecesse (*Liber Sancti Jacobi*, 2001⁹).

No mesmo documento, como ressalta Caballero (2011), há a descrição de 4 das rotas a definição das localidades por onde devia passar o Caminho e também dos costumes dos peregrinos, como por exemplo, está escrito que os peregrinos franceses devem entrar na basílica do Apóstolo pela parte norte. Há também definidos os locais onde o peregrino deve parar para orar ou onde, por exemplo, ele deve pegar uma pedra para levar a Santiago e colaborar nas construções da cidade.

1.2 Símbolos do Caminho

Dunn (2015) ao pesquisar os signos históricos e modernos do peregrino, avalia que desde o século X, quando houve uma massificação da peregrinação nos caminhos de Compostela, os fieis ao decidirem iniciar a caminhada tinham que participar de uma cerimônia na qual recebiam o cajado e uma bolsa abençoados. No ritual eclesiástico era ofertado ao peregrino a bolsa, afirmando tal elemento como símbolo da peregrinação,

⁹ Estima-se que o original tenha sido escrito entre os anos 1130 e 1160.

para que fosse considerado digno de penitência e purificação castigado e purificado com a interseção de Santiago e que com a jornada concluída pudesse voltar a salvo e com prazer. Da mesma forma, era dado o cajado que deveria servir como suporte para a jornada e para o esforço empenhado na peregrinação, pois assim acreditava-se que o peregrino era capaz de superar todos os percalços do ‘inimigo’, chegando com segurança ao santuário.

A igreja, segundo a autora, mantinha o controle do espírito e da intenção das peregrinações e determinava que aqueles que carregavam o cajado e a bolsa seriam os ‘verdadeiros’ peregrinos e, por isso, podiam receber ajuda de qualquer instituição eclesiástica ao longo do caminho, como igrejas, hospitais e monastérios. Reconhecidos como homens em busca de perdão, com votos de piedade e penitência, o peregrino passou a assumir identidade visual que representava tais características.

Torras (2012) explica, por meio da análise das iconografias de São Tiago no medievo, que a concha ou a vieira constituiu-se como o atributo mais emblemático da imagem do santo e que sua incorporação parece estar mais ligada a religiosidade popular do que uma construção doutrinária da alta esfera eclesiástica. Para o autor, a vieira permanece no imaginário da peregrinação como resultado de uma prática popular como a de levar para a casa uma recordação de um lugar visitado ou de uma conquista realizada. Como resultado a autora notou que ao longo dos séculos, por um processo que designaria de sinédoque, no qual todos os significados figurativos da imagem do apóstolo convergem na vieira como atributo. Assim, esse símbolo se trata de um protagonista da viagem, não só no espaço, das costas galegas ao lar do peregrino medieval, mas também ao longo do tempo, desde a idade média até os dias de hoje.

Pullan (2017) disserta sobre a formação cultural da vieira de Santiago e ressalta que o símbolo era objeto com presença recorrente ao longo da Europa na Idade Média, representado em diversas iconografias barrocas e que, na região possuía sua popularidade pela proximidade com as praias galegas e com os mercados beira-mar. Segundo o livro I do *Liber Sancti Jacobi*, o par de conchas representam os dois lados da caridade cristã e relaciona as marcas da vieira com os dedos dos peregrinos. Ainda como determinado pelo manuscrito, a vieira era costurada na roupa do peregrino no fim de sua caminhada, para que ao voltar à sua casa fosse demonstrada a exaltação e honra pelo santo e como forma de memória por ter finalizado uma grande jornada.

O autor explica que a vieira também confirma a representação da lenda, que conta a chegada dos restos mortais do santo apóstolo por mar. A partir do século XI, alguns peregrinos estendiam a caminhada até o extremo norte ocidental, na península de Finisterra e nesse caminho as conchas eram vistas com recorrência. Esse local também tinha atenção pois era creditado como a periferia do mundo.

Segundo Pullan (2017), uma lenda – que nasce já no século XV – apresenta ligação direta entre o santo e a simbologia da vieira. A lenda diz que um cavaleiro ao sofrer um acidente, caiu junto com seu cavalo no mar, porém antes de se afogar foi salvo por Santiago, emergindo coberto de conchas. Em outra versão, o cavaleiro nada atrás do barco carregando o corpo de Santiago para a Galiza. Para o autor, o conto relaciona o batismo – símbolo do renascimento e da salvação – com a finalidade da peregrinação de potencial regeneração para aqueles que fazem a jornada. Assim, a jornada assume caráter de *imitatio* da peregrinação inicial de São Tiago, que faz da Galiza local ‘renascido’ pela graça do batismo, na trasladação.

Pullan (2017) conclui afirmando que as conchas apresentam dois tópicos de estudo: estrutural e de conteúdo. O primeiro revela que a vieira é um motivo regular e repetitivo na arte e na arquitetura galega, bem como, na peregrinação compostelana. É preciso ressaltar que no caso da peregrinação o símbolo da concha está mais relacionado com a biodiversidade do local, do que propriamente com a arte da região, impulsionando certos aspectos fundamentais do conteúdo e da memória presente nesse símbolo. Dessa forma, a concha como símbolo, ao longo dos anos, se revelou como fenómeno representativo presente na consciência e formação identitária do processo de peregrinação.

CAPÍTULO 2. O renascimento do acontecimento: um conceito sob a perspectiva relacional entre a História e o Jornalismo

Neste capítulo pretende-se estudar o ressurgimento do acontecimento, na perspectiva historiográfica do século XX. O acontecimento renasce, como propôs Dosse (2013), com características diferentes daquelas apresentadas pelas concepções da Escola Metódica e do movimento dos *Annales*. Tão importante quanto à ocorrência em si, as reverberações do acontecimento ao longo do tempo são tema de estudo deste acontecimento renovado, que tem como particularidades a emergência do novo e a espessura temporal.

O retorno do acontecimento como categoria histórica de análise demonstra a profícua relação entre a mídia e a sociedade, pois se diferencia das outras historiografias por ter como eco da ocorrência do acontecimento a rápida atuação da midiaticização. Corroborando com a proposta de Nora (1974), este trabalho ressalta a necessidade de compreensão histórica dos acontecimentos, cada vez mais submetidos à lógica da divulgação.

2.1 Discussões historiográficas na França no século XIX e XX

O acontecimento como categoria de análise estimulou diversas perspectivas de conceituação durante os séculos XIX e XX, com destaque às visões historiográficas da Escola Metódica e da escola dos *Annales*.

A Escola Metódica, como propuseram Langlois e Seignobos (1948), tinha como foco a interpretação de documentos históricos e objetivava afirmar a História enquanto ciência, em um processo de institucionalização e profissionalização. O documento, segundo os autores, possui traços que devem ser analisados pelo historiador profissional. Esta análise é necessária para que sejam revelados os acontecimentos históricos que não se apresentam de forma clara e direta.

A proposta desses autores era oferecer à disciplina a aplicação de um método histórico, que possibilitasse cientificidade e diferenciação da literatura ficcional e das Ciências Sociais. A História deveria então eliminar o que os autores chamavam de “micróbios literários” que desvirtuavam o discurso histórico, a fim de adotar a função de instauração metódica dos fatos, privilegiando a visão de realidade no acontecimento. Esse momento foi denominado por Dosse (2013) como “espécie de fetichismo do acontecimento enquanto externalidade do que acontece”. O historiador, para Dosse, adota

o papel limitado ao controle da veracidade dos acontecimentos determinados pelo discurso da fonte documental.

Os documentos analisados pela Escola Metódica eram escritos e oficiais e simbolizavam mais uma característica desta historiografia: foco na História Política, no Estado e nos grandes feitos militares. A História Política tradicional, como percebeu Remond (2013: 15), utilizava os documentos oficiais para valorizar a posição emanada pelo Estado, que demonstrava uma “realidade suprema e transcendente que é uma expressão do sagrado em nossas sociedades secularizadas”. Essa acepção da História Política se resumia na atuação de uma história estritamente factual ou acontecimental¹⁰, que não era capaz de perceber os “acontecimentos vinculados às suas causas profundas” (Remond, 2013: 17).

No início do século XX, a Escola Metódica foi intensamente criticada pela historiografia que surgia com força na França: o movimento dos Annales. Os autores Marc Bloch e Lucien Febvre¹¹ propuseram a criação de uma história totalizante que tivesse caráter problematizador, ou como denominaram os historiadores, deveria ser uma história-problema. Bloch e Febvre consideravam que os pensadores metódicos eram positivistas e os chamavam de “historicizantes”. A relação entre a História com outras ciências sociais e humanas fora incentivada pelos autores da primeira fase dos Annales, ao longo da década de 1920, como: a geografia, a economia, a sociologia e a psicologia.

Nessa perspectiva, os Annales tinham como o objetivo ampliar o conceito de fonte que para a Escola Metódica era limitada às escritas oficiais, aos objetos, às abordagens e aos problemas. Por isso, questionaram a interpretação predominantemente política dos metódicos, a qual traduziam como história do efêmero e do instante, uma história com força acontecimental.

Dessa forma, para os Annales, o conhecimento histórico deveria deixar a singularidade dos acontecimentos políticos e buscar as regularidades ou as totalidades explicativas, em uma perspectiva de longa duração, com características no limite do

¹⁰ Possível tradução do francês para o termo *événementiel*, proposto por Nora, para se diferenciar de evento que possui diferente sentido histórico no contexto do estudo do acontecimento como categoria de análise.

¹¹ Principais autores e fundadores da primeira geração dos Annales, em 1929. Características específicas dos historiadores podem ser encontradas em: Barros, José D. (2012). *Teoria da História, volume V – A Escola dos Annales e a Nova História*. Petrópolis: Editora Vozes.

imóvel. Tal concepção, disseminada principalmente por Fernand Braudel, recusava o acontecimento, em detrimento das estruturas.

Braudel (1992)¹², em sua tese, metaforiza a história como uma construção, na qual o sótão é o local onde está a história puramente acontecimental – com sua curta duração enganosa, ou aquela história realizada pelos “tradicionalistas” – em andares mais altos está a história conjuntural, cíclica e econômica. Percebe-se, nesse discurso, que há uma rejeição do acontecimento, ou o que Dosse chamou de “eclipse do acontecimento”.

Como argumenta Dosse, após passar pelos momentos de fetichismo na Escola Metódica e eclipse nos Annales, o acontecimento, na segunda metade do século XX, (re)aparece, retorna. Transformado, o acontecimento renasce com perspectiva diferente daquelas usadas anteriormente. Não é visto mais como datado apenas à sua ocorrência e também não é esquecido pela longa duração. Ele se revela com duplo aspecto: de começo e desfecho, de resultado e abertura de possibilidades, sedimentação e suscitação de realidades.

Neste trabalho adota-se a ideia de Renascimento do Acontecimento de Dosse (2013) para avaliar as reverberações do acontecimento, especificamente, aquelas suscitadas pelas mídias.

2.2 O renascimento do acontecimento de Dosse

A reavaliação do acontecimento, ou o seu renascer, ocorre no período em que não só a História, mas as diversas ciências humanas, como o Jornalismo e as Ciências Sociais, retomavam a discussão para além do mero acontecimento e transpunham suas reverberações na sociedade contemporânea marcada pela instantaneidade. Visto como indício ou vestígio significativo para a história, o acontecimento passa a ser considerado em seu caráter duplo confirmando uma forma de irrupção do novo e uma ideia inesperada de ruptura no percurso do tempo.

Dosse (2013) considera que, no século XX, houveram correntes de pensamento que acionaram o processo de redescoberta deste conceito, transparecendo características

¹² Dosse (2013) explica na introdução de sua obra “Renascimento do Acontecimento”, que o acontecimento perpassa pelas fases de fetichismo e eclipse ao longo do desenvolvimento das historiografias francesas nos séculos XIX e XX. Fetichismo quando é ovacionado pela Escola Metódica, levando-o à importância máxima para a história; e eclipse quando é rejeitado pelos Annales, que questionam a importância do acontecimento, vinculado à curta duração.

como: os rompimentos no tempo estimulados pelo emergir da novidade; sua arqueologia; sua metafísica e a hermenêutica em torno de sua narrativa. O acontecimento passou a ser tratado por diversos autores - como Arendt, Benjamin, Mead e Farge – como categoria histórica incitadora de reverberações, que são capazes de alterar a lógica da história em curso, sem deixar de apresentar o vínculo com sistemas de continuidade e de tradição.

O movimento de ruptura e continuidade do acontecimento renascido enseja a análise das temporalidades passado, presente e futuro. Koselleck (2014) considerou que os “estratos do tempo” se remetem a diferentes planos, com diferentes durações e origens, possíveis de atuar simultaneamente. Os estratos refletem a metáfora utilizada para designar a representação do tempo por meio de movimentos em unidades espaciais. Nas palavras do autor, “muitas coisas acontecem ao mesmo tempo, emergindo, em diacronia ou sincronia, de contextos completamente heterogêneos” (p. 9).

Essa percepção do tempo estratificado afirma a condição de temporalidade espessa do acontecimento. O autor, em outra obra (2006)¹³, avalia que experiência e expectativa são categorias adequadas para tratar do tempo histórico, pois as duas são capazes de entrelaçar o passado ao futuro. Na experiência os acontecimentos podem ser incorporados e lembrados e na expectativa, forma-se o futuro próximo, que há a previsão. Em outras palavras, a expectativa está voltada “para o ainda-não, para o não experimentado”. Dessa forma, o autor utiliza os termos espaço de experiência e horizonte de expectativa para formalizar um conceito do tempo histórico.

Para Farge (2002), a espessura temporal é inerente ao acontecimento, capaz de unir espaço de experiência, passado e perspectiva de espera. Dessa maneira, segundo a autora, o acontecimento antecipa e relembra e isso é intrínseco à existência. Ele é fabricado, deslocado e realizado no campo das emoções. Os atores históricos se tornam, assim, os responsáveis pela elaboração de emoções no acontecimento, por meio dos modos de percepção e apropriação do que ocorreu. Para a autora, as reverberações do acontecimento são os impulsos para sua própria ocorrência e fazem dele fenômeno histórico.

¹³ Koselleck, R. (2006). *Espaço de experiência e horizonte de expectativa*. In: Koselleck, R. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RJ, p.305-327.

O acontecimento, ainda de acordo com a autora, revela-se como um pedaço de tempo e ação que, quando compartilhado por meio da narrativa e do relato, assume característica de desordem, do arrebitamento das percepções e dos sentidos. Assim:

A longa linha do horizonte da história é uma longa linhagem de acontecimentos que se sucedem uns aos outros, em níveis diferentes, por certo, mas sempre percebidos seja pela ruptura que impõe ao tempo, seja pela evidência de sua presença, aquela que está em continuidade com o que se passou antes. Acontecimentos que se leem numa temporalidade quebrada ou contínua, que os encaixa e os explica (Farge, 2011: 73).

Ao considerar o acontecimento algo que está em curso no presente e que perdura, Mead (2008)¹⁴ afirma a condição de um presente diferenciado, ou como denomina o autor, o *specious present*. Tal conceituação reitera a visão de que o acontecimento está além da experiência instantânea, assim, o que o diferencia é exatamente o “além instante” que modifica sua natureza interna. O autor também salienta que a espessura temporal do acontecimento demonstra não só sua ocorrência em um presente que se estende ao futuro, mas também apresenta sua relação com o passado. Por isso, avalia que a produção do acontecimento revela suas condições precedentes e referencia o passado para gerar inteligibilidade.

Dessa forma, o acontecimento “cria, com seu caráter único, um passado e um futuro. Desde que o vemos, ele se torna uma história e uma profecia” (Mead, 2008:52). Para o autor, as relações do acontecimento com as condições de seu passado produzem uma história, que a torna relativa ao próprio acontecimento. O acontecimento, portanto, se desenrola segundo sua própria dinâmica, assumindo ritmos temporais variáveis, nos quais se intercalam passado, presente e futuro.

Ainda de acordo com Mead (2008), logo que o acontecimento ocorre tenta-se por identificá-lo, compreendê-lo e avaliá-lo na perspectiva histórica, na qual se busca no passado aquilo que está na retaguarda. Ou seja, é a intenção de “voltar para trás” que constitui o sentido do acontecimento. No entanto, o futuro também é fator constitutivo para análise do acontecimento. Dessa forma, deve-se “reformular o passado como condição do futuro, de tal modo que possamos controlar sua reparaçãõ” (2008: 46). Assim, o acontecimento se solidifica não só quando se procura os motivos e as causas de

¹⁴ Utiliza-se aqui os argumentos proferidos na obra “A filosofia do presente” publicada originalmente em 1932, mas pesquisada no livro traduzido para o espanhol: Mead, G. (2008). *La filosofía del presente*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas (CIS).

sua ocorrência, mas também quando o consideramos sob o aspecto de seu condicionamento futuro.

O tempo dilacerado do acontecimento também foi pensado por Benjamin (1984). Para ele, o tempo histórico apresenta concepção descontinuista, não-linear, ligado a um modelo estético, que constitui um sentido a partir da análise hermenêutica. Tal modelo questiona a continuidade do tempo histórico, as relações de causalidade dos acontecimentos que vão do passado ao presente e do presente ao futuro. Dessa forma, a relação entre as temporalidades no acontecimento não são apenas de sucessividades, mas também de sobreposições, geradoras de um processo de rememoração, ou como denomina o autor, a própria memória.

Nessa linha de raciocínio, o acontecimento que retorna¹⁵, segundo Dosse (2013), é avaliado sob a ótica científica, que lhe atribui sentido e eficiência. O acontecimento passa a ser entendido em caráter duplo: começo e resultado; desfecho e abertura de possíveis; causa e consequência. Como esfinge e como fênix, o acontecimento nunca desaparece, deixando múltiplos vestígios e provocando configurações inéditas. O acontecimento, na contemporaneidade, “tornou-se uma incursão privilegiada no universo social recuperado, não a partir de arquétipos redutores, mas de singularidades que podem se destinar a ensinamentos de aplicação mais ampla” (2013:11). Dentro dessa perspectiva, o acontecimento deixa de ser dado pronto para ser coletado e comprovado, ele se torna uma construção de um conjunto do universo social como originador da consolidação simbólica de sentido.

Nora (1974) avalia o acontecimento com as reverberações suscitadas pela mídia. Para o autor, o acontecimento apresenta um caráter monstruoso salientando uma grandeza fenomenal e arrebatadora. O acontecimento “é sempre revolucionário, o grão de areia na máquina, o acidente que transforma inadvertidamente. Ele fabrica o inteligível, nos bombardeia com um conhecimento interrogativo, enucleado, sem sentido, que espera de nós seu sentido” (1974: 219).

Nora (1974) propõe o estudo do ‘acontecimento monstro’ em três partes: produção, metamorfoses e paradoxos. No processo produtivo, a mídia não atua apenas como mediador entre o acontecimento e o seu público, mas faz parte da própria condição

¹⁵ O acontecimento que retorna na historiografia francesa do século XX (ver 1.1). Aquele que não é mais considerado fetiche e tão pouco eclipse para a teoria do fazer historiográfico, é o acontecimento renascido de Dosse (2013).

da existência deste, mostrando que na modernidade há interdependência entre eles. O acontecimento, na visão de Nora, não simplesmente acontece, ele é algo que atrai a atenção ou repercute no horizonte de expectativa, ou seja, para que o acontecimento ganhe o status de acontecido é necessário que ele seja conhecido, é dessa forma que o acontecimento ganha o seu caráter histórico.

O acontecimento constitui-se, portanto, por uma ação não apenas presente, mas também futura, quando se caracteriza pelos seus efeitos. O acontecimento, para Nora, se “desrealizou” ou ainda se “dessubstancializou”, pois ele não apresenta mais a sua característica “pura”, ele está sempre com o involucro de sua midiaticização. O autor enfatiza “ora, o acontecimento midiaticizado não é mais a garantia do real, pois é a midiaticização que o constitui” (2006).

Porém, deve-se ressaltar que essa desrealização não ocorre no âmbito da manipulação midiática, mas sim da interação intensa entre o que é veiculado e os leitores. Além disso, o historiador ressalta que a imprensa permitiu o retorno de um tipo de acontecimento, no qual os fatos se escondem e exigem a crítica da informação, a confrontação de testemunhos, o apelo que obriga o saber prévio, no qual a imprensa pode fazer recordar. Segundo Nora, essas características escondem o fato e são definidas no processo de produção das notícias em busca da objetividade, ou seja, em busca do relato da realidade.

Para Tuchman (1999), ao produzir a notícia, o jornalista realiza um ritual estratégico, que confere objetividade e credibilidade à informação. Os procedimentos ritualísticos podem ser vistos, segundo a autora, na forma e no conteúdo do texto jornalístico, bem como nas relações inter-organizacionais do profissional. Por exemplo, uma das ferramentas que procura dar legitimidade ao texto do jornalista é o uso das aspas. Tuchman acredita que ao utilizar-se da opinião de outra pessoa, esse profissional faz uso de uma prova suplementar. Assim, “ao inserir a opinião de alguém, eles acham que deixam de participar da notícia e deixam os fatos falar” (1999: 81).

Segundo Nora (1974), a velocidade de transmissão do acontecimento, com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação é a causa do processo de metamorfose do acontecimento, que o transforma em monstro. A abolição do tempo entre o acontecido e o midiaticizado gera uma ação incerta sob nossos olhos, projetando-o direto ao público. Para Lacouture (1978), a percepção de um tempo convulsionado e midiaticizado, propõe uma atividade integrada entre o jornalista e o historiador, pois cada

vez mais, a influência da mídia mostra uma inversão no próprio conceito de acontecimento.

Nora (1974) salienta, ainda, os paradoxos do ‘acontecimento monstro’: o primeiro deles é que a sua importância para a história não é mais a sua pura ocorrência, mas a sua ressonância. A provocação presente na divulgação de um acontecimento é um espelho social, um eco da sociedade. O indivíduo, quando recebe um fluxo intenso de informações diferentes, tem necessidade de se distanciar para refletir e criticar e assim compreender o sentido daquilo que lhe é dito.

Por outro lado, Charaudeau (2006: 132) explica que o acontecimento não significa em si, ele só significa quando está inserido em um discurso. Para que ele exista, é necessário que ele seja percebido e nomeado. Como o autor, este trabalho acompanha a perspectiva da força da existência do acontecimento e do poder constituinte da linguagem.

2.3 O relato do acontecimento

Farge (2002) considera que cabe ao analista tentar aprender o curso do acontecimento com todas as suas irregularidades e desregulações do raciocínio linear, destacando-as no relato. O relato do acontecimento deve, portanto, exprimir o acidental, a ruptura e a incerteza presentes na sua origem, nas suas reverberações, nas suas colocações na memória, na suas (re) leituras e nas suas enunciações futuras.

Em diálogo com Foucault (2003), a autora discorre sobre a capacidade dos relatos e falas sobre o acontecimento se tornarem também acontecimentos próprios, nos quais é possível notar novas situações e novas rupturas passíveis de observação dos pesquisadores. Os historiadores do presente, por exemplo, são aqueles que tratam com as falas das testemunhas e as encaram como mais uma forma de irrupção, de irregularidade, de desvios e disjunções. Por meio do relato se exprime a memória que se apresenta inundada de sensibilidades e que por esse motivo é colocada pela historiografia tradicional como um ponto de inflexão a ser analisado com distanciamento, pelo risco de ceder ao terreno da subjetividade¹⁶.

Os relatos de testemunhas vivas ou encontradas em arquivos, para Farge (2002), falam demais por essência e desafiam os analistas da contemporaneidade a perceberem

¹⁶ Neste trabalho, consideramos historiografia tradicional aquela idealizada pela Escola Metódica (v. 1.1) que tinha por intenção fazer da História uma disciplina cientificista na qual era renegada sua característica subjetiva, supostamente evitada pelo uso metódico das provas documentais.

os excessos e as disfunções. Segundo a autora, considerar o acontecimento como interrogador de processos e sistemas temporais lineares, é ter de lidar com os paradigmas dos relatos que obriga os pesquisadores a reelaborarem os sentidos da fala e repensarem no peso das palavras analisadas.

Arquembourg (2011) dissertou sobre os paradigmas da relação entre os narradores e as testemunhas, ambos envolvidos no processo de relatar. Nesse relato dos acontecimentos contemporâneos destaca-se a oscilação entre a cientificidade, objetividade e a pessoalização do discurso, que faz alternar a posição do sujeito do acontecimento e o agente da narrativa. Para a autora, quando o relato de uma testemunha ocular se insere em uma narrativa jornalística ou histórica, dotada de técnica e método, transforma o acontecimento-remoto em acontecimento-social. A esse processo de alteração do acontecimento a autora dá a denominação de ‘factualização’. Dessa forma, a autora destaca: “O acontecimento narrado é encarado através de uma perspectiva omnisciente e inscrito num dispositivo enunciativo impessoal que liga um destinatário e um remetente a um mundo físico comum” (2011: 53).

Além de um mundo físico comum, para que haja sentido na mensagem partilhada por destinatário e remetente, é necessário um símbolo em comum, ou ainda um discurso em comum. Como disserta Orlandi, a memória discursiva assume essa posição de ser o que dispõe de identidade entre os sujeitos dos discursos, ou, como explica a autora, é o “saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito na base do dizível, sustentando cada tomada palavra” (1999: 31).

A autora considera a memória discursiva como um interdiscurso, que especifica as condições nas quais um acontecimento se torna capaz de se inscrever em uma continuidade interna, em um espaço temporal potencial de coerência própria da memória. O interdiscurso caracteriza-se, portanto, como um conjunto de formulações já realizadas e já esquecidas, nas quais determinam o que iremos dizer. Ou seja, para que as palavras tenham algum sentido, é necessário que elas já tenham feito sentido em algum momento em particular por um sujeito em específico. Também é preciso que o que foi dito seja apagado na memória e passe para o anonimato, só assim é possível que o já-dito faça sentido nas palavras de outro sujeito.

CAPÍTULO 3. Memória na mídia

Análogo ao acontecimento, a memória se relaciona com as temporalidades, pois está enraizada no passado e é nele que ganha a seiva vital para sua constituição. Como reflete Meneses (1992), é no presente que a memória é requisitada. Também é no presente que a rememoração recebe incentivo e as condições para ser efetivada. A memória, para Halbwachs (1990) e Pollak (1989), é um instrumento de reconfiguração do passado, um possível enquadramento dos acontecimentos já ocorridos a partir de demandas do presente.

Nesse cenário, é de interesse deste trabalho avaliar a mídia – espaço dedicado ao relato do presente – como meio de transmissão da memória social. Também é foco de interesse o papel na construção e atualização da memória coletiva.

3.1 A memória como fenômeno social: Maurice Halbwachs e Michael Pollak

Halbwachs (1990) explorou a memória enquanto fenômeno social, que para ele deve ser percebido e estudado em um contexto de coletividade. Para o autor, a memória do indivíduo é dependente das estruturas sociais, que são construídas por meio de interações sociais e da comunicação. As lembranças possuem um caráter coletivo, ainda que se tratem de acontecimentos vivenciados individualmente pois, segundo o autor, de fato, as pessoas nunca estão sós.

Para Halbwachs (1990), a principal função da memória coletiva é incentivar as relações e os laços entre membros de um grupo social, por meio de seu passado e experiência¹⁷ comuns. Como representação de imagem compartilhada do passado, a memória coletiva confere aos acontecimentos e às histórias uma ilusão de inalterabilidade, pois revelam valores e tradições, os quais, apesar das rupturas históricas não sofrem modificações e permanecem cristalizados. A memória, para o autor, consolida-se enquanto elemento de ancoragem da identidade social, na qual são asseguradas as continuidades de tempo e espaço.

¹⁷ Neste trabalho adota-se o conceito de experiência de Dewey (1998), que a considera como uma atitude empírica ou experimental da mente com tendência para o racional-reflexivo ou para o subjetivo-estético. A experiência, para o autor, é sempre atual e está sempre em estado nascente, pois o seu grande operador é a linguagem. Ou seja, a experiência não se reduz ao já construído e determinado, ela está sempre em contínua construção e problematização. Dessa forma, tal conceito se aproxima das interpretações sobre o acontecimento aqui dissertadas.

Nessa linha de raciocínio, esquecer um período da própria história é, de certa forma, perder o contato com o grupo. O autor considera que

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e haja que bastante pontos de contato entre uma e as outras, para que uma lembrança que nos recordam passa a ser reconstruída sobre um fundamento comum (Halbwachs, 1990: 34).

Como reflete o autor, por vezes as pessoas estão tão ligadas aos grupos sociais que atribuem a si mesmas ideais, reflexões, sentimentos e paixões que são, na realidade, das estruturas sociais que as rodeiam. Assim, os acontecimentos que estão sempre mais gravados na memória são também os que estão mais presentes nos grupos sociais, da mesma forma como as lembranças mais difíceis de serem acessadas são aquelas que não são evocadas pelo contexto social.

Halbwachs (1990) também estuda a oposição entre o âmbito da memória - que engloba as experiências, afeto, tradição - e o da história, que abrange conceitos, problemas e crítica. A memória coletiva é capaz de estabelecer uma continuidade entre o que é passado e o que é presente, restabelecendo a unidade nas rupturas e quebras do processo histórico de uma sociedade. Dessa forma, a memória coletiva tem como característica 'solucionar o passado', na atualidade; ela representa, portanto, imagens e símbolos capazes de reviver aquilo que ficou para trás, 'curando' as feridas abertas. É mais particular e abarca grupos que estão próximos ou, cronologicamente, ou por unidades identitárias. É orientada por interesses e necessidades de grupos no presente, que funcionam como administradores da reconstrução e da seleção memorial.

A história, ainda segundo o autor, tem outras responsabilidades. Ela oferece uma construção narrativa lógica, dotada de sentido e com algum grau de objetividade, necessário para produzir credibilidade científica. Ela lida com o passado, mas tenta ser neutra e universal; coordena os eventos passados e está centrada na avaliação das contradições e rupturas.

O pensamento contributivo de Halbwachs (1990), para o estudo da memória enquanto fenômeno social permanece em voga nas discussões atuais. O argumento de que os grupos sociais são capazes de desenvolver uma memória coletiva e que essa memória está associada à preservação de uma identidade, que a torna único e distinguível dos demais, ainda é o ponto de partida para os debates sobre a memória na

contemporaneidade. No entanto, o conceito de memória coletiva e de identidade apresenta-se, para o autor, como estático, repetitivo e consensual.

Pollak (1992), nos anos 1980 e 1990, renova o discurso de Halbwachs, expondo como característica da memória coletiva possuir marcos e pontos invariantes em seu sistema. No entanto, ele não esquece de destacar seu caráter flutuante e mutável. Para Pollak, as alterações na memória e na identidade de uma sociedade são inevitáveis, mas, por vezes, os trabalhos de memória foram tão solidamente construídos que “determinado número de elementos tornam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificar em função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala” (Pollak, 1992: 2).

Para o autor, os principais pontos constitutivos da memória são: os acontecimentos vividos pessoalmente; os acontecimentos vividos “por tabela”, vividos paralelamente, isto é, que nem sempre são experimentados pela pessoa, mas foram vividos pelo grupo social¹⁸; pessoas e personagens, que assumem o mesmo sistema daquele dos acontecimentos; e, por último, os lugares¹⁹.

Os elementos constitutivos de memória podem ser conhecidos direta ou indiretamente, e dizem respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos. Mas podem, também, se tratar de projeções e transferências, nas quais assumem o lugar da herança memorial. Nessa perspectiva, o autor afirma, “a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado” (Pollak, 1992: 4).

Por se tratar, por vezes, de uma herança, a memória pode sofrer alterações que são dependentes do momento em que está sendo articulada e expressa. As intenções do momento podem estruturar um tipo de memória e, dessa forma, pode-se assumir que há uma relação fenomenológica entre memória e identidade. Para Pollak,

a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator

¹⁸ O autor continua a considerar: “a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. De fato, podem existir “acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação” (Pollak, 1992: 2).

¹⁹ Sobre os lugares de memória, o trabalho apresentará discussão no subtítulo 3.3.

extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (1992: 5).

As intenções do presente podem estruturar, de formas distintas, a memória. Desse modo, estão inseridos nos estudos memoriais a questão dos trabalhos de enquadramento da memória. Pollak (1989:7), em obra contígua, afirma que a memória é uma “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar”. Ela integra iniciativas para reforçar os sentimentos de pertencimentos, bem como as fronteiras sociais entre os grupos. Assim, as funções essenciais da memória social são manter a coesão interna e, ao mesmo tempo, defender as fronteiras daquilo que a sociedade tem em comum.

Conforme os autores discutidos, neste trabalho, considera-se que as sucessões de lembranças se alteram pelas mudanças produzidas nos meios coletivos, de forma que as unidades de recordação se transformam em multiplicidade de lembranças. A memória coletiva é, dessa forma, uma memória orgânica do indivíduo que opera no âmbito sociocultural e, também, uma possibilidade de criação de uma versão compartilhada do passado, resultado da interação entre membros do grupo, da comunicação social e, especificamente, da mídia.

3.2 Acontecimento e memória

Babo-Lança (2012) reflete, a partir do estudo sobre a configuração midiática dos acontecimentos, que as mídias funcionam não só como transmissores de uma memória social – realizando um trabalho de enquadramento memorial – mas também são responsáveis pela seleção de acontecimentos dignos de memória. Em consonância com as ideias de Halbwachs (1990), Babo-Lança considera que a linguagem e os costumes de uma sociedade que estão ligados e são condição *sine qua non* desses grupos sociais. Desse modo, a linguagem e os costumes agem como reconstrução do passado que serve como referência ao apresentar estabilidade e generalidade.

Para a autora, a interpretação do passado por meio da memória depende essencialmente dos quadros presentes, nos quais se revelam as representações e interesses atuais do grupo social. É nesse sentido que a narrativa midiática, entre outras, assume o papel de recuperação de memórias fragmentadas. A notícia se torna um documento com duplo valor memorial: de inscrição da memória, responsável pela externalização e fixação desta; e de relato, encarregado de descrever e narrar os acontecimentos.

Em diálogo com Babo (2009), Babo-Lança (2012) revela que as notícias, enquanto documentos em conjunto arquivístico, perdem a forma temporal e apresentam uma lógica topológica, na qual o acontecimento sai do sistema evenemencial e se integra ao universo da marca e incisão espaço-temporal, como os museus, os santuários, os caminhos históricos. Nesse sentido, o acontecimento midiático torna-se ao mesmo tempo uma forma de transmissão da memória – pela narrativa no qual está inserido – e uma marca memorial, enquanto arquivo.

Nos acontecimentos, segundo a autora, a mídia se apropria do papel pragmático na construção de uma memória coletiva e também no processo de recordação pública. Ao selecionar os acontecimentos que merecem ser recordados, a mídia cria um mecanismo de apropriação e um trabalho de enquadramento da memória de uma sociedade. Portanto, de acordo com Babo-Lança, “se o jornalismo vive ao ritmo do acontecimento, constituindo seu lugar de irrupção pública preferencial, também é hoje dominado pela lógica arquivística e rememorativa” (2012: 62).

Sobre a relação entre o acontecimento e a memória em um processo discursivo, Pêcheaux considera que:

a memória tende a absorver o acontecimento, como uma série matemática prolonga-se conjecturando o termo seguinte em vista do começo da série, mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa "regularização" e produzir retrospectivamente uma outra série sob a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior (1999:52).

Para o autor, em um processo discursivo, há um jogo de força da memória que atua sobre a capacidade irruptiva do acontecimento. Tal jogo perpetua o sistema de estabilização parafrástica que negocia a absorção do acontecimento e, também, ajuda na desregulação e na desestabilização da memória. Dessa forma, essa relação que parece dicotômica assume um caráter duplo no discurso que ora transparece a estabilidade e ora apresenta a novidade, em uma convivência que gera inteligibilidade.

3.3. A sedução pelos locais de memória nos tempos líquidos: Pierre Nora, Andreas Huyssen, Zygmunt Bauman.

Após os estudos de Halbwachs (1990) e Pollak (1992), o final do século XX marcou os estudos da memória também pelos acontecimentos históricos. Para Huyssen (2000), a queda do muro de Berlim, as pesquisas sobre as consequências do holocausto e a efervescência da globalização geraram um processo de supervalorização da memória. Esse processo tem relações com a forma como a sociedade se relaciona com a concepção de tempo.

Bauman (2007) sugere que o final do século XX e o século XXI deve ser visto como ‘tempos líquidos’. Ele explica que na passagem da fase ‘sólida’ da modernidade para a ‘líquida’ as instituições apresentam característica disforme, pois não conseguem manter suas configurações por muito tempo. Essa propriedade é gerada pela decomposição e dissolução que rapidamente reformula e remodela as instituições. O autor esclarece:

é pouco provável que essas formas, quer já presentes ou apenas vislumbradas, tenham tempo suficiente para se estabelecer, e elas não podem servir como arcabouços de referência para as ações humanas, assim como para as estratégias existenciais a longo prazo (2007: 7).

Incapazes de reduzir o ritmo estonteante da mudança, muito menos prever ou controlar sua direção, as pessoas se concentram nas coisas que podem, acreditam poder ou creem que podem influenciar: tentam calcular e reduzir o risco de que eles, pessoalmente, ou aqueles que são mais próximos e queridos no momento, possam se tornar vítimas dos incontáveis perigos que o mundo opaco e o futuro incerto supostamente têm guardado.

Condenados a viver em um presente eterno, em que se torna intolerável a consciência da irreversível passagem do tempo, uma forma de fixar raízes e modelar uma lógica institucional em um mundo disforme é por meio da memória. O fim da Segunda Guerra Mundial e a sucessão de outros acontecimentos-monstros²⁰ no último século, geraram na sociedade a incapacidade de relatar as experiências, ou seja, de expressar a memória narrativamente. O trauma vivido pelos grandes acontecimentos, que reverberaram no discurso midiático estimularam um momento de negação da memória coletiva. O silêncio imperava na memória naquele momento. Desde então, houve a necessidade de lembrar o que aconteceu. Assim, como ressalta Huyssen (2000), em um cenário mais favorável, teve início o estudo da memória movido pelos processos de

²⁰ Nora (1974), considera que a mídia é responsável por uma forte espetacularização dos acontecimentos, salientando uma grandeza fenomenal e arrebatadora que atribui a ele um caráter monstruoso (ver capítulo 1).

democratização, pela luta pelos direitos humanos e expansão das esferas públicas nas sociedades civis. Para o autor, a indústria cultural também estimulou um processo de sedução memorial no final do século XX. Como ele observa:

A reciclagem e exploração pela indústria cultural de tópicos relacionados a memória contribuem para a expansão de preocupações relativas a memória na esfera pública. Num sentido mais amplo, contudo, a maior parte da cultura contemporânea da memória resulta do naufrágio imaginário de utopias futuras característicos do século XX (Huysen, 2004:101).

Huysen (2000) se baseia em Lübbe (1995) para falar do processo de musealização como algo central no deslocamento da sensibilidade temporal do último século. Para os autores, nunca antes o presente tinha ficado tão obcecado com o passado como agora, afirmando o historicismo da cultura contemporânea. A obsessão por esses locais que guardam memória não se encontra apenas nos museus físicos, como também se apresenta infiltrados em diversas áreas da vida cotidiana.

Para Huysen, o que Lübbe considera como musealização pode ser entendido como crescimento do discurso da memória na historiografia atual. A necessidade de estudar a memória nas ciências sociais também se dá pela extensão do presente, impulsionada pela intensa velocidade no desenvolvimento das inovações técnicas, científicas e culturais que reduzem o tempo de vida dos produtos, gerando obsolescência. Para os autores, como forma de combater a velocidade das mudanças e o contínuo encolhimento dos horizontes de tempo e espaço, é necessário que haja a proeminência da memória e da musealização.

Huysen (2000) explica que Lübbe (1995) prevê o museu (e nesse caso não fala só do museu físico, mas também de suas representações) como capaz de compensar a perda de estabilidade constituída pela expansão do presente em detrimento da diminuição do futuro e do passado, pois estes são sugados pela força intempestiva do presente. O museu oferece formas tradicionais de identidade cultural a um sujeito moderno desestabilizado pela falta de coesão resultante da sobreposição do presente sobre o resto do tempo.

Lübbe (1995) então julga que o museu vem para contrabalançar a perda das tradições vividas, da entropia do passado, da desorganização do tempo, da atrofia das tradições válidas, elaborada pelo desenvolvimento de um presente em eterna expansão. Nesse sentido, os argumentos de Lübbe se assemelham aos de Nora (1993) sobre a problemática dos lugares de memória. Segundo Nora, esses locais surgem e permanecem

devido à sensação de ausência de memória espontânea, ou seja, quando já não há mais meios naturais de desenvolvimento da memória.

Nora (1993) reflete que se a memória fosse habitada de forma involuntária não seriam necessários lugares consagrados para recordar. Esses locais são restos e rastros onde subsiste uma consciência comemorativa, são marcos testemunhais de outros tempos, o que reflete no aspecto nostálgico desses lugares. Para o autor, essa necessidade de instituir locais para lembrar é um apego visceral à uma memória que ainda faz manter os sujeitos devedores daquilo que os engendrou, ou seja, a identidade.

Por isso, conforme o autor, vive-se em um

momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação (Nora, 1993: 7).

Tal momento é representado também pelo fim das sociedades-memória, àquelas responsáveis pela conservação e transmissão dos costumes e valores morais – Igreja, Estado, Escola, Família – e das ideologias-memória, que tratam dos processos de reação, progresso e revolução e que têm como objetivo traçar o fim de uma era passada para um futuro mais agradável. Se na contemporaneidade ainda vivêssemos dessa forma, cada comportamento seria realizado com base em uma repetição estrita do que era costume fazer. A manutenção das tradições garantiria uma “identificação carnal do ato e do sentido” (Nora, 1993: 8).

No entanto, a sedução pelos locais são hoje, para o autor, uma forma de tentar alcançar uma memória que já não se habita, que são semi-oficiais e institucionais, que apresentam características semi-afetivas e sentimentais. Essa sedução ainda mostra a preocupação de uma sociedade pelo apego a sua vida simbólica.

Quanto menos a memória é vivida e surge de forma involuntária, mais ela precisa de meios e suportes externos. Nesse sentido é que entra a atuação da mídia, que pode substituir uma memória para a herança de sua própria intimidade pela “película efêmera da atualidade, na qual possui um modo da percepção histórica que, com ajuda da mídia, dilatou-se prodigiosamente” (Nora, 1993: 8).

A obsessão pelo arquivo assinala a necessidade contemporânea de preservar o presente e o passado. A sensação de desaparecimento em grande velocidade, a

preocupação com o significado do presente e a incerteza do futuro conferem aos mais simples testemunhos e vestígios a alcunha de memória.

O fenômeno da aceleração nos revela a distância entre a memória social – intocada e involuntária – e a história das sociedades condenadas ao esquecimento, que necessitam produzir o passado, pois são constantemente levadas à mudança. Dessa forma, Nora (1993) pressupõe que o que se chama de memória atualmente, na realidade, já se constituiu como história. O autor diferencia a memória verdadeira – que está abrigada no gesto, nos hábitos, nos comportamentos e símbolos – da memória transformada em história, que é deliberada, voluntária, globalizante.

A passagem da verdadeira memória para a história exigiu que cada grupo social redefinisse sua identidade com o objetivo de revitalizar sua própria história. Cada um torna-se historiador de si mesmo. O esfacelamento da memória geral em memórias cada vez mais privadas dispõe à “lei da lembrança um intenso poder de coerção interior. Ela obriga cada um a relembrar e reencontrar o pertencimento, princípio e segredo de identidade” (Nora, 1993: 18).

Os lugares de memória, conforme Nora, possuem três sentidos: material, simbólico e funcional. Esses aspectos coexistem e constituem o jogo da memória e da história. Os locais não possuem referências com a realidade, são eles mesmos seus próprios referentes, estão em estado puro. Tal característica não quer dizer que eles não possuam conteúdo e presença física, ao contrário, eles são um “recorte no indeterminado do profano – espaço ou tempo, espaço e tempo – de um círculo no interior do qual tudo conta, tudo simboliza, tudo significa” (Nora, 1993: 27). Eles se constituem com a ajuda das ferramentas mais banais e comuns, como os assuntos mais evidentes, as fontes mais disponíveis, os métodos menos sofisticados.

No entanto, para Huyssen (2000), os argumentos de Nora (1993) e Lübbe (1995) sobre a perda da memória e das tradições, e o desenvolvimento da musealização e dos locais de memória são visões conservadoras e maniqueístas sobre os deslocamentos das estruturas de sentimento sobre o tempo. Para ele, tal explicação de que os locais de memória e a musealização são ferramentas compensatórias das perdas geradas pela modernização do mundo social é simples e ideológica. Por outro lado, o autor sugere que o senso de passado seguro está sendo desestabilizado pela indústria cultural e pela mídia, que se apresentam como atores centrais no processo de modificação da memória.

Ao invés de procurar estabilidade para viver em um local seguramente circunscrito – onde impera a nostalgia de um passado melhor – deve-se perseguir, segundo o autor, uma nova compreensão do espaço-tempo, a fim de perceber alguma continuidade dentro do tempo convulsionado e contemporâneo, que propicie um tipo de prolongamento deste espaço-tempo.

Da mesma forma como avalia Baumam (2007), Huyssen também acredita que o mal-estar da sociedade contemporânea está associado ao intenso fluxo de informações, com o qual a sociedade não está pronta para lidar. Para o autor, “quanto mais rápidos somos empurrados para o futuro global que não nos inspira confiança, mais forte é o nosso desejo de ir mais devagar e mais nos voltamos para a memória em busca do conforto” (Huyssen, 2000: 32). As práticas de memória atualmente expressam a necessidade crescente de uma fixação espaciotemporal no mundo em rede. Essas práticas se mostram cada vez mais densas e comprimidas.

Para que se consiga sanar as necessidades culturais num mundo globalizado, o autor propõe a expansão da natureza do debate público, desacelerar ao invés de acelerar, tentar curar as feridas do passado para expandir o espaço habitável e garantir um tempo de qualidade. Tais aspectos estão intimamente ligados às articulações das memórias locais, que em um cenário favorável, incentivariam os processos de democratização memorial e das lutas por direitos humanos, fortalecendo as esferas públicas da sociedade civil.

O autor conclui que as memórias experienciadas são ativas, vivas e incorporadas nas estruturas sociais e essas são as memórias necessárias para construir futuros locais diferenciados numa ordem globalizante. A longo prazo, no entanto, essas memórias vão sofrer alterações estimuladas pelas tecnologias de comunicação e pelos seus efeitos, pois elas são e serão transitórias, não confiáveis e passíveis de esquecimento, mesmo porque são humanas e sociais. Se as noções de tempo e espaço estão sendo reavaliadas nas nossas culturas de memória contemporâneas, deve-se perceber que o tempo não é apenas o passado e suas transmissões, mas a articulação entre as temporalidades e tudo o que as compõe. O excesso de memória impele a reflexão sobre o que é passado usável e dispensável, e como a cultura e a mídia podem ser importantes ferramentas nessa escolha.

3.4 Memória na narrativa da atualidade

A narrativa jornalística baseia-se no relato da atualidade e organiza os acontecimentos, assumindo o vínculo com diferentes temporalidades. Essa narrativa lida com a memória coletiva não apenas ao relatar os acontecimentos – que, como foi discutido no capítulo 2, produz experiências e expectativas – mas também ao selecionar os acontecimentos dignos de se tornar memória no futuro.

Ricoeur, na obra *Tempo e Narrativa, tomo I* (1994) explica que as narrativas são elaboradas de acordo com a forma que os sujeitos as colocam no mundo. Nesse sentido, novas narrativas sempre são contruídas a depender das interpretações e reinterpretações produzidas pelas diversas representações do mundo social. Por meio da narrativa é que se produzem diferentes perspectivas sobre o mundo ao longo do tempo. Essas múltiplas interpretações sobre o tempo são unificadas por meio da narrativa e essa unificação ocorre pela operação mimética.

Com base nas ideias de Santo Agostinho (1973)²¹ e Aristóteles (2008)²², Ricoeur discute o que é o ato narrativo pelas interpretações dos paradoxos do tempo e pela constituição de sentido inteligível deste ato. O diálogo entre os autores permite a Ricoeur considerar que a organização da intriga²³ consiste na seleção e sistematização dos acontecimentos a fim de construir um texto com sentido completo. A intriga é a composição verbal responsável por fazer a transformação do texto em narração de forma que a história contada possua início, meio e fim. Dessa forma, a intriga é o mediador entre o acontecimento e a história, com objetivo de constituir sentido, de causar inteligibilidade.

É por meio da intriga que se configura e se reconfigura a experiência temporal. Já a narrativa gera compreensão fundamental para a configuração do tempo e, portanto, para a configuração da vida. A narrativa consegue atingir seu pleno significado ao se tornar uma condição da existência temporal.

²¹ *Confissões* foi uma obra filosófica e autobiográfica escrita, provavelmente, entre os anos de 397 e 398.

²² Estima-se que o original de *A Poética* tenha sido escrito no século IV a.C, durante o período de fundação da Escola de Atenas.

²³ A poética é uma obra que trata da "arte da poética", e particularmente com as noções de tragédia, épica e imitação (mimesis). Para Aristóteles, uma história é uma imitação do que acontece, o que aconteceu ou o que pode acontecer. Sendo imitações ou representações do real - e não o real em si -, para ser fiel ao que é imitado, tem que condensar, recriar e filtrar a realidade, isso é função da intriga. A intriga, para Aristóteles, não pode ser nem tão vasta que se torne impossível abarcá-la com a memória, nem tão complexa que seja de impossível entendimento. Assim, a intriga é aquela que demonstra a ligação entre os diversos incidentes da ação, de modo que a omissão de um deles supõe a destruição de todo o conjunto. A tessitura da intriga, para Ricoeur (1994), é um trabalho de composição inteligível do acontecer na narrativa. Está associada à mimeses – entendida como representação da ação – e à organização dos acontecimentos. A narrativa, segundo o autor, implica um *mythos* – ordenação do agir –, que estabelece uma concordância no interior da discordância e pluralidade do acontecer.

Segundo a perspectiva de Ricoeur (1994), os acontecimentos são modificados, preservados ou resignificados no momento em que se submetem interpretativamente às estratégias narrativas, tornando-as inteligíveis. Nesse sentido, pode-se considerar que os acontecimentos possuem dimensões hermenêuticas da consciência histórica, na qual estão inseridas remissões do passado e da memória, que geram projeções para o futuro a partir de rastros, indícios, vestígios, símbolos, arquivos e documentos.

Portanto, de acordo com o argumento do autor, ainda que se trate sobre o presente, a narrativa jornalística apresenta memória em sua constituição. Deve-se considerar que a narrativa noticiosa articula a sedimentação de padrões existentes anteriores à novidade, é a ligação com a tradição e com os esquemas narrativos de conhecimento do narrador e do leitor, em que é possível notar e entender o desvio, a inovação, o que surge de novo. A existência da novidade, característica primeira da narrativa jornalística, só é possível se constituir a partir de uma base cultural que gera no receptor da mensagem as expectativas impostas pelo narrador no processo de mediação.

Como coloca Casalegno (2006), dividir uma memória é compartilhá-la em conjunto e é por meio da narrativa que conseguimos restituir as experiências. Dessa forma, a narrativa assume caráter fundador, pois além de ser suplente da experiência compartilhada, ela é também participante da fundação da memória coletiva. Uma memória comum se forma a partir das informações enviadas por membros de um grupo social que nutrem um sistema único, por meio da narrativa. O autor cita Benjamin (1987) para explicar que a narrativa não se interessa em transmitir o 'puro em si' do objeto narrado como uma informação ou um relatório, mas sim em mergulhar na vida do narrador para em seguida retirar-se dele.

CAPÍTULO 4 – Metodologia de pesquisa

Como proposta metodológica, este trabalho utiliza a hermenêutica ricoeuriana (Ricoeur, 1978) para a análise de dois grupos de *corpus*, o primeiro constitui-se de quatro notícias dos jornais do Brasil e de Portugal – Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, Correio da Manhã e Público – e o segundo abarca os discursos de 35 peregrinos brasileiros e portugueses no Caminho de Santiago de Compostela.

Como afirma Thompson (2011: 357), “a hermenêutica também se presta a ser um caminho metodológico, onde e quando o ser histórico se sujeita a demonstrar seus próprios caminhos de compreensão e interpretação”. É pela interpretação hermenêutica que é possível articular e reelaborar historicamente os sentidos e os significados da compreensão humana.

Dessa forma, em um cenário de tempos líquidos e sensação de aceleração do tempo, opta-se pela análise da narrativa sob a perspectiva hermenêutica. Segundo Gadamer (2006), as análises geraram, nesse campo de estudos, uma inteligibilidade compreensiva responsável pela concepção do jornalismo como espaço de produção de consciência no tempo, ou seja, do jornalismo como produtor de consciência da historicidade do tempo. Para o autor, o jornalismo se consolidou como protagonista de nossa experiência de consciência histórica.

4.1 A tríplice mimese

Para Ricoeur (1994), a função mimética da narrativa é um processo ativo e dinâmico de produzir a representação ou a imitação da ação (agenciando fatos) por meio da linguagem. O autor argumenta que a atividade mimética produz a disposição dos fatos pela tessitura da intriga, dando ênfase ao seu caráter de coerência, ao seu fazer. Nesse sentido, o autor estabelece uma relação entre os conceitos de mimese, como representação ou imitação da ação, e *mythos*, a composição da intriga de Aristóteles, que está ligado ao termo ‘narrativa’ para Ricoeur. Desse modo, entende-se que compor uma intriga é colocar uma ação em movimento, em continuidade, em desenvolvimento.

O desenrolar de tal movimentação da ação está submetido a uma relação da narrativa com o tempo, na qual, segundo Ricoeur, pode ser compreendido como uma analogia em que “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado em modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma

condição da existência temporal” (1994: 85). Assim, conforme o autor, para decifrar as questões que envolvem a relação entre o tempo e a narrativa, é preciso estabelecer a função mediadora da tessitura da intriga em um processo de mimese. Para isso ele sugere que se estude a narrativa como o seguimento de um tempo prefigurado (mimese I) em um tempo refigurado (mimese III), passando pela mediação do tempo configurado (mimese II), nomeado pelo autor de “Tríplice Mimese”.

Em conformidade com o pensamento de Ricoeur, este trabalho vê a hermenêutica como uma metodologia que possibilita a reconstrução do conjunto de diferentes operações pelas quais um texto “eleva-se do fundo do opaco do viver, do agir e do sofrer para ser dada por um autor a um leitor que a recebe e assim muda o seu agir” (1994: 86). Desse modo, tal metodologia não se limita em observar a mimese II entre a mimese I e a mimese III, mas também se interessa por caracterizar a mimese II por sua função de mediação.

4.1.1 Mimese I

A intriga, em sua composição, apresenta raízes em uma pré-compreensão do mundo e da ação, quais sejam: pré-compreensões das estruturas inteligíveis, das fontes simbólicas e do caráter temporal. O traço estrutural da intriga diz respeito às próprias formas narrativas mais caras a uma determinada sociedade, que compreende um conjunto de regras consideradas pertinentes a um bom modo de narrar, ou a uma tradição narrativa. Ou seja, a intriga se baseia em conceitos comuns, concepções básicas que movimentam a vida humana.

Dessa forma, como afirma Ricoeur:

(...) qualquer narrativa pressupõe, da parte do narrador e de seu auditório, uma familiaridade com termos tais como agente, fim, meio, circunstâncias, socorro, hostilidade, cooperação, conflito, sucesso, fracasso etc... Nesse sentido, a frase narrativa mínima é uma frase de ação da forma X faz A nestas ou naquelas circunstâncias e levando em conta o fato de que Y faz B em circunstâncias idênticas ou diferentes. Finalmente as narrativas tem como tema o agir e o sofrer. (Ricoeur, 1994: 90)

No entanto, o autor adverte que a narrativa não se limita no pré-entendimento da trama conceitual da ação, pois também há características discursivas que tem como função criar ou escolher as modalidades de discurso que são dignos de serem chamados de narrativa. Nesse sentido, Ricoeur se refere às questões do estilo, pois mais do que contar uma história, o texto, por via da sintaxe e de sua dicção, estabelece um padrão que

nos permite chamá-lo de narrativo e não de um conjunto de ações, assim, a linguagem estabelece a instância narrativa. Dessa forma, para o autor, compreender uma história é também entender, em simultâneo, a linguagem do fazer e a tradição cultural das formas (regras) das intrigas.

Existem elementos que responsáveis pela constituição da tal tradição cultural da narrativa são capazes de responder perguntas como: “quem? onde? por quê? o quê? como? para quê? com quem? contra quem?” (Ricoeur, 1994: 55). Esses elementos são: (1) metas: dizem respeito às finalidades das ações, representam também uma expectativa de futuro inserida na ação; (2) motivos: os agentes são movidos por crenças, desejos, intenções e convicções que estimulam o fazer; (3) agente: aquele que realiza a ação; (4) circunstâncias: uma ação não ocorre isoladamente, ela se encontra inserida em suas circunstâncias; (5) interação: as ações se apresentam socialmente e, por isso, assumem um caráter relacional; (6) desfecho: uma ação é sempre levada a um sentido de fim, a um fechamento. Este trabalho propõe, como ferramenta metodológica, identificar as relações da trama nos eventos narrativos.

O traço simbólico da mimese I se revela por um conjunto de mitos, crenças, valores, questões éticas e morais, enfim, uma ampla gama de manifestações típicas da cultura. A composição da intriga está conectada a processos culturais que articulam a experiência incorporando-se à ação e oferecendo a ela uma legibilidade e regras de valor. Os traços simbólicos da pré-compreensão comandam quais aspectos do ‘fazer’, do ‘poder-fazer’ e do ‘saber-poder-fazer’ pertencem à transposição poética.

Nesse entendimento, uma ação só pode ser narrada porque em algum momento, por meio da articulação de signos, regras e normas ela foi simbolicamente mediatizada. Por mediação simbólica, entende o autor, um conjunto de símbolos (signos)²⁴ que embasam a ação a ponto de constituir o seu sentido mais consensual²⁵. “Assim, antes de serem submetidos à interpretação, os símbolos são interpretantes internos da ação” (1994: 93). Essas normas articulam os signos disponíveis como forma de garantir que a ação passe por uma avaliação e justificação, que estão relacionadas aos aspectos éticos da

²⁴ Este trabalho reconhece as diferenças conceituais dos termos símbolos e signos, no entanto, como forma de facilitar o entendimento, considera os termos como sinônimos.

²⁵ Como consensual considera-se aqui símbolos e signos que são de pleno conhecimento do autor e do público leitor.

experiência. Tais aspectos, que se manifestam por meio de recursos simbólicos, sugestionam a impossibilidade de neutralidade nas ações humanas. O comprometimento ético é parte integrante da negociação dos significados nas narrativas.

Quanto ao traço temporal, Ricoeur ressalta que eles permanecem implícitos às mediações simbólicas e revelam o intercâmbio entre as dimensões temporais do presente, passado e futuro em uma estrutura de intratemporalidade, pressupondo o ser no tempo. O autor explica que analisar essa intratemporalidade é perceber mais do que uma simples sucessão de agoras, é entender fatos, circunstâncias, falas, pessoas e sentimentos encadeados em uma lógica temporal que vai de um começo a um fim.

Para isso, o autor sugere que sejam observadas as unidades lógicas menores, chamadas de incidentes narrativos, que são unidades temporais com significado que estão distribuídos em sucessão na medida em que se manifestam os acontecimentos ligados ao todo narrativo. Cada uma dessas unidades menores está vinculada a uma ação principal que é responsável por fazê-las integrar aos elementos da trama conceitual. A articulação desses incidentes representa as mudanças ocorridas no desenvolvimento da experiência. Cada nova unidade evidencia um passo dado no seguimento das experiências relatadas e enfatiza um aspecto significativo para o entendimento da história.

O tempo prefigurado – mimese I – se apresenta como o posicionamento da experiência em determinados contextos que constituem os espaços ou cenários da experiência (*locus* de memória). Compreender como esses cenários se compõem narrativamente é identificar como os indivíduos interpretam as relações históricas e culturais que informam suas experiências sociais, analisando as articulações entre estas relações e o desenvolvimento dessas experiências.

4.1.2 Mimese II

A mimese II, para o autor, representa a fase de mediação da prefiguração do campo prático para a refiguração na recepção da obra, ou seja, representa o processo de configuração textual. A função mediadora dessa fase origina-se da dinamicidade do processo de configuração. Esse dinamismo ocorre porque a intriga exerce no campo textual a função de integração.

Na segunda mimese, os elementos presentes na mimese I assumem um formato, no qual o ‘como se’ ganha protagonismo e o ‘por que’ deixa de ser uma pergunta implícita para se tornar uma explicação concreta das ações no desenrolar da narrativa. E é por isso que essa mimese é responsável por ligar os acontecimentos individuais à história como um todo. Ela transforma os eventos em acontecimentos que extrapolam sua simples ocorrência, estando assim em consonância com a perspectiva de Dosse (2013) sobre o acontecimento contemporâneo (ver capítulo 2).

A história também não se apresenta como uma simples sucessão de acontecimentos singulares, ela é capaz de construir um tema ou uma matéria, que o autor chama de ‘síntese do heterogêneo’, na qual há a mistura coisas distintas em uma lógica generalizante, sensata. Dessa forma, a intriga compõe fatores como metas, motivos agentes, meios, interações, circunstâncias e desfechos de modo generalizante.

A intriga é, portanto, tecida pela combinação de duas dimensões temporais: a cronológica (ou episódica) e a não-cronológica (configurante). A primeira trata dos acontecimentos, da sucessão dos episódios no desenvolvimento da narrativa, ou seja, revela como os episódios levam a tal conclusão. A não-cronológica se refere a sucessão de acontecimentos em uma totalidade significativa, na qual a narrativa inteira pode ser resumida em ‘tema’, como foi explicado anteriormente.

Por último, o autor considera o par de conceitos – esquematismo e tradicionalismo – como uma composição da relação específica com o tempo. O esquematismo é o que torna a obra inteligível, pois seu caráter sintético agrega entendimento e intuição. É aquele elemento que possibilita – por meio da constituição do ‘tema’ – o entendimento das mudanças do porvir e prevê o desfecho das narrativas. Já o tradicionalismo refere-se à “uma história que tem todas as características de uma tradição” (Ricoeur, 1994:107).

4.1.3 Mimese III

Mimese III é responsável por estabelecer as marcas de aproximação entre o mundo do texto e o mundo do leitor. Ricoeur, a partir do pressuposto que a investigação está na relação entre tempo e narrativa, aborda o mundo do leitor na perspectiva de que “a narrativa tem seu sentido pleno quando é restituída ao tempo do agir e do padecer em mimese III” (Ricoeur, 1994: 110), e essa restituição, para ele, se dá no ato da leitura.

O processo de refiguração, no qual está a terceira mimese, reinventa a intriga por meio da sua própria compreensão. Ou seja, por meio do entendimento do texto

configurado, o leitor constrói a sua identidade – em contraste com a dos outros – estabelece reconhecimentos e compara situações para elaborar uma visão de si mesmo, do mundo e do outro, acrescentando algo da sua identidade à ‘nova’ intriga.

Para Ricoeur, portanto, os conceitos ‘esquematização’ e ‘tradicionalismo’ mostram a importância de analisar a narrativa sem as barreiras deterministas do que está fora e do que está dentro do texto. A leitura faz acontecer, concomitante ao seu ato, a configuração da narrativa. Ricoeur chama essa possibilidade de seguir concomitante à configuração de ‘atualização’ (1994: 118). As narrativas apresentam experiências e expectativas a partir das quais se estabelece diferentes relações com o texto, elas são uma das formas pelas quais a leitura ‘atualiza’ o texto.

Dessa forma, segundo o autor, a análise de um texto deve compreender o novo espaço produzido entre o mundo do texto e o horizonte de seus possíveis leitores. A leitura pode ser considerada, em alguma medida, a imitação da imitação, pois possibilita, a partir do configurado, o deslocamento. A promessa de significação se concretiza na interpretação. Logo após adquire um novo significado que já não necessariamente coincide com o pretendido inicialmente. O ato da leitura é, assim, responsável por aglutinar todos os momentos miméticos e amplia o conjunto de significados que define uma realidade.

4.2 *Corpus* de pesquisa

O *corpus* de pesquisa está dividido em dois grupos: o primeiro (G1) é constituído de reportagens sobre os Caminhos de Santiago de Compostela, ou seja, são narrativas jornalísticas e, portanto, representam uma forma de discurso midiático. Nele são aplicadas as etapas I e II das mimeses; o segundo grupo (G2) corresponde a visão do leitor da narrativa da peregrinação, composto pela resposta de pessoas que realizaram o caminho. Esse grupo é analisado pelos aspectos da mimese III (detalhamento em 3.3).

O grupo I (G1) conta com quatro reportagens online: duas de jornais brasileiros – Estado de São Paulo e Folha de São Paulo – e duas de jornais portugueses – Público e Correio da Manhã (anexos de 1 a 4). A peça 1 é a primeira reportagem de um especial do Estado de São Paulo sobre o Caminho de Santiago e chama-se “Epopéias Próprias”; o segundo texto é da Folha de São Paulo, “Como fazer o Caminho de Santiago de Compostela fugindo dos clichês?”, encontra-se na editoria de Turismo da Folha de São Paulo; a peça 3, “Alemães empurram Caminho de Santiago para junto do mar”, do jornal

Público, está em um tópico específico que possui apenas notícias sobre a peregrinação de Santiago; por último, a quarta reportagem, intitulada de “Pelos caminhos de Santiago”, é do Correio da Manhã Boa-Vida e está na editoria Destinos.

Os critérios de seleção das reportagens do grupo 1 foram: textos jornalísticos que tem como tema principal a peregrinação de Santiago e seus caminhos, para que as análises pudessem representar corretamente os objetivos do trabalho; narrativas publicadas em jornais de grande expressão no Brasil e em Portugal, com alto número de leitores e assinantes; reportagens online para facilitar o acesso e busca; as duas nacionalidades de língua portuguesa mais presentes no caminho de Santiago são a brasileira e portuguesa, por isso, textos retirados de jornais brasileiros e portugueses.

O segundo grupo (G2) abarca as repostas dos peregrinos às questões colocadas por meio da aplicação de um questionário (anexo 5), que retratam o discurso dos peregrinos sobre o final do processo – mimese III – de construção narrativa da peregrinação. O questionário foi aplicado em grupos do *Facebook* relacionados ao Caminho de Santiago com maior número de membros na língua portuguesa. São eles: Caminho de Santiago para mulheres; Caminho de Santiago de Compostela de Bicicleta; a Caminho de Santiago; Caminhos de Santiago de Compostela; Caminho Português Interior de Santiago. As narrativas correspondem as respostas de 35 peregrinos que realizaram o caminho entre os anos 2000 e 2018.

4.3 Modelo de análise

A partir da metodologia de pesquisa e suas relações com os constructos teóricos da investigação expostos, elabora-se um modelo para analisar o estudo de caso deste trabalho. Esse modelo é operacionalizado a partir da tríplice mimese de Ricoeur (1994) e tem por objetivo construir ferramentas voltadas às perguntas de pesquisa.

O quadro 1 demonstra as três etapas de análise do *corpus* dividido em dois grupos: o primeiro grupo engloba as narrativas midiáticas representadas pelas reportagens de jornais, analisados nas etapas mimese I e mimese II; o segundo corresponde ao discurso dos peregrinos, pesquisados na etapa mimese III. O quadro abaixo mostra o modelo de análise detalhado por etapa e os objetivos para o desenvolvimento da investigação do *corpus*.

Quadro 1 – Modelo de análise em três etapas²⁶

<i>Mimese</i> (<i>Etapa</i>)	Mimese I (prefiguração)	Mimese II (configuração)	Mimese III (refiguração)
<i>Do que se trata?</i>	Pré-compreensão da narrativa da peregrinação ²⁷ ;	A narrativa midiática ²⁸	A visão dos peregrinos refigurada pela narrativa midiática ²⁹
<i>Como fazer?</i>	Observar no texto midiático: 1. A estrutura da narrativa ³⁰ 2. Os recursos simbólicos da narrativa ³¹ 3. As unidades temporais representadas por expressões de tempo e marcadores temporais ³²	Observar no texto midiático: 1. Os acontecimentos jornalísticos que propõem a refiguração (atualização) da narrativa; 2. Os símbolos, locais, histórias e memórias mantidas pela narrativa	Observar na interpretação do peregrino: 1. Se e como as narrativas foram refiguradas 2. A relação entre o discurso do peregrino e a narrativa midiática 3. O contexto da motivação e resultado da peregrinação e a relação com a memória
<i>Com qual objetivo?</i>	Observar as pré-concepções da narrativa da peregrinação; notar os símbolos coletivos; perceber as identidades vinculadas às narrativas.	Perceber se e como esses acontecimentos midiáticos renovam a narrativa se e como reforçam as memórias	Notar as relações entre as mimeses; o vínculo entre a narrativa pré-figurada, configurada e a refigurada;

²⁶ Modelo operacionalizado a partir da tríplice mimese de Ricoeur (1994).

²⁷ Pré-entendimento do mundo no texto da peregrinação.

²⁸ Configuração da memória narrativa e o estímulo à atualização narrativa; Impulso à renovação por meio do acontecimento midiático.

²⁹ Leitura e o processo de renovação narrativa e a composição de memórias e atualizações.

³⁰ Como ela compõe termos heterogêneos que respondem às perguntas: O que? Quem? Por que? Como? Com ou contra-quem? Análise dos elementos: agente; metas e motivos; circunstâncias; interação; desfecho.

³¹ Entendimentos conjuntos de uma situação que funcionam como norma social. Possuem caráter de avaliação e justificação.

³² Desenvolvem qualidades temporais presentes nas ações narradas. Demonstram a relação entre o tempo e a ação que constroem a intriga.

CAPÍTULO 5 – Análises

Este capítulo constitui-se na aplicação do modelo de análise no *corpus*, grupos 1 e 2, nas respectivas etapas, mimeses I, II e III. Em cada peça do grupo 1 (narrativas jornalísticas) investiga-se a partir das mimeses I e II, enquanto que o grupo 2 (narrativa peregrina) é observado por meio da mimese III.

5.1 Peça 1- Grupo 1: Epopeias próprias³³

5.1.1 Mimese I

5.1.1.1 Traço estrutural

a) Agentes

No texto percebe-se uma relação de identificação entre o eu (narrador) e o peregrino (personagem). Apesar de se tratar de um texto jornalístico – com pretensão de objetividade e distanciamento – o autor do texto traz sua experiência pessoal e constrói, desse modo, um processo de identificação, na perspectiva de um personagem simbólico e abstrato, o peregrino.

Quando alterna a sua experiência e a do peregrino, o autor incorpora a simbologia do peregrino. Esse vínculo pode ser observado nos períodos: “Que o Caminho de Santiago, que de tantos foi há centenas de anos, agora também me pertencia”; “Intervalo raro e estranho na vida, leva tempo a se acostumar com o status de peregrino”. Eles revelam a relação do autor com a memória – experiências, características, histórias, costumes, valores – ligada a simbologia do ‘ser peregrino’. O agente, portanto, integra-se a memória coletiva.

Nesse aspecto, retomamos Halbwachs (1990) que explica que a memória coletiva pode ser percebida pelas relações e os vínculos das experiências e do passado entre membros de um grupo social, que no caso em análise são os peregrinos.

Com base em Arquembourg (2011) (ver 2.3), a oscilação entre a objetividade e a pessoalização do discurso, que alterna a posição do sujeito do acontecimento (o peregrino) e o agente da narrativa (o jornalista). Assim, ainda segundo o autor, o relato de uma testemunha ocular se insere na narrativa que pretende ser isenta e dotada de técnica e método, transformando o acontecimento-remoto em um acontecimento-social. É nesse sentido que se escolheu o título “Epopeias próprias” para o texto.

³³ Texto de Felipe Mortara, publicado em um especial do Estado de São Paulo sobre os caminhos de Santiago. Disponível em: <<http://infograficos.estadao.com.br/viagem/vida-de-peregrino-caminho-de-santiago/#0>>. Acesso em junho de 2018.

b) Metas e motivos

O texto revela duas principais metas. Logo no primeiro período, o autor ressalta que sua intenção de explicar como é completar o caminho é complexa, pois só quem o faz é capaz de compreender esse processo. Dessa forma, apesar de iniciar alegando a intenção e explicar, por meio da narrativa, como é realizar o caminho, o autor percebe que só pode falar de sua própria experiência. O autor então modifica sua meta e propõe que o leitor faça o caminho para conseguir compreender tal experiência.

Portanto, o texto se desenvolve a partir da perspectiva do autor de tentar oferecer ao leitor uma ideia de como é participar do caminho. No entanto, com o desenrolar da narrativa, ele revela que sua intenção de tentar reconstruir a experiência é vã. Por conseguinte, ele passa a recomendar ao leitor ‘realizar’ a ação, e não só experienciar (ler) a respectiva mimese (narrativa). Assim, apresenta-se como expectativa de futuro a intenção do autor de que o leitor aceite sua sugestão e faça também o caminho para o compreender. Nesse sentido, notam-se os argumentos de Ricoeur (1994), Casalegno (2006) e Benjamin (1987) sobre a narrativa como mediador entre o acontecimento (que refigura) e a história (que relembra). Por meio da narrativa, configura-se a experiência humana de coletividade. É por meio da narrativa que as experiências são reconstituídas e o narrador compartilha suas memórias.

c) Circunstâncias

Nota-se no texto dois tipos de circunstâncias. A primeira que diz respeito às situações e contextos do próprio processo de realização do caminho. A segunda relaciona-se às circunstâncias do processo de narrar a experiência do caminho, ou seja, de mimetizar, de representar o caminho em forma de texto. A primeira circunstância demonstra as situações pelas quais passa o peregrino ao fazer o caminho, como nos trechos: “Afiml, quantos de nós, ao longo da vida, caminhamos cerca de 25 quilômetros diários, partilhamos a comida e pudemos interagir com pessoas tão distintas? Em que outra oportunidade passamos tantas horas seguidas exposto à verdade da natureza, do vento, do sol, da chuva e do frio? Ou dormimos, ao longo de um mês, em uma cama diferente a cada dia, evidenciando o pouco valor do ter?”; “Idealistas e utópicos de todas as sortes perceberão no Caminho um quê de experiência socialista bem-sucedida, em que a ausência de oferta de privilégios e luxos nivela os peregrinos por meio de necessidades básicas: comer, dormir, tomar banho”; “Aos pés calejados, desensinar a planar sobre estradas e caminhos de terra, sobre ruas de pedra, calçadas milenares”.

A segunda circunstância trata do processo de narrar a ação. O autor revela a dificuldade de explicar o sentimento de quem termina o caminho e é essa particularidade que leva a outra condição dessa narrativa: a conclusão de que é impossível relatar com exatidão essa ação, sendo que para conhecê-la de fato é preciso realizá-la. Assim, nesse tipo de circunstância pode-se observar dois cenários particulares: a impossibilidade de narrar o sentimento da chegada, como na frase “Abre-se uma lacuna na tentativa de tentar explicar o vazio que é chegar a Santiago de Compostela”; e a constatação de que é impossível a empreitada, como em “Munir-se de informações, história e relatos de outros peregrinos é ótimo, mas talvez seja um dos ingredientes perversos do despertar da expectativa. [...] Imagine, leia, converse, escute. Apenas para descobrir que nunca vai ser como você pensava”

d) Interação

Há aspectos implícitos e explícitos no caráter relacional da narrativa. O aspecto explícito na ação revela a interação entre o narrador e o companheiro de reportagem no ato de peregrinar. Na representação do processo, o autor relata o convívio com seu colega durante a peregrinação, como no trecho: “Eu e Filipe Araújo descobrimos compassos diferentes, andamos em toadas distintas e tivemos bons encontros e reencontros, ao sabor do caminho”.

Também de forma explícita destaca-se o contato entre o narrador e outros peregrinos que a dupla encontrou pelo caminho, aos quais o narrador ora ressalta semelhanças, ora diferenças, como nos trechos: “Os motivos deste pertencimento nada tinham a ver com fé ou crença no poder redentor dos supostos restos mortais do apóstolo Tiago [*como fizeram os antigos peregrinos*], descobertos aqui no século 9”.

O aspecto implícito expõe a relação entre narrador e leitor. Esse contato é implícito porque corresponde a ação de narrar e não a ação narrada (peregrinação). Vê-se nos trechos: “De recomendar a você que pare de ler tudo sobre o Caminho e simplesmente vá”; “Imagine, leia, converse, escute”.

Também implícita é a interação entre o narrador e os símbolos ligados à peregrinação, desde os mais abstratos como as histórias, as tradições, as motivações, a fé e o misticismo, aos mais concretos, como o trajeto, os locais de dormir, comer e tomar banho. Esses elementos estão representados nos seguintes períodos: “Acompanhados de todo o legado, a fé e o misticismo que cercam o Caminho Francês, eu e o fotógrafo e videomaker Filipe Araújo nunca estivemos sozinhos”; “Carregados de simbolismos, os desapegos materiais têm duplo sentido: desfazer-se de algo que lhe pesa, mas que pode

ajudar o outro”; “Em que outra oportunidade passamos tantas horas seguidas exposto à verdade da natureza, do vento, do sol, da chuva e do frio? Ou dormimos, ao longo de um mês, em uma cama diferente a cada dia, evidenciando o pouco valor do ter?”.

A última relação implícita, que cabe aqui destacar, é a interação entre o narrador, antes da peregrinação, e ele mesmo, transformado pelo ato de peregrinar. Essa relação é observada na narrativa pela exposição do autor ao ressaltar suas mudanças antes, durante e após o caminho. Por vezes identificado como “eu” e por vezes identificado como “peregrino” (ver letra a), o autor representa suas relações com ele próprio nos momentos em que disserta: “Peregrinar é sobre se conhecer, não se penitenciar”; “Das buscas, de sentido, de encontro consigo, de respostas complexas”; “E um tanto distinto de turistar, como sempre estive acostumado. É um outro estar”; “Passa a fazer sentido a ideia de que o caminho começa em Santiago”.

A interação entre agentes concretos e abstratos da narrativa revela como se desenvolve a vinculação das experiências entre os indivíduos e sua coletividade (Halbwachs, 1990; Pollak, 1989; Casalegno, 2006).

e) Desfecho

A narrativa apresenta o desfecho no momento em que o autor chega a conclusão que a experiência mimetizada por meio da narrativa não é capaz de explicar as sensações geradas pela ação de realizar o caminho. É por isso, então, que ele sugere ao leitor que, ao invés de lidar apenas com a mimese da ação de caminhar, realize a ação. “De recomendar a você que pare de ler tudo sobre o Caminho e simplesmente vá. Munir-se de informações, história e relatos de outros peregrinos é ótimo, mas talvez seja um dos ingredientes perversos do despertar da expectativa. O caminho é diferente. Imagine, leia, converse, escute. Apenas para descobrir que nunca vai ser como você pensava”. A análise do desfecho casa-se com as ideias de Halbwachs (1990) e, posteriormente de Pollak (1992), que destacam as funções da memória coletiva, com a possibilidade de criação de uma versão compartilhada das experiências como resultado da interação entre os agentes da narrativa midiática.

5.1.1.2 Traço simbólico

Os traços simbólicos presentes no texto estão relacionados à memória coletiva da ação de peregrinar. Em um primeiro momento, o autor utiliza a palavra peregrino como forma de identificação, com o objetivo de remeter características normativas e consensuais sobre essa ação, construídas ao longo do tempo e fixadas pela memória

coletiva. Trata-se de um sentimento de identidade ou, como descreve o autor, de um *status*.

Nesse sentido, o autor escreve como alguém que experienciou as memórias e significados de outros traços simbólicos relacionados ao caminho, como: “as conchas e setas amarelas”, que são os símbolos utilizados para indicar a rota para os peregrinos; “estradas e caminhos de terra”, que representam grande parte do cenário do Caminho Francês a Santiago; “ruas de pedra”, outro cenário comum a rota francesa; “calçadas milenares”, se referindo às pequenas e históricas cidades ao longo da rota; “cajado”, ferramenta típica utilizada pelos peregrinos utilizada como apoio na caminhada; “fé ou crença no poder redentor dos supostos restos mortais do apóstolo Tiago”, motivação primeira na história da peregrinação que incentivou o movimento de fieis para a cidade ; “a nos abraçar diante daquela catedral”, gesto tradicional realizado pelos peregrinos ao chegarem no destino final; “o caminho começa em Santiago”, expressão comum entre os peregrinos, que representa as mudanças geradas pelo autoconhecimento; “desapegos materiais”, condição primordial para quem realiza o caminho, pois não se consegue levar muito objetos dentro das mochilas; “em vez de respostas, volta-se para casa com mais perguntas”, provérbio usual entre os caminhantes que revela os questionamentos de vida gerados durante o andar; “encontros e reencontros, ao sabor do caminho”, se refere ao fato de os peregrinos estarem constantemente se encontrando e desencontrando ao longo da rota, e também diz respeito aos encontros e desencontros consigo mesmo e seus questionamentos.

Os traços simbólicos dessa narrativa trazem a reflexão de Huyssen (2000) e Nora (1993) sobre a necessidade de criar símbolos, meios e rituais como forma de compensar a perda de estabilidade constituída pela expansão do presente. A falta de memória espontânea (ver 3.3) incentiva o desenvolvimento de rastros e restos como marcos testemunhais do passado. Os autores ressaltam que esses marcos não mais demonstram convicção militante e participação apaixonada, mas ainda manifestam a preocupação de um grupo social pelo apego à vida simbólica.

5.1.1.3 Traço temporal

Apesar de não se tratar de um texto jornalístico canônico³⁴, o autor inicia a narrativa no tempo presente e dá a essa temporalidade maior importância que às demais.

³⁴ Considera-se, neste trabalho, como jornalismo canônico o modelo ocidental baseado na busca pela objetividade e veracidade, em um processo que funciona como um ritual estratégico, segundo Tuchman (1999) (v. 1.2). Para esse modelo, o texto jornalístico é composto por *lead* (primeiro parágrafo com

No entanto, para explicar o porquê da dificuldade em explicitar seu sentimento “após caminhar dias e dias”, o autor recorre a outras temporalidades.

O autor utiliza na narrativa duas acepções do passado. A primeira se refere à memória da própria experiência e a segunda trata da memória da peregrinação. Ao versar sobre sua experiência de peregrinar, o autor explica a ação, como em: “Acompanhados de todo o legado, a fé e o misticismo que cercam o Caminho Francês, eu e o fotógrafo e videomaker Filipe Araújo nunca estivemos sozinhos”; “Eu e Filipe Araújo descobrimos compassos diferentes, andamos em toadas distintas e tivemos bons encontros e reencontros, ao sabor do caminho”.

Com o propósito de levar impessoalidade ao discurso – característica da linguagem jornalística – o autor entrelaça a memória de sua experiência aos costumes, histórias e tradições dos peregrinos. Nesse momento, apesar de utilizar de marcadores temporais no presente, como em: “O peregrino que conclui sua jornada se torna mais um órfão do Caminho de Santiago”; “[...] a ausência de oferta de privilégios e luxos nivela os peregrinos por meio de necessidades básicas: comer, dormir, tomar banho”; “Nas mochilas, peregrinos trazem o que podem ou não suportar”, o autor quer se referir à sua experiência e, portanto, usa tempos verbais do passado.

Além disso, o autor também utiliza marcadores temporais do passado para falar sobre a história da peregrinação, nesse caso, de uma memória da ação em si, e não especificamente da ação de sua experiência, ainda que em todo o texto tais memórias estejam sempre entrelaçadas. Dessa forma, este texto está em consonância com a concepção de memória social consubstanciada por Halbwachs (1990) e Pollak (1992). Segundo esses autores (ver 3.1), memória coletiva ou social é uma memória orgânica do indivíduo, mas que opera no âmbito do contexto sociocultural. Essa interpretação pode ser percebida nos seguintes trechos: “Que o Caminho de Santiago, que de tantos foi há centenas de anos, agora também me pertencia”; “Bem como a força do passado, das hordas de peregrinos que para Lá rumaram entre os séculos 12 e 17”.

O futuro é representado por meio da expectativa do autor em relação a sua sugestão ao leitor. Depois de contar sua experiência sobre o caminho tanto por meio da pessoalização, quanto através da identificação da figura do peregrino, o autor coloca sua

informações principais) e pirâmide invertida (o que é mais importante para a notícia é escrito nos primeiros parágrafos, ao longo do texto se encontram informações complementares). Como considera Lage (1966), o jornalismo tem que processar informações em escala industrial e para o consumo imediato, assim as variáveis formais devem ser reduzidas de forma mais radical que na literatura.

expectativa para futuro, que depende da interpretação do leitor, ou seja, depende da forma como se realizará a mimese III. Nota-se esse aspecto em: “Já quase no fim, inusitado, me bate uma vontade estranha. De recomendar a você que pare de ler tudo sobre o Caminho e simplesmente vá. Munir-se de informações, história e relatos de outros peregrinos é ótimo, mas talvez seja um dos ingredientes perversos do despertar da expectativa”. Assim, a interpretação do futuro que transparece no texto tem relação com todo o processo da tríplice mimese, no qual o autor espera algo do leitor, por meio da mediação. Essa expectativa, por sua vez, só é possível pela existência de um mundo prefigurado, no qual os dois compartilham.

5.1.2 Mimese II

5.1.2.1 O acontecimento atualizador

O acontecimento que atualiza a narrativa é o fato de o jornalista realizar a peregrinação, renovando a história ao relatar suas impressões sobre a experiência de fazer o caminho. Por se tratar de uma reportagem especial, com cunho de depoimento, o valor-notícia³⁵ que revela o caráter de novidade é o fato de o próprio jornalista experienciar o caminho. Como no trecho: “Que o Caminho de Santiago, que de tantos foi há centenas de anos, agora também me pertencia”, que mostra caráter de continuidade do acontecimento, vínculo com a memória da peregrinação. E em: “Os motivos deste pertencimento nada tinham a ver com fé ou crença no poder redentor dos supostos restos mortais do apóstolo Tiago, descobertos aqui no século 9”, que revela a novidade do acontecimento, ou seja, sua ruptura com a tradição mantida ao longo do tempo. São essas características do acontecimento – de irrupção do novo, ruptura no percurso do tempo e vínculo com o sistema de continuidade e tradição – que foram observadas por Dosse (2013) ao estudar o acontecimento como categoria de análise (ver 2.2)

Assim, o acontecimento aqui destacado possui uma confluência com as ideias de Nora (1974). O autor explica que a midiatização faz parte da própria condição existencial do acontecimento, pois ele só atrai atenção e repercute pela publicação. Se não fosse para veicular suas experiências no jornal Estadão (jornal que publicou a narrativa), não faria sentido a realização do caminho pelo próprio jornalista.

³⁵ Segundo Wolf (1999), valor-notícia é um critério de noticiabilidade, que revela quais acontecimentos são considerados como suficientemente interessantes e importantes para serem transformados em notícias. Para o autor, os valores-notícia devem constituir referências claras e disponíveis aos conhecimentos compartilhados sobre a natureza e os objetos das notícias. Estas referências podem ser utilizadas para facilitar a complexa e rápida elaboração dos noticiários.

Portanto, o relato das experiências do jornalista é o acontecimento central na narrativa e nele se inserem diferentes temporalidades que vão do vínculo com a memória e a tradição da peregrinação, passa pela sua ocorrência – que consiste no relato da realização da peregrinação – e cria uma expectativa, que é a de desejar que os leitores futuramente façam o mesmo. Nesse sentido, o acontecimento do texto está em congruência com as ideias de Farge (2002) e Mead (2008) sobre a espessura temporal do acontecimento (ver 2.2).

5.1.2.2 Símbolos e memórias mantidas pela narrativa

O autor demonstra símbolos memoriais preservados pelas três narrativas presentes no processo da peregrinação – o caminhar, o mediar e o interpretar. Esses símbolos são representações memoriais que foram construídas ao longo do tempo como ferramentas da lembrança coletiva desse grupo social. Como considerou Halbwachs (1990), para que as memórias se constituam coletivamente é preciso que uma lembrança recordada, que nesse caso estão representadas simbolicamente, possam ser reconstruídas sobre um fundamento comum.

Na narrativa, portanto, os elementos simbólicos são como ferramentas da memória coletiva ou ainda lugares de memória, segundo o conceito de Nora (1993). Desse modo, em: “Desaprender a seguir conchas e setas amarelas, destreinar os olhos”, que revelam os sinais de indicação do caminho, mas que conservam o emblema da vieira, os quais significam representações da biodiversidade galega, das lendas em torno do traslado do corpo de Santiago e da peregrinação missionária do apóstolo de Cristo (ver 1.2). Em “Fazer de um cajado, outrora fiel companheiro, um mero pedaço de madeira aposentado”, significa a insígnia que surge com a popularização da peregrinação medieval, no século X, como suporte para a caminhada. Segundo o ritual eclesiástico da época, com o cajado era possível superar todos os percalços da jornada e as tentações de desistência. Em “a ausência de oferta de privilégios e luxos nivela os peregrinos por meio de necessidades básicas: comer, dormir, tomar banho”, revela-se outro modelo de representação do peregrino que no medievo sinalizava votos de penitência e busca do perdão e, atualmente, denota a vontade de ‘despir’ dos bens materiais e das ‘facilidades’ da vida contemporânea, para viver momentos de introspecção e simplicidade.

Como reflete Ricoeur (1994), pode-se perceber, nesta narrativa de análise, que os símbolos são elementos de remissões do passado e da memória capazes de projetar no futuro rastros e vestígios, dando suporte aos acontecimentos com dimensões hermenêuticas da consciência histórica presentes nas narrativas.

5.2 Peça 2- Grupo 1: Como fazer o Caminho de Santiago de Compostela fugindo dos clichês?³⁶

5.2.1 Mimese I

5.2.1.1 Traço estrutural

a) Agentes

A notícia, diferente da peça anterior analisada, não apresenta como agente o autor da narrativa, pois se caracteriza por constituir um texto informativo jornalístico tradicional, no qual apresenta a omissão da voz narrador. Nessa mimese narrativa não há o relato experiencial demonstrado na peça 1 do *corpus*, e, portanto, revela um caráter mais impessoal característico do gênero narrativo. Reconhece-se, no entanto, que apesar de implícito, transparecem os termos prefigurativos e as características discursivas da parte do narrador que, segundo Ricoeur (1994), são essenciais para a constituição de uma narrativa dotada de sentidos. Assim, o principal agente explícito desse texto jornalístico são os Caminhos do Norte, que expressam as ações e os acontecimentos revelados pelo autor.

b) Metas e motivos

No texto percebe-se que o autor tem por intenção dar visibilidade ao caminho, publicizando a peregrinação a Santiago, ou seja, constrói o texto com a expectativa que o leitor tenha a reação de querer também realizar a caminhada. No entanto, para que o texto se transforme em notícia e garanta o seu caráter jornalístico, com valor-notícia, foi preciso que o autor atualizasse o tema central da narrativa dando-lhe o aspecto de novidade, atualização e diferencial em relação aos outros textos sobre o mesmo assunto. Nota-se no trecho, “[...] mais ao norte, um conjunto deles tenta fugir dos clichês”, que o autor tem por intenção evidenciar que os caminhos do Norte são diferentes dos demais, e que por isso, fogem dos clichês e do congestionado percurso francês.

Para isso, o autor propôs explicar as vantagens de se realizar o Caminho do Norte, que é menos explorado, mas que também está integrado nos sistemas de tradição, costumes e memórias da peregrinação à Santiago.

c) Circunstâncias

³⁶ Texto de José Henrique Mariante, publicado na versão online do jornal Folha de São Paulo. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/turismo/2016/06/1781964-como-fazer-o-caminho-de-santiago-de-compostela-fugindo-dos-cliches.shtml>>. Acesso em junho de 2018.

Os contextos dessa narrativa se apresentam como os diferenciais dos cenários dos caminhos do Norte e em relação aos caminhos considerados pelo narrador mais comuns, cheios de clichês. A conjuntura dessa narrativa é uma forma de convencimento do autor sobre sua tese. Assim, para mostrar as vantagens do caminho do Norte, o autor descreve as diferentes circunstâncias e situações que podem ser experienciadas pelos peregrinos (leitores) caso decidam percorrer a jornada que começam ao norte do destino de Compostela.

Percebe-se essas recomendações conjunturais nos trechos: “Todos esses percursos estão em uma faixa que vai do País Basco até a Galícia, passando por Cantábria e Astúrias, região que representou o que restou dos reinos ibéricos durante a ocupação muçulmana e que conseguiu resistir”; “Mais acidentados, os Caminhos do Norte apresentam muitas paisagens, percorrem praias e montanhas, cidades grandes e pequenas e diferentes atrações por mais de 800 quilômetros em sua versão mais longa”; “Pelos do norte, por devoção ou divertimento, a jornada promete ser diferente”.

d) Interação

A interação entre os agentes do texto é manifestada pelas relações entre os dois tipos de caminhos descritos pelo autor, os tradicionais (como o Francês) e os caminhos do Norte. Como já citado, o principal objetivo da narrativa é convencer o leitor dos benefícios de se realizar a jornada Norte e, para isso, realiza uma correlação comparativa entre os agentes. Esta ligação de contraposições está presente nos trechos: “Os Caminhos do Norte a Santiago de Compostela são até mais antigos que o Caminho Francês”; “Mais acidentados, os Caminhos do Norte apresentam muitas paisagens [...]”.

e) Desfecho

O desfecho dessa narrativa revela a resposta à pergunta no início do texto – “Todos os caminhos levam a Compostela? Provavelmente” – que tem por objetivo afirmar que todos os caminhos levam à Santiago, ou seja, ao mesmo destino. No entanto, o que reflete o autor é que o que importa é o caminho em si e não sua conclusão, seu destino final, pois esse se apresenta de forma igual para todos. Se o processo de peregrinar é o que importa, e não a chegada, então é preferível, segundo o autor, fazer um dos caminhos do Norte, pois eles oferecem experiências diferenciadas que ainda não estão massificadas. Pode-se perceber esse argumento do autor com a resposta no último parágrafo do texto: “Todos os caminhos levam a Santiago de Compostela. Pelos do norte, por devoção ou divertimento, a jornada promete ser diferente”.

5.2.1.2 Traços simbólicos

O texto apresenta traços simbólicos que representam, como salientou Ricoeur (1994), um conjunto de manifestações culturais da pré-compreensão narrativa que geram sentido consensual. Entre eles percebe-se na narrativa mediadora conceitos como: “Devoção a um santo ou estratégia militar da Reconquista”, que ao serem criados e com significados alterados ao longo do tempo, constituem-se como recursos simbólicos que para terem sentido na narrativa precisam ser de conhecimento do autor e do leitor (sentido consensual).

Devoção, nesse caso, é uma palavra que tem na raiz etimológica a ação de dedicar, mas ao longo do tempo assumiu um significado ligado a religiosidade, apropriando-se do sentido de apego fervoroso por uma entidade religiosa ou, ainda, de veneração por algum ser espiritual. O seu uso, pelo vínculo atribuído ao catolicismo, foi sendo associado as práticas de fé religiosa e piedade popular, entre as quais se encontra a própria peregrinação. E foi com essa acepção que se utilizou esse signo linguístico na narrativa, que tendo o conhecimento do autor e do leitor, geram sentido para explicar os motivos do fomento à peregrinação, desde o período medieval.

O vocábulo Reconquista (com R maiúsculo) usado na narrativa, absorveu do verbo reconquistar – que significa conquistar novamente – um sentido histórico no qual se remete ao processo de dominação da Península Ibérica pelos cristãos contra os mouros. O termo reconquistar possui um caráter de legitimação política, pois os reinos cristãos partem do princípio que já tinham a posse da região e, por isso, precisavam reapropriar o domínio do local. Esse recurso simbólico, da mesma forma como caracterizou Ricoeur (1994), – que ao possuir sentido consensual – se apresenta como elemento interpretante da ação narrativa de motivação para a peregrinação destacada pelo narrador.

União Europeia também é uma palavra que historicamente gera um significado de identidade entre os países membros, fortalecido pelo grupo econômico e político criado em 1992. Mais uma vez, para produzir sentido dentro da narrativa, é necessária que a expressão seja de conhecimento tanto dos emissores quanto dos receptores do texto mediador.

Outros traços simbólicos da narrativa jornalística são signos representantes que o autor utiliza para remeter aos locais pelos quais o peregrino passa ao fazer algum dos caminhos do Norte. O autor utiliza características turísticas para simbolizar cada região: “Passam pela culinária de San Sebastián, pela Guernica retratada tragicamente por Picasso e pelo museu Guggenheim, de Bilbao; pelo mar Cantábrico de Santander e San

Vicente de la Barquera; pelos picos de Europa; por Gijón, Oviedo e a praia das Catedrais em Ribadeo; e por Arzúa”.

5.2.1.3 Traços temporais

Como destacou Ricoeur (1994), na narrativa é possível observar intercâmbio entre as dimensões temporais em uma estrutura de intratemporalidade. Nesse texto, há uma composição temporal que se segue com presente => passado => presente => futuro (expectativa).

O texto inicia apresentando temporalidade presente, como é de costume nas narrativas jornalísticas, trazendo o que há de diferencial e novo sobre aquele tema dissertado na notícia. Para, no entanto, referenciar o tema – peregrinações ao norte de Santiago – e o acontecimento atualizador – caminhos que fogem dos clichês –, o texto necessita de compor a narrativa por meio de elementos do passado, como a história, as memórias, as identidades do caminho. Para descrever o caminho do Norte, o autor volta para o presente, destacando as condições para a realização desta peregrinação em específico. Ao finalizar o texto e com o objetivo de responder à pergunta inicial, o autor apresenta uma expectativa em relação ao leitor e, por isso, quando sugere alguma ação de resposta do leitor, assume uma lógica temporal futura na narrativa.

5.2.2 Mimese II

5.2.2.1 O acontecimento atualizador

O acontecimento que atualiza a narrativa sobre a peregrinação é aquele que transforma o assunto em texto jornalístico. Conforme Mead (2008) e Farge (2002), o acontecimento – inserido na narrativa – possui uma extensão temporal que nasce com o presente, mas que para gerar inteligibilidade encontra com um passado de referências experienciais e prolonga até um futuro de expectativas. Nessa linha de pensamento, os acontecimentos jornalísticos apresentam capacidade de renovar e atualizar a narrativa, inserindo-a em um contexto presente, mas acabam por exigir lembranças e antecipações que produzem sentido.

Dessa forma, o acontecimento que impulsiona essas reverberações no tempo é a divulgação dos Caminhos do Norte como alternativa menos massificada para a realização da peregrinação a Santiago de Compostela. Esse é o argumento diferencial que faz a narrativa ser considerada publicável, segundo os preceitos jornalísticos, ou ainda que a faz possuir valor-notícia. Ou seja, da mesma forma como considerou Nora (1974), a mídia – Folha de São Paulo, jornal que publicou essa notícia – não é responsável apenas pela

mediação do acontecimento com o público, mas é parte constitutiva da sua própria existência, causando interdependência entre as partes.

5.2.2.2 Símbolos e memórias mantidas pela narrativa

Os símbolos e memórias da peregrinação que são reforçados por essa narrativa mediadora são: o desenvolvimento histórico do fenômeno de peregrinação à Santiago; o desenvolvimento específico da rota ao norte da cidade; imagens construídas da região onde se sepultou o santo apóstolo; identidades da figura do peregrino.

No trecho, “[...] a popular peregrinação cristã, esquecida por séculos na história e resgatada pelo turismo há menos de três décadas”, a narrativa relembra que, segundo Abreu (1997), a Reforma Protestante (séc. XVI), o período de guerras, fome e peste provocaram um acentuado declínio no fluxo de peregrinos, como consequência do racionalismo vigente e da secularização das sociedades europeias. Porém, nas últimas décadas, sobretudo após a peregrinação do Papa João Paulo II a Compostela para a IV Jornada Mundial da Juventude, em 1989, deu-se um renascer significativo a peregrinação a Santiago no contexto religioso. No cenário turístico, a publicação de obras como *O diário de um Mago*, de Paulo Coelho, foi um dos incentivadores para o retorno do fenômeno da peregrinação a Santiago.

O texto menciona a rota primitiva, “[...] é tido como o primeiro idealizado para os fieis peregrinos alcançarem o local de sepultamento de São Tiago, a catedral de Compostela”, é um caminho que se inicia em Oviedo – antiga capital do reino das Astúrias à época. Esta rota por ser sinuosa e muito difícil de percorrer, passa pelo norte da Espanha na região dos montes Cantábricos e das Astúrias até à Galiza – dava a segurança de não haver mouros, no período anterior a Reconquista da Península Ibérica que também foi momento de consolidação das rotas jacobeanas.

A ideia do fim do mundo, Finisterra – ou como foi denominada em latim: *finis terrae* – faz parte do imaginário da cultura ocidental e está ligada a construção da identidade europeia cristã de conquista e conhecimento do mundo. A região da Galiza foi assim denominada pois representava o ponto mais extremo ocidental da terra até então conhecido. Nos períodos “cristãos de todos os lugares a leste dos Pireneus caminharem até as terras galegas, onde o Sol morria e o mundo acabava”, “Reputa-se a esse movimento a formação de uma identidade própria da Europa. E, não por coincidência, o resgate do caminho como é hoje se dá justamente com o advento da União Europeia”. reforçam essa simbologia construída ao longo do tempo sobre a Galiza e a constituição identitária local.

Segundo Vilar (1997), aspectos como a bravura e a periculosidade do mar permitiram que a região fosse interpretada como espaço limítrofe, associado ao desconhecido e ao além. O nome Finisterra é de origem medieval – apresentando sua primeira aparição documental no século XII – no entanto, devido às suas raízes latinas, concentra a força evocativa da cosmologia clássica, permitindo que estejam incorporadas às primeiras narrativas sobre a *Gallaecia* a construção particular do significado deste espaço. Para o autor, o nome torna-se assim o grande capital cultural que permite a essa população apropriar-se de todas as referências míticas e referências ao fim do mundo da antiguidade.

Em “Roteiro que muitas vezes é percorrido da maneira tradicional: a pé, mochila nas costas, acordando cedo e dormindo em albergues específicos [...]”, o autor corrobora a personificação do ‘peregrino tradicional’ (v 1.2) na construção da consciência social e formação identitária do fenômeno da peregrinação. O peregrino tradicional é uma representação simbólica que foi sendo consolidada ao longo do tempo, mas que, como afirma Dunn (2015), no medievo eram vistos como aqueles que carregavam bolsa, cajado e que caminhavam em penitência, em busca de perdão e, por isso, podiam receber ajuda de instituições como igrejas, hospitais e mosteiros para descansar.

5.3 Peça 3- Grupo 1: Alemães empurram Caminho de Santiago para junto do mar³⁷

5.3.1 Mimese I

5.3.1.1 Traço estrutural

a) Agentes

O agente, ou seja, o realizador ou o receptor da ação principal destacada na narrativa são os peregrinos alemães. São esses agentes os principais propulsores dos acontecimentos jornalísticos, sobre os quais por vezes também recaem as ações, como ressaltou Ricoeur (1994), os agentes – elementos da prefiguração – realizam e sofrem as ações narrativas, motivados por crenças, valores, desejos e convicções.

Nessa narrativa, eles são identificados, por vezes, como peregrinos de nacionalidade alemã, como em: “Peregrinos alemães começaram a tendência de desviar ainda mais para a costa o Caminho Português de Santiago”. E por vezes são representados como personagens (personificação) da narrativa jornalística, como em: “Georg e Alena

³⁷ Texto do Jornal Público, está em um tópico específico que possui apenas notícias sobre a peregrinação de Santiago. Autora: Luísa Pinto. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2014/08/04/local/noticia/os-novos-caminhos-de-santiago-1665114>>. Acesso em junho de 2018.

confirmam esta versão e mostram-nos o guia onde é revelado o originário Caminho Português Central [...]”.

b) Metas e motivos

O autor tem por motivação explicar que os peregrinos alemães estão modificando a rota do Caminho Português, desviando-a para mais perto do mar. Dessa forma, esses peregrinos preferem um caminho que passa por passadiços nas praias aos acessos pelas estradas como a EN 13. Com essa principal intenção, o autor realiza entrevistas e apresenta dados, como argumentos de autoridade, que comprovam o aumento desse tipo de turista na trilha atualizada. Dessa forma, esse texto está em consonância com as ideias de Tuchman (1999), que afirma que o jornalista efetua um ritual estratégico com o objetivo de validar o acontecimento narrado. Para isso, segundo a autora, ele utiliza – entre outros ritos – as aspas como forma de deixar de participar da notícia para que os fatos possam falar, assumindo maior impessoalização e objetividade para a narrativa (ver 2.2). Também como forma de legitimar o acontecimento relatado, o jornalista utiliza as personagens como forma de dar veracidade (explicitar a mimese) e de vincular a narrativa à realidade.

c) Circunstâncias

As circunstâncias dessa narrativa apresentam-se como os contextos da alteração da rota estimulada pelos peregrinos alemães. Dessa forma, nos trechos “O município de Matosinhos está tradicionalmente ligado ao Caminho Português de Santiago, mas este percurso que utiliza a marginal do concelho, e que os peregrinos atravessam depois de ter percorrido a marginal do Douro até à Foz, seguindo sempre pela linha da costa, acabou por ser uma novidade ditada sobretudo pelo mercado alemão”; “num outro pontilhado, surge uma variante a unir os concelhos de Matosinhos e de Vila do Conde: um percurso de cerca de 15 quilómetros, que troca a EN13 pelos passadiços junto ao mar” nota-se as mudanças circunstanciais explicadas pela narrativa necessárias para a ocorrência da ação principal, que é a de desvio do caminho português.

Também está presente na narrativa a modificação do quadro de organização do caminho estimulado pela presença de peregrinos na nova rota. O autor reforça que por causa do novo cenário, os órgãos turísticos das cidades tiveram e terão de tomar medidas. Como mostra em: “a Câmara se adaptou a esta nova realidade, acabando por estar a disponibilizar carimbos nos postos marítimos”; “Um dos objectivos desse grupo de trabalho é uniformizar toda a sinalética e a estratégia comunicativa ao longo do Caminho da Costa”; “a Câmara de Matosinhos prepara-se para oferecer um Albergue do Peregrino

junto ao mosteiro de Leça do Balio”; “E porque é recomendável que a distância de caminhada diária não ultrapasse os 20 quilómetros, a Câmara de Matosinhos vai adaptar um edifício que existe no Parque das Varas, na envolvente do icónico mosteiro, para receber essa função”; “o evento “Hospitalários no Caminho de Santiago” pretende ser muito mais do que uma recriação do ambiente medieval. Pretende, pelo nono ano consecutivo, promover os Caminhos de Santiago em Matosinhos, bem como divulgar o Mosteiro de Leça do Balio”.

Outra circunstância, responsável por explicitar o porquê da alteração da rota, é observada na narrativa. Como relata o autor, se utilizando de rituais estratégicos (ver 2.2) como as aspas de autoridades e as falas de personagens – com objetivo de ilustrar e dar credibilidade a informação –, a publicação de um livro *best seller* na Alemanha foi o incentivo para o crescente número de peregrinos dessa nacionalidade na nova rota. Como apresentados no parágrafo “O livro, um best-seller de Hape Kerkeling, com o título, em inglês I’m off Then - Loosing and Finding Myself on the Camino de Santiago é descrito nas críticas da Amazon como uma mistura de Bruce Chatwin (reconhecido autor da literatura de viagens) com Paulo Coelho (um guru da espiritualidade). O sucesso foi tal que o número de peregrinos alemães disparou. Depois, sugeriu o vereador da cultura, começaram a aparecer guias de viagem a indicar este percurso alternativo pela costa, como sendo mais agradável do que o percurso tradicional, que usa muitos circuitos urbanos e que está já um pouco desvirtuado”.

d) Interação

A interação presente na narrativa é entre os peregrinos alemães e o novo caminho, que foi alterado para mais próximo da costa. A relação entre esses agentes da narrativa é demonstrada em “De um lado, temos o caminho antigo, do outro temos o novo. Escolhemos o novo, porque lemos que é mais agradável”, justifica Georg Riese, antes de se aventurar pelos passadiços de madeira”.

O vínculo entre esses dois agentes revela uma característica de interdependência na narrativa, ou seja, a principal informação – o acontecimento atualizador ou o valor-notícia – exprime a necessidade do aumento de peregrinos alemães para o fortalecimento da rota junto ao mar do caminho do português, como também o destaque para o aumento do número desse perfil de peregrino só tem sentido pela alteração do caminho português. Assim, se não houvesse esse tipo de dependência entre esses dois agentes não haveria a informação principal e nem a narrativa teria capacidade de gerar atualização.

Outra forma de interação presente na narrativa é a relação comparativa entre os dois tipos de caminho: “o novo, que resvala o mar, e o mais antigo, que passa pela estrada EN13”. A comparação entre os dois caminhos pode ser notada em “Os caminheiros do século XXI preferem a natureza e o mar (e os passadiços junto à praia), às tradicionais rotas mais urbanas, como a que utiliza a EN13”; “Depois, sugeriu o vereador da cultura, começaram a aparecer guias de viagem a indicar este percurso alternativo pela costa, “como sendo mais agradável do que o percurso tradicional, que usa muitos circuitos urbanos e que está já um pouco desvirtuado””; “De um lado, temos o caminho antigo, do outro temos o novo. Escolhemos o novo, porque lemos que é mais agradável”, justifica Georg Riese, antes de se aventurar pelos passadiços de madeira”.

e) Desfecho

O desfecho do texto enuncia tanto uma perspectiva futura, que é esperada e construída no presente, mas que certifica um simbolismo presente na memória da peregrinação. No último parágrafo (antes do primeiro subtítulo), “O caminho faz-se caminhando”, percebe-se a manifestação de uma frase tradicionalmente dita entre os peregrinos que significa não se importar com o que ocorrerá no caminho nos dias seguintes, apenas deve-se preocupar com o caminhar no presente. Em “mesmo quando são obrigados a contornar alguns passadiços levantados pelo rigoroso inverno, o tempo corre-lhes de feição. Têm 14 dias pela frente. E aquele era só o primeiro” o desfecho narrativo apresenta a expectativa que possui para o futuro, ainda que composto a partir das experiências vividas e relatadas no presente da narrativa.

Dessa forma, o desfecho utiliza-se das três temporalidades, como destacaram Ricoeur (1994) sobre a mimese narrativa – revelando o intercâmbio entre as dimensões temporais do presente, passado e futuro em uma estrutura de intratemporalidade, pressupondo o ser no tempo – e Koselleck (2014; 2006) sobre os estratos do tempo do acontecimento que remetem a diferentes planos, com diferentes durações e origens, e são possíveis de atuarem e estarem presentes simultaneamente e que na experiência, presente no passado atual, que os acontecimentos podem ser incorporados e lembrados e na expectativa, o futuro próximo, que há a previsão (ver 2.2).

5.3.1.2 Traço simbólico

Os signos são expostos como formas de representação do principal agente dessa narrativa, os peregrinos alemães, que são os responsáveis pela realização da principal ação e pela mudança do caminho português pela costa. A utilização de diferentes

símbolos linguísticos, imagens e personificações para o mesmo agente é uma forma de qualifica-los, caracterizá-los com o objetivo de reforçar sua importância no texto.

Por exemplo, na expressão “os caminheiros do século XXI”, é uma forma de caracterizar um novo tipo de peregrino que prefere o contato da natureza aos cenários com as estradas e concreto, para distanciar-se do *stress* urbano do cotidiano. Quando o autor utiliza “Georg e Alena” como personagens com a intuição de ilustrar o acontecimento relatado oferece um caráter humano e credível à narrativa.

5.3.1.3 Traço temporal

Diferentemente dos anteriores, esse texto não possui períodos específicos em que se utiliza do passado como forma de referenciar e explicar o acontecimento que atualiza a narrativa jornalística. Nessa peça do corpus, o uso do passado é, de forma geral, dependente dos símbolos memoriais representados pelas experiências descritas por meio dos agentes. Assim, nesse texto não há um ciclo específico de temporalidades alternando entre passado, presente e futuro ao longo dos parágrafos, mas simbologias da memória que confirmam por meio dos agentes referenciais do passado da peregrinação e do caminho em específico.

O futuro, ou seja, as expectativas na narrativa também são representadas, mas pelas atuações dos órgãos responsáveis, como as mudanças nas estruturas para a melhor recepção dos peregrinos na nova rota. Essas expectativas também são explicitadas no entremear das descrições dos dados e nas aspas de autoridades e agentes. O único período que assume seu traço no futuro é o desfecho do texto (ver letra e).

5.3.2 Mimese II

5.3.2.1 O acontecimento atualizador

O acontecimento responsável por atualizar a narrativa é apresentado na primeira frase, “Peregrinos alemães começaram a tendência de desviar ainda mais para a costa o Caminho Português de Santiago”, como tradicionalmente é escrito nos textos jornalísticos canônicos – com o uso do lead e da pirâmide invertida. É possível perceber que o autor, com o objetivo de dar credibilidade ao valor-notícia, corrobora por meio do discurso de uma autoridade o argumento do acontecimento atualizador, em “O historiador Joel Cleto não se mostra chocado com estas alterações, antes defende-as. E assim como no século XVIII se adaptou um novo caminho, e surgiu o percurso da Costa, é natural que no século XXI surjam estas variantes, e revelem a aproximação e o regresso dos peregrinos à natureza””.

Como afirmou Ricoeur (1994), é nessa fase da mimese que se ligam os acontecimentos individuais e a história como um todo, ou seja, é na mimese II que a alteração do caminho de Santiago estimulada pelos peregrinos alemães organiza o todo da lógica narrativa, compondo fatores como metas, motivos, agentes, meios, interações, circunstâncias e desfechos de modo generalizante.

É também nesse momento narrativo que o impulso à renovação por meio do acontecimento midiático não é demonstrado apenas como uma sucessão de fatos, mas constitui o que Ricoeur (1994) nomeou de síntese do heterogêneo. Essa síntese é a capacidade da narrativa de combinar distintos aspectos em um fundamento inteligível. É dessa forma que o acontecimento que atualiza estimula o relato sobre o *best-seller* publicado na Alemanha, as mudanças estruturais e preocupações de gerenciamento dos órgãos gestores de Matosinhos, da necessidade que os novos peregrinos têm de se aproximar da natureza e dos eventos de recriação histórica na região de Matosinhos, é capaz de engendrar diferentes assuntos em um único sentido.

5.3.2.2 Símbolos e memórias mantidas pela narrativa

As memórias preservadas na configuração da narrativa são: a expressão Bom Caminho, a vieira, o selo oficial no passaporte do peregrino, a identificação como peregrino, a história do Caminho Português Central, o contexto da vida cotidiana medieval quando se iniciaram as peregrinações.

A expressão, presente em “os peregrinos já vão sendo saudados com um “Bom caminho” escrito em seis línguas e registado nos passadiços de madeira que estão a ser utilizados pelos peregrinos”, renova uma simbologia da peregrinação com a mudança da tradicional saudação entre os peregrinos *¡Buen Camino!*, que provavelmente derivou da expressão peregrina medieval *¡Ultreia!*³⁸, com significado em espanhol *Adelante, hacia adelante*.

O texto relembra o símbolo da vieira como insígnia da tradição da peregrinação e também como processo de identificação do peregrino. Em “Georg ainda não tinha a vieira que simboliza os peregrinos que se dirigem ao túmulo do apóstolo (e que durante séculos serviu de sinal para aceitação nos albergues), e pretendia fazer o mesmo [...]” demonstra que apesar de não ser mais uma forma de reconhecimento para ser recebido em albergues (ver 1.2), ainda permanece como emblema presente na memória coletiva da peregrinação e reforçado pela narrativa jornalística.

³⁸ Aparece documentado pela primeira vez em *Codex Calixtinus*, no canto litúrgico *Dum Paterfamilias*, mais conhecido como *¡Ultreia!*.

Os selos que preenchem a Credencial do Peregrino são símbolos de uma memória da peregrinação a Santiago. Segundo a Oficina do Peregrino, era um documento entregue aos peregrinos na Idade Média como salvo-conduto. No trecho, “nem pediram para estampar o selo oficial da caminhada no Passaporte do Peregrino”, o autor reforça um comportamento comum dos peregrinos que desejam ganhar o certificado da *Compostela*. A Credencial do Peregrino³⁹ é uma espécie de passaporte com espaços para carimbos que comprovam a passagem por locais credenciados pela Catedral de Santiago para abrigo e ajuda de peregrinos.

A narrativa também mantém a memória da peregrinação ao dissertar sobre a história do caminho português, no período “Georg e Alena confirmam esta versão e mostram-nos o guia onde é revelado o originário Caminho Português Central, e que usava as antigas vias romanas, passando por Braga até Valença, e aquele que lhe surgiu em alternativa na idade moderna e a partir do século XVIII”.

Por último, o texto jornalístico relembra as características da vida cotidiana medieval – período em que se consolidou a peregrinação – ao divulgar um evento de atuação ao longo da rota portuguesa na costa, na região de Matosinhos. No mesmo subtítulo, “Hospitalários no Caminho de Santiago regressam ao Mosteiro”, a narrativa reforça a importância da simbologia dos albergues tradicionais pelo caminho para a memória da peregrinação (ver 1.2). Como em “Vai ter saltimbancos e passeios de burro, liças de armas e acampamento militar, concertos e artesãos com trabalho ao vivo, ceias e tabernas medievais, mas o evento “Hospitalários no Caminho de Santiago” pretende ser muito mais do que uma recriação do ambiente medieval” e em “divulgar o Mosteiro de Leça do Balio, que desde sempre desempenhou um importante papel na assistência aos peregrinos a caminho do túmulo do apóstolo Santiago em Compostela”.

5.4 Peça 4 - Grupo 1: Pelos caminhos de Santiago⁴⁰

5.4.1 Mimese I

5.4.1.1 Traço estrutural

a) Agente

³⁹ A Credencial também apresenta instruções sobre a caminhada, como o seu objetivo de identificar o peregrino para o acesso aos albergues e servir como controle de passagem para solicitar a *Compostela*, que é a certificação de ter realizado a peregrinação. A *Compostela* só é concedida aos peregrinos que realizam ao menos 100 quilômetros do caminho (a pé, a cavalo, ou 200km de bicicleta) com sentido religioso, devoção, piedade ou busca espiritual.

⁴⁰ Correio da Manhã Boa-Vida, editoria Destinos. Autor: Secundino Cunha. Disponível em: <<http://www.cmjornal.pt/boa-vida/detalhe/pelos-caminhos-de-santiago>>. Acesso junho de 2018.

O agente principal dessa narrativa são os Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago de Compostela. O texto se desenvolve tendo esses caminhos como atores principais das ações narrativas. Todas as informações presentes no texto têm como objetivo caracterizar, explicar e referenciar esse agente. São caracterizados quando são definidos por rotas específicas e quando são reveladas suas particularidades, como também quando são comparados a outros tipos de caminhos.

Como, por exemplo, em “Agora, são os dez municípios por onde passa o denominado Caminho Português da Costa [...]”; “Esta classificação já foi atribuída, em 1993, ao denominado Caminho Francês [...]”; “[...], mas há também o Caminho de Rates, que segue do Porto por esta freguesia e passa por Barcelos, Ponte de Lima e Paredes de Coura. Cada vez mais procurados são também os caminhos de Braga e de Viseu”; “O Caminho Português da Costa não dispensa o contacto visual com a água, salgada ou doce, realçando os encantos de uma paisagem única e deslumbrante. É, também, um percurso de grande riqueza patrimonial e gastronómica”; “a parte portuguesa do caminho inclui locais de interesse cultural, como a Casa de José Régio, em Vila do Conde, a ponte Eiffel, em Viana do Castelo, ou a Igreja Matriz de Caminha”.

b) Metas e motivos

O jornalista, autor do texto, tem por intenção divulgar os caminhos portugueses ao afirmar sua importância no contexto da peregrinação de Santiago. Por se tratar de um jornal português, destinado a leitores portugueses, o autor considera que há um importante valor-notícia ao mostrar que os caminhos de Portugal podem, futuramente, estar na lista do Património Mundial da UNESCO. As informações presentes na narrativa mostram o objetivo do autor de revelar o desenvolvimento do turismo de aventura, cultural, religioso e de natureza no país, impulsionado pela possível associação ao património mundial da humanidade.

É possível perceber esse propósito nos trechos “A verdade é que, tanto em Portugal como em Espanha, são cada vez mais as pessoas que se fazem ao caminho. Onde existem, os albergues abarrotam e há já muitas casas comerciais a servir refeições baratas, sabendo que entre os clientes haverá um ou outro peregrino”; “Hoje, há certamente razões de fé em muitos casos, mas a esmagadora maioria dos que fazem o caminho ambiciona uma experiência diferente e coloca no topo do que considera essencial o contacto com a natureza, a cultura e o património”; “É, também, um percurso de grande riqueza patrimonial e gastronómica”; “Hoje, guardam essa memória e funcionam como

alojamentos de férias”; “Para além da paisagem, a parte portuguesa do caminho inclui locais de interesse cultural”.

c) Circunstâncias

As circunstâncias da principal ação da narrativa – do valor-notícia ou do acontecimento atualizador –, responsável por impulsionar todas as informações que vão de um passado a um futuro, como previu Kosseleck (2014), são as formas como os responsáveis estão se preparando para que o agente (caminho português) receba a classificação da UNESCO. Percebe-se as circunstâncias nos trechos: “são os dez municípios por onde passa o denominado Caminho Português da Costa [...] que se juntam para, com o apoio da Direção Regional de Cultura do Norte, investirem mais de um milhão e meio de euros na valorização desse percurso de peregrinação, com o objetivo de o candidatarem a património mundial da humanidade”; “A Associação Espaços Jacobeus está a marcar o Caminho da Geira, que parte de Braga, atravessa a Serra do Gerês e segue por Lóbios para Ourense”.

d) Interação

As interações presentes na narrativa são aquelas que demonstram relações entre os agentes. Dessa forma, percebe-se a comparação entre o caminho francês e o português – apresentada no trecho “Esta classificação já foi atribuída, em 1993, ao denominado Caminho Francês, o mais conhecido de todos [...]” –, a interação entre os diferentes tipos de caminhos portugueses e suas características específicas – como em “O Caminho da Costa, o que agora se pretende classificar, que liga o Porto a Valença, é um dos mais utilizados, mas há também o Caminho de Rates [...]. Cada vez mais procurados são também os caminhos de Braga e de Viseu. A Associação Espaços Jacobeus está a marcar o Caminho da Geira [...]”.

No subtítulo “Peregrinações em que a fé já não é o elemento fundamental”, a narrativa demonstra a relação entre o caminho e as motivações de quem o realiza, bem como o principal impulso para realizá-lo. Também nesse subtítulo há as conexões entre o caminho, sua memória e sua história, construída ao longo do tempo. Na parte do texto em que o autor expõe uma lista de dicas para enfrentar a peregrinação – “Se vai fazer-se à “estrada”, prepare-se bem antes de começar” – nota-se a interação entre o caminho e seus desafios, com objetivo de torná-lo mais agradável, amenizando as intemperes.

Por fim, o texto evidencia o diálogo entre o Caminho Português da Costa e seus cenários como no trecho “o caminho que se pretende candidatar a Património Mundial da Humanidade da UNESCO põe, muitas vezes, os pés na areia da praia [...] não dispensa o

contacto visual com a água, salgada ou doce, realçando os encantos de uma paisagem única e deslumbrante [...]”. E ainda revela a relação da rota portuguesa da peregrinação e os rituais religiosos, ou a memória coletiva das regiões, como em “Sempre que o caminho passa numa encruzilhada, há um nicho que reza às Alminhas do Purgatório. É assim em todo o Norte, mas muito particularmente no Minho [...] foi colocado um painel de Santiago. A mudança adveio da importância do caminho e os peregrinos compensam colocando uma pedra junto à imagem”.

e) Desfecho

O desfecho da narrativa revela a importância da classificação da UNESCO como patrimônio mundial da humanidade para as regiões pelas quais passam o caminho português. A conclusão do texto apresenta que as organizações querem realizar alterações estruturais nas rotas para melhorá-las, estimulando assim a determinação da UNESCO.

No último parágrafo do texto antes dos subtítulos, o autor também teve por intenção demonstrar que o número de peregrinos nas rotas portuguesas vem cada vez mais aumentando, expondo relevância e o mérito do caminho português para a classificação de patrimônio mundial da humanidade.

5.4.1.2 Traço simbólico

Em “sempre que o caminho passa numa encruzilhada, há um nicho que reza às Alminhas do Purgatório”, o autor parte do princípio que os leitores sabem o significado e a simbologia dessa iconografia que é tradicionalmente encontrada nas paisagens das pequenas estradas e caminhos em Portugal, principalmente na região norte. Essa iconografia, segundo Lopes (2016), em um efeito mnemónico ativa uma resposta física de um ritual (reza), que desencadeia gestos de devoção, oração, sacralização do espaço de proteção de crentes. Por isso, para a autora, sua implantação topográfica em lugares onde morreram pessoas sem sacramentos (caminhos antigos, encruzilhadas e cruzamentos) no qual se destina a separação e a proteção dos locais entre o mundo dos vivos e o mundo do desconhecido.

No trecho seguinte “[...]os peregrinos compensam colocando uma pedra junto à imagem”, demonstra não só a tradição ritualística e mnemónica de rezar para as almas no purgatório, mas a atualização dessa prática impulsionada pela tradição da peregrinação de Santiago de deixar pedras em pontos importantes do caminho. Esse gesto persiste desde o início dessa peregrinação, quando em *Codex Calixtinus* sugere-se que os peregrinos levassem pedras para a Catedral de Santiago como forma de ajuda na sua construção (ver 1.1).

5.4.1.3 Traço temporal

A narrativa se inicia com uma expectativa de futuro, correspondente ao valor-notícia, que é o fato das regiões por onde passa os Caminhos Portugueses se candidatarem para este ser patrimônio mundial da humanidade. A expectativa está na intenção, no desejo dos municípios de alcançar a classificação do caminho, presente no trecho “Associações e municípios querem os caminhos na lista do Património Mundial da UNESCO”.

A seguir, o texto passa para a parte de referencialidade, explicação e contextualização da informação principal, destacada nos primeiros parágrafos. Ao utilizar o passado, a narrativa explora as histórias da peregrinação à Santiago, bem como faz uso da comparação entre o desenvolvimento dos caminhos portugueses e francês com o objetivo também de justificar o aumento do número de peregrinos nas regiões da rota portuguesa. Como pode-se observar em “Na Idade Média, Santiago tornou-se o terceiro maior destino de peregrinação do mundo católico, a seguir a Roma e a Jerusalém. Após alguns séculos de quase esquecimento, os anos 80 do século passado ditaram a ressurreição dos caminhos”; “Esta classificação já foi atribuída, em 1993, ao denominado Caminho Francês, o mais conhecido de todos e também considerado o mais antigo [...]”; “Aliás, poucos mais serão os que advêm da origem das grandes peregrinações ao túmulo do Apóstolo, no século IX, altura em que foi edificada a maior catedral galega”; “Na Idade Média, os fiéis rumavam a Santiago por razões de fé e devoção, sendo o objetivo fulcral da caminhada a visita ao túmulo do apóstolo S. Tiago Maior”.

Por fim, o autor utiliza-se do presente para dissertar sobre as atuais motivações da peregrinação, as regiões por onde passa o caminho atual e as dicas para a realização da caminhada com o objetivo de fundamentar a principal meta do texto que é de fortalecer o turismo português. Nota-se o uso do presente nas partes: “Hoje, há certamente razões de fé em muitos casos, mas a esmagadora maioria dos que fazem o caminho ambiciona uma experiência diferente e coloca no topo do que considera essencial o contacto com a natureza, a cultura e o património”; “Se vai fazer-se à “estrada”, prepare-se bem antes de começar”; “Hoje, guardam essa memória e funcionam como alojamentos de férias”.

5.4.2 Mimese II

5.4.2.1 O acontecimento atualizador

O acontecimento, conforme as percepções de Dosse (2013), apresenta uma forma de irrupção do novo e uma ideia inesperada de ruptura no percurso do tempo, e é por isso que ele demonstra característica de novidade, de atualização (ver 2.2). É pelo emergir da

novidade e pela ruptura com o tempo linear que a narrativa organiza suas reverberações em um movimento de extensão temporal, que vai de um passado a um futuro, capaz de antecipar e relembrar.

É dessa forma que a inscrição dos Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago de Compostela na lista indicativa de Portugal ao Património Mundial da UNESCO por associações e municípios, como acontecimento atualizador estimula a construção de uma narrativa que apresenta múltiplos vestígios e provoca configurações inéditas, tornando-se uma construção de um conjunto do universo social como originador da consolidação simbólica de sentido. Nota-se essa configuração quando a partir desse acontecimento atualizador desenvolve-se explicações dos contextos, histórias, memórias e circunstâncias em torno de um mesmo tema: Caminhos Portugueses à Santiago de Compostela.

5.4.2.2 Símbolos e memórias mantidas pela narrativa

Os símbolos e memórias conservadas pelo texto jornalístico são: a história do caminho francês, a história do desenvolvimento da rota portuguesa, a memória da peregrinação e das motivações dos peregrinos nas Idades Média, Moderna e Contemporânea, a simbologia cristã portuguesa atualizada pela rota de peregrinação.

O caminho Francês, como afirma o autor, é o caminho mais antigo que se tem conhecimento. Sua rota está descrita pelo livro V, do *Liber Sancti Jacobi* ou *Codex Calixtinus*. Essa via, como explica Caballero (2011), foi definida de forma que os peregrinos tivessem menos risco de encontrar com os mouros e pudessem realizar sua peregrinação apenas com a motivação de fé e piedade (ver 1.1).

O jornalista referencia a memória do desenvolvimento do caminho quando expõe que em 1993 a rota francesa foi classificada como patrimônio da UNESCO. Segundo a descrição da lista de patrimônios mundiais da UNESCO, a história e o desenvolvimento da rota francesa facilitou um constante diálogo cultural, ao longo dos séculos, entre os peregrinos e as comunidades por onde passam. “Foi também um importante eixo comercial e condutor para a disseminação do conhecimento, apoiando o desenvolvimento econômico e social ao longo de seus itinerários” (UNESCO, 1993). O caminho, para o documento, está em constante evolução e inclui um conjunto de patrimônios construídos com importância memorial e histórica.

A narrativa disserta sobre a história do caminho que começa no medievo, relembrando suas características, importância, declínio e ressurreição. Demonstrados no período: “Na Idade Média, Santiago tornou-se o terceiro maior destino de peregrinação

do mundo católico, a seguir a Roma e a Jerusalém. Após alguns séculos de quase esquecimento, os anos 80 do século passado ditaram a ressurreição dos caminhos”.

O texto contrasta as diferenças entre as motivações dos peregrinos medievais e os contemporâneos, mas sempre com a intenção de fazer associações com a memória dessa peregrinação, exemplificada em “Na Idade Média, os fiéis rumavam a Santiago por razões de fé e devoção, sendo o objetivo fulcral da caminhada a visita ao túmulo do apóstolo S. Tiago Maior. Hoje, há certamente razões de fé em muitos casos, mas a esmagadora maioria dos que fazem o caminho ambiciona uma experiência diferente e coloca no topo do que considera essencial o contacto com a natureza, a cultura e o património. Os momentos de solidão e introspeção que a caminhada proporciona são também fatores importantes”.

Por fim, o texto jornalístico evoca a memória religiosa de uma região atualizada pela presença do caminho de Santiago, como em “sempre que o caminho passa numa encruzilhada, há um nicho que reza às Alminhas do Purgatório. É assim em todo o Norte, mas muito particularmente no Minho. Num nicho de alminhas de 1840, na Facha, Ponte de Lima, foi colocado um painel de Santiago. A mudança adveio da importância do caminho e os peregrinos compensam colocando uma pedra junto à imagem”.

5.5 Grupo 2: Narrativas peregrinas

5.5.1 Narrativas refiguradas

O discurso dos peregrinos, construído a partir das respostas às perguntas⁴¹ revela que as principais mudanças – atualização ou refiguração – possuem relação com as questões da motivação para a realização do caminho. Halbwachs (1990) e Pollak (1989) defendem que a memória é um dos instrumentos para a reconfiguração do presente (ver capítulo 3) e é nesse sentido que as narrativas sobre as peregrinações são atualizadas, a partir de novas perspectivas da memória.

Conforme a narrativa peregrina, as intenções para a peregrinação possuem uma tendência de não estarem atreladas ao culto ao santo ou à crença na fé católica. Para os entrevistados, a busca interior ou espiritual (65,7%) e realização pessoal (62,9%) são as motivações que melhor correspondem as intenções para a caminhada.

⁴¹ As perguntas do questionário são: quais as motivações para a realização do caminho? Quais insígnias e símbolos do caminho você conhece? Quais as principais diferenças entre você e os peregrinos medievais? Quais as principais semelhanças entre você e os peregrinos medievais? Compare os momentos de peregrinação aos momentos da sua rotina diária. Quais são as principais diferenças? Como se sente depois de realizar o caminho? (Ver anexos).

Ainda que a religiosidade corresponda a um número considerável (37,1%) dentre as opções de motivação para a peregrinação percebe-se que ela não é a principal escolha dos peregrinos entrevistados, como era na Idade Média. Outras explicações para a vontade de caminhar destacadas pelos pesquisados foram: turismo de aventura e lazer (40%), melhoria ou teste físico (17,1%), fazer amigos ou conhecer pessoas (17,1%) e curiosidade (2,9%).

As perspectivas sobre a motivação para realizar o caminho são notadas em trechos das falas dos peregrinos, como para BM⁴² – 42 anos, fez o caminho cinco vezes –, ao afirmar que os peregrinos medievais estavam “mais na busca da fé e no reencontrar a fé, agora já há muito turismo no verdadeiro sentido da palavra”. Para CR – 46 anos, nove peregrinações – a principal motivação “é mais espiritual”, enquanto que, no medievo, os peregrinos caminhavam por “crenças religiosas”. Já para RF – 47 anos, duas vezes no caminho – o peregrino do século XXI está mais interessado no “contato com o divino, sem intermediário terreno para assegurar a conexão”, ou seja, uma espiritualidade que não está diretamente ligada aos dogmas da Igreja Católica.

Outros aspectos são representativos na reconfiguração das narrativas sobre os caminhos, como a disposição de equipamentos e estrutura, os quais, ao longo do tempo, tornaram-se um facilitador para a realização da caminhada. Para os entrevistados, na atualidade há infraestrutura, qualidade de sinalização, segurança, organização e sistematização do percurso, enquanto que na Idade Média as intemperes pelas quais os caminhantes passavam eram, por vezes, encaradas como tentação do ‘inimigo’ para a desistência (ver 1.2). Como afirma MS, 46 anos, “hoje temos à disposição muitos equipamentos que nos permitem percorrer o caminho com muito mais comodidade” e, como, ressalta AM, 73, hoje há “guias detalhados, excelente sinalização, ampla escolha de albergues e equipamento adequado são alguns dos fatores que fazem a diferença”.

5.5.2 A relação entre o discurso peregrino e a narrativa midiática

Os vínculos entre as falas dos peregrinos entrevistados e as narrativas jornalísticas analisadas podem ser observados na apreensão das motivações para a realização da peregrinação. Da mesma forma como os textos jornalísticos apresentaram, como na peça 1 – “Os motivos deste pertencimento nada tinham a ver com fé ou crença no poder redentor dos supostos restos mortais do apóstolo Tiago, descobertos aqui no século 9”; “Das buscas, de sentido, de encontro consigo, de respostas complexas” – e 4 – “Na Idade

⁴² Neste trabalho utiliza-se apenas as iniciais dos nomes para que não haja exposição desnecessária dos entrevistados.

Média, os fiéis rumavam a Santiago por razões de fé e devoção, sendo o objetivo fulcral da caminhada a visita ao túmulo do apóstolo S. Tiago Maior. Hoje, há certamente razões de fé em muitos casos, mas a maioria dos que fazem o caminho ambiciona uma experiência diferente e coloca no topo do que considera essencial o contacto com a natureza, a cultura e o património”.

Os testemunhos dos peregrinos confirmam essa tendência. Tal relação revela-se tanto na percentagem das definições da motivação, mais de 65% para busca interior ou espiritual e 62,9% para realização pessoal (ver tópico anterior). SQ, 36 anos, acredita que a intenção principal de quem peregrinava no medievo era “passar a palavra de Deus”. Para PO, 32, o peregrino atualmente já não busca mais só as questões ligadas à fé em São Tiago. Ele afirma que fez o caminho para é ter um “tempo de retiro e de encontro e busca”. Segundo AA, 33, hoje fazem a peregrinação mais aqueles que buscam “puro lazer e aventura”, diferente do caminhar voltado apenas para a “crença religiosa”, como explica AM, 52 anos.

Outra relação percebida entre as narrativas jornalísticas e as dos peregrinos é a necessidade do desapego material. Na primeira peça analisada, o jornalista coloca “os desapegos materiais têm duplo sentido: desfazer-se de algo que lhe pesa, mas que pode ajudar o outro [...] a ausência de oferta de privilégios e luxos nivela os peregrinos por meio de necessidades básicas: comer, dormir, tomar banho” que se encontra em consonância com as falas de peregrinos sobre a diferenças dos momentos vividos no caminho e na rotina do cotidiano, como em: “os próprios pertences, dormir nos albergues com outros peregrinos, compartilhar o mínimo que possuímos”; “viver com o mínimo de conforto”; “viver com o mínimo indispensável”; “viver com o essencial”; “desapego dos bens e pessoas, simplicidade na forma de viver”.

Outro ponto de contato entre os dois tipos de narrativas perpassa pelas questões do planejamento para o caminho, a preparação física, a alimentação e os momentos de descanso durante a peregrinação. Na peça jornalística 1, o autor destaca: “Afinal, quantos de nós, ao longo da vida, caminhamos cerca de 25 quilômetros diários, partilhamos a comida e pudemos interagir com pessoas tão distintas? Em que outra oportunidade passamos tantas horas seguidas exposto à verdade da natureza, do vento, do sol, da chuva e do frio? Ou dormimos, ao longo de um mês, em uma cama diferente a cada dia, evidenciando o pouco valor do ter?”. Na peça 2 encontra-se o trecho: “a pé, mochila nas costas, acordando cedo e dormindo em albergues específicos para os peregrinos – o que demanda planejamento e preparação física”. A narrativa jornalística da peça 4 a esse

respeito dispõe ao leitor as seguintes dicas: “Um roteiro bem definido - Antes de partir é necessário elaborar um roteiro bem definido, com os percursos diários, os horários de descanso e as paragens para as refeições”.

Em concordância com os textos jornalísticos, os peregrinos afirmam que a rotina do caminho é “despertar, caminhar a distância planejada ou até se sentir cansado, registrar-se num albergue, sair para jantar e voltar cedo para dormir e descansar”. Assim, a “alimentação, esforço físico”, “hora de acordar”, modificam a rotina do dia a dia, transformando o processo “em uma descoberta do nosso verdadeiro biorritmo”. Neste aspecto revela-se também na narrativa peregrina elementos do autoconhecimento na peregrinação.

5.5.3 O contexto da motivação e resultado da peregrinação: relações com a memória

A narrativa dos peregrinos do século XXI revela que a motivação e o resultado da peregrinação possuem dois tipos de relação com os conceitos de memória estudados neste trabalho. O primeiro deles demonstra que a narrativa refigurada, ou seja, a narrativa peregrina mantém as memórias do caminho observadas nas mimeses I e II. Dos emblemas relacionados aos caminhos de Santiago são conhecidos pelos peregrinos: 100% tiveram contato com as setas amarelas; 97, 1% conhecem a vieira e a credencial do peregrino; 94, 3% conhecem a Compostela; 91,4% têm conhecimento da expressão *Bom Caminho!* (*Buen Camino!*); 60% tiveram contato com o cajado; 51,4% se depararam com a expressão *Ultreia!*.

Nesse sentido, percebe-se que os símbolos memoriais da peregrinação expostos pelas narrativas configurantes (jornalísticas) são de conhecimento dos participantes do caminho no último século, que está em consonância com as perspectivas de Nora (1993) sobre os lugares de memória. Para o autor, esses locais são rastros de um período onde ainda persistem uma consciência comemorativa, na qual a manutenção das tradições é garantida pela identificação carnal do ato e do sentido, em uma sociedade ainda preocupada com o apego de sua vida simbólica.

Muitas tradições construídas ao longo da história da peregrinação permanecem presentes para os caminhantes da contemporaneidade, como forma de manter a conexão com a memória coletiva e com a formação da identidade peregrina. Além dos emblemas, como símbolos de memória – ou ainda como lugares de memória – comportamentos também são repetidos desde o início das peregrinações na Idade Média.

Indagados sobre suas semelhanças com os peregrinos medievais, os caminhantes deste século afirmaram que algumas práticas acabaram por criar hábitos de memória entre

eles. CMMP, 32 anos, explica que “carregar a vieira, os próprios pertences, dormir nos albergues com outros peregrinos, compartilhar o mínimo que possui, fazer refeições com desconhecidos, obter a Compostela, participar dos rituais (missa do peregrino, botafumeiro) e pisar no mesmo chão que muitos outros já pisaram” são alguns exemplos de como se sentir um peregrino tradicional (ver 1.2). BM reitera que as concepções que perseveram como costume na caminhada são o acolhimento e os valores partilhados pelos peregrinos ao longo do caminho.

Outro aspecto da relação da memória com as motivações e resultados da peregrinação. Com base em Bauman (2007), Nora (1993) e Huyssen (2000), é a necessidade de recorrência da memória como forma de compensar a perda da estabilidade oriunda da expansão da força intempestiva do presente sobre o resto das temporalidades (ver 3.3). A narrativa peregrina revela a ligação com as tradições que mantém os indivíduos conectados com as memórias.

Os entrevistados relataram que, ao caminhar e sair da rotina contemporânea, sentiram o vínculo com o natural, o transcendental e com a própria essência. Para eles, os momentos de peregrinação lhes proporcionam “paz, leveza, liberdade, relaxamento, realização, contato com a natureza e encontro consigo próprio”, por causa da “ausência de stress, menos mídia, silêncio, sem interferências das atividades do cotidiano”.

Os dados aqui mencionados são demonstrados nos gráficos e tabelas a seguir:

Tabela 1 – Motivações para a realização do caminho

Motivos	Respostas	%
Curiosidade em conhecer	1	2,9%
Realização Pessoal	22	62,9%
Fazer amigos ou conhecer pessoas	6	17,1%
Melhoria ou teste físico	6	17,1%
Turismo de aventura	14	40,0%
Busca interior ou espiritual	23	65,7%
Religiosa	13	37,1%
Total de pessoas pesquisadas	35	

Gráfico 1 – Motivações para a realização do caminho

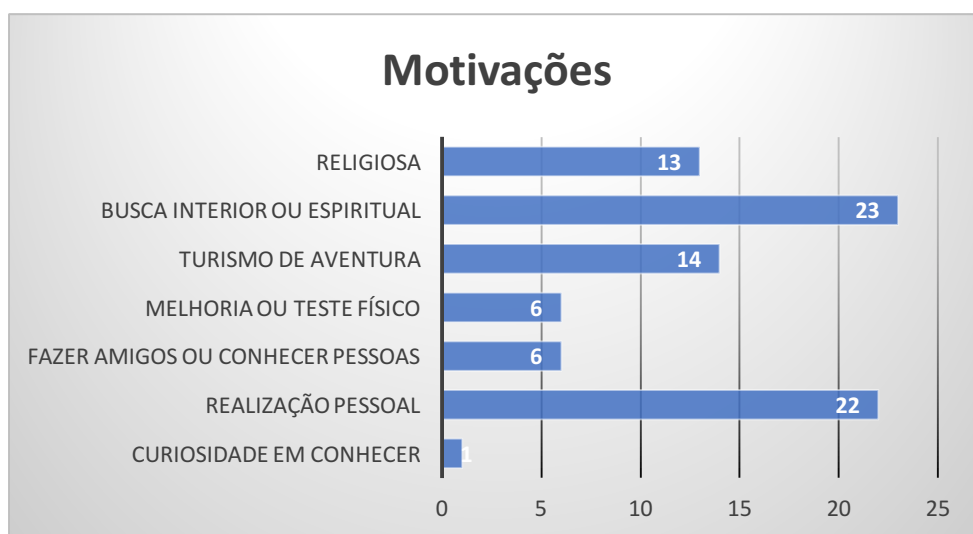
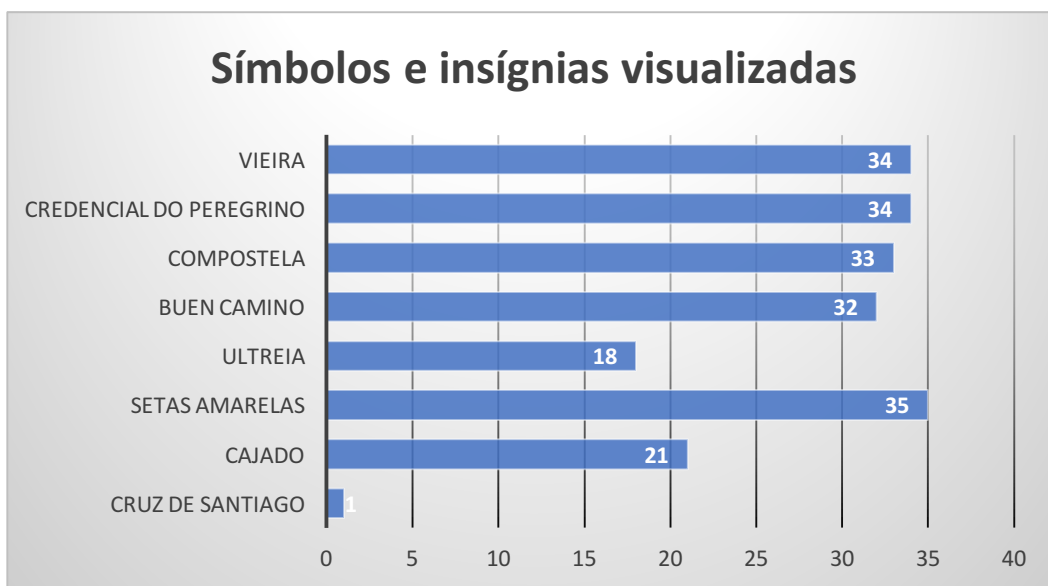


Tabela 2 – Símbolos e insígnias visualizadas

Símbolos	Visualizações	%
Cruz de Santiago	1	2,9%
Cajado	21	60,0%
Setas Amarelas	35	100,0%
Ultreia	18	51,4%
Buen Camino	32	91,4%
Compostela	33	94,3%
Credencial do Peregrino	34	97,1%
Vieira	34	97,1%
Total de pesquisados	35	

Gráfico 2 – Símbolos e insígnias visualizadas



CONCLUSÕES

Este trabalho dissertou sobre as relações entre a mídia e a memória, suas configurações e reconfigurações. A pesquisa observou nas narrativas jornalísticas e peregrinas, conforme Pollak (1992) e Halbwachs (1990), que a memória se constitui como um instrumento de reconfiguração do passado, ou seja, um enquadramento do passado a partir das demandas do presente. As narrativas foram analisadas por meio de um modelo operacionalizado com base na tríplice mimese de Ricoeur (1994), que divide o processo mimético da narrativa em três etapas: pré-figuração (mimese I); configuração (mimese II); refiguração (mimese III).

A verificação dos elementos da pré-figuração (mimese I) dos textos do grupo 1 (narrativa jornalística) demonstram que as metas, motivos, circunstâncias e interações são os principais responsáveis por revelar os vínculos da narrativa com as histórias da peregrinação. A interação entre agentes concretos e abstratos da narrativa evidencia como se desenvolve a vinculação das experiências entre os indivíduos e sua coletividade (Halbwachs, 1990; Pollak, 1989; Casalegno, 2006). Demonstrou-se na mimese I que há relação entre os agentes da narrativa e a memória da peregrinação, em processo de identificação do agente com o seu grupo social.

Os traços simbólicos evidenciam o uso dos signos linguísticos como forma de representação e caracterização de agentes, comportamentos e memórias na narrativa. Os traços temporais indicam a capacidade das narrativas jornalísticas de comporem as três temporalidades: passado, presente e futuro. Com base nas análises empreendidas e amparo teórico percebeu-se que a memória, ainda que ancorada no passado, necessita do impulso do presente para ser incitada. De modo similar, a narrativa jornalística – baseada no relato do presente – é um meio de transmissão ‘atualizada’ da memória coletiva.

Ao investigar a peregrinação a Santiago de Compostela notou-se que a mídia, por meio da narrativa jornalística, reforça e também atualiza as memórias do fenômeno (peregrinação). A aplicação do modelo de análise, operacionalizado a partir da tríplice mimese de Ricoeur (1994), nas narrativas jornalística e peregrina mostrou que o conceito de acontecimento jornalístico (ver capítulo 2) foi responsável pela atualização das memórias construídas ao longo da história da peregrinação e do culto à Santiago. O acontecimento aqui estudado adota as características expostas por Dosse (2013), Farge (2002) e Mead (2008): espessura temporal, irrupção do tempo, emergência do novo. Esse

acontecimento abarca espaços de experiência e horizontes de expectativa, segundo Koselleck (2006).

O estudo da configuração narrativa (mimese II) expôs que os acontecimentos de cada peça do grupo 1, situados nos primeiros parágrafos dos textos, são o impulso do presente para a rememoração na narrativa noticiosa. Apoiando-se em Babo-Lança (2012), este trabalho percebeu que o acontecimento midiático nas notícias se constitui como um meio de transmissão da memória pela narrativa. O jornalismo se torna, assim, responsável por oferecer à experiência humana dimensão memorável, dotada de sentido na inserção do sujeito em um contexto social e identitário.

O exame das narrativas do *corpus* de pesquisa mostra que as memórias reforçadas pela narrativa jornalística se apresentam principalmente em forma de símbolos associados à história da peregrinação. Esses símbolos representam a identidade dos peregrinos construída ao longo do tempo. A vieira, o cajado, a Compostela, a Credencial do Peregrino, as setas amarelas e as expressões *Ultreia* e *Buen Camino* revelam a manutenção da memória dos Caminhos de Santiago presentes nas narrativas jornalísticas e reforçadas pelas narrativas dos peregrinos.

Práticas, rituais e comportamentos específicos também foram observados nos textos em investigação. Dormir em albergues, carregar por muitos quilômetros os próprios pertences, abdicar do luxo, compartilhar o pouco que possui, fazer refeições com pessoas desconhecidas, desenvolver a compaixão e ajudar o próximo são alguns dos comportamentos que ainda se encontram presentes na memória da peregrinação, segundo as narrativas analisadas.

Os símbolos, valores, tradições, comportamentos e lugares, observadas nos textos analisados, – ainda que estejam em constante atualização – demonstram que a permanência das memórias narrativas tem como objetivo a busca de um espaço de segurança na ‘vida líquida’ de Bauman (2007). Como afirmou Nora (1993), os locais de memória surgem como marcos testemunhais de outros tempos, que inspiram ilusões de eternidade e, por isso, possuem aspecto nostálgico que oferece sensação de segurança.

A mimese III (refiguração) foi representada pela visão dos peregrinos sobre as histórias, memórias, identidades, imagens e costumes associados à peregrinação. A narrativa peregrina demonstrou que a motivação e o resultado da realização do caminho possuem dois tipos de relação com os conceitos de memória estudados neste trabalho: a

manutenção das memórias do caminho, observadas nas mimeses I e II; o apego às tradições, valores e costumes que mantêm as pessoas conectadas às memórias e identidades. O discurso dos peregrinos revelou que as principais mudanças – atualização ou refiguração – possuem relação com as questões da motivação para a realização do caminho, pois as narrativas sobre as peregrinações são atualizadas, a partir de novas perspectivas da memória.

Muitas tradições construídas ao longo da história da peregrinação ainda estão presentes para os caminhantes da contemporaneidade. Denota-se, assim, a necessidade manter a conexão com a memória coletiva e com a formação da identidade peregrina. Além dos emblemas, como símbolos de memória – ou ainda como lugares de memória – comportamentos também são repetidos desde o início das peregrinações na Idade Média. Enquanto narrativa, a peregrinação absorveu um reconhecimento de imanência do sagrado atribuindo-lhe característica de atratividade, que ajuda na construção da identidade e memória tanto da ação narrativa (o caminhar), quanto do agente da intriga (peregrino).

A peregrinação foi observada – na forma proposta por Coleman e Elsner (2003) – como uma interação entre pessoas, textos e lugares, nas quais as tensões entre as narrações tanto orais quanto escritas constroem uma forma peculiar de narrativa. Para os autores, quando o “evento teofânico originário é recontado, pode orientar as posteriores percepções dos peregrinos sobre um determinado lugar, assim como proporcionar muita da motivação para as suas viagens” (Coleman & Elsner, 2003: 6). Assim, narrar sobre a peregrinação é, portanto, uma parte importante do retorno, permitindo que se reinterprete as experiências e simultaneamente se identifique como peregrino. Também é capacidade das narrativas de experiência inspirarem gerações futuras como guias práticos tanto para jornada física quanto para suas interpretações.

Com base em Coleman (2012), a investigação do grupo II notou que, em muitos casos, o que leva a pessoa a realizar a peregrinação é a necessidade de sentir a estabilidade do caminho em relação ao mundo e ao tempo. O caminhante adere aos valores de forma performativa à medida em que encarna a identidade do peregrino tanto individualmente quanto como pertencente ao grupo social dos peregrinos. O autor afirma que as narrativas da peregrinação funcionam como alegorias do que era feito no passado, de modo que tal repetição passa a ter um significado diferente do primeiro, apresentando nova carga interpretativa, influenciada pela sua realização no presente. Esses aspectos passam a

integrar a ação do peregrino, quando por exemplo fazem caminhada seguindo os ‘mesmos passos’, passando pelos mesmos caminhos, usando os mesmos símbolos e rituais, porém sempre renovados.

A pesquisa também revelou, amparado em Pollak (1992), que a memória é um componente de inserção identitária e uma ferramenta que gera o sentimento de continuidade e coerência de um grupo em constante processo de atualização. A referência ao passado é uma forma de manter a coesão e a estabilidade dos grupos e instituições de uma sociedade capazes de definir sua identidade, complementariedade, como também suas oposições.

Assim, em conformidade com os autores, conclui-se que a velocidade dos ‘tempos líquidos’ impele as sociedades a guardarem imagens do presente – por meio das narrativas, símbolos, rituais e outros locais de memória – para posterior consulta, demonstrando a necessidade dos indivíduos contemporâneos de se ancorarem em memórias que inspiram confiança e conforto.

Como indicação para estudos futuros, sugere-se a investigação do papel da mídia na manutenção e atualização das memórias de outros fenômenos sociais de mobilidade, como as migrações com caráter de fuga de conflitos sociais, religiosos e políticos. Dessa forma, propõe-se o debate da configuração das migrações contemporâneas como movimentos sociais nas suas relações com processos memoriais na dinâmica midiática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agostinho, S. (1973). *Confissões: livro XI*. São Paulo: Abril Cultural.
- Aristóteles (2008). *Poética*. Trad. Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Arquembourg, J. (2011). *Nascimento do acontecimento mediático moderno: o desastre de Lisboa*. Trad. Isabel Babo-Lança. Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura. n. 10.
- Babo, M. (2009). *Escrita, memória e arquivo*. Revista de Comunicação e Linguagens. Lisboa. n. 40, 45-51.
- Babo-Lança, I. (2012). *Acontecimento e memória*. In: França, V; Oliveira, L. (orgs). *Acontecimento: reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Bauman, Z. (2007). *Tempos Líquidos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Barros, J. (2012). *Teoria da História, volume V – A Escola dos Annales e a Nova História*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Benjamin, W. (1984). *Origem do Drama Barroco Alemão*. Trad. e pref. Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1985). *As Teses sobre o Conceito de História*. In: *Obras Escolhidas*, Vol. 1. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1987). *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. In: *Obras escolhidas*, Vol. 1. São Paulo: Brasiliense.
- Braudel, F. (1992). *A longa duração*. In: *Escritos sobre a História*. Lisboa: Perspectiva.
- Caballero, G. F. A. (2011). *El Liber Peregrinationis como fuente para la historia del Camino de Santiago y de las sociedades medievales*. *Ab Initio: Revista digital para estudantes de Historia*, 2(4), 15-36.
- Casalegno, F. (2006). *Memória Cotidiana: Comunidades e comunicação na era das redes*. Porto Alegre: Sulina.
- Charaudeau, P. (2006). *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto.
- Coleman, S. (2003). *Pilgrim Voices: authoring Christian Pilgrimage*. In: Coleman, S; Elsner, J (ed.). *Pilgrim Voices: narrative and authorship in Christian pilgrimage*. New York: Oxford Berghahn Books.
- Coleman, S. (2012). *Memory as Absence and Presence: pilgrimage, archeology and the creativity of destruction*. *Journeys*, n. 13 (1), 1-20.

- Dewey, J. (1998). *Cómo pensamos*. Barcelona: Paidós.
- Dosse, F. (2013). *Renascimento do acontecimento*. São Paulo: Unesp.
- Dunn, M. (2015). *Historical and Modern Signs of "Real" Pilgrims on the Road to Santiago de Compostela*. In: Sánchez, S. & Hesp, A. (Eds.). *The Camino de Santiago in the 21st Century: Interdisciplinary Perspectives and Global Views* (Vol. 5). New York: Routledge.
- Farge, A. (2002). *Penser et définir l'événement en histoire: approche des situations et des acteurs sociaux*. Terrain. Revue d'ethnologie de l'Europe, n. 38. Disponível em: <<http://terrain.revues.org/1929>>. Acesso em maio de 2018.
- Farge, A. (2011). *Lugares para a História*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autentica Editora.
- Foucault, M. (2008). *Arqueologia do Saber*. Trad. Luis Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- _____. (2003). *Ditos e escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, v. IV (Estratégia, poder-saber).
- Gadamer, H. G. (2006). *O problema da consciência histórica*. Trad. Paulo César Duque Estrada. Belo Horizonte: Autêntica.
- Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Vértice.
- Huyssen, A., Moreira, S., & de Carvalho Moreno, C. (2004). *Mídia e discursos da memória*. Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, n. 27 (1).
- _____. (2000). *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos e mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano.
- Kosseleck, R. (2006). *Espaço de experiência e horizonte de expectativa*. In: Kosseleck, R. *Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RJ.
- _____. (2014). *Estratos do tempo*. Estudos sobre História. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Lacouture, J. (1978). *A história imediata*. In: Le Goff, J; Chartier, R; Revel, J (Orgs.). *A nova história*. Coimbra: Almedina.
- Lage, N. (1966). *Linguagem jornalística*. São Paulo: Ática.
- Langlois, C; Seignobos, C. (1948). *Introdução aos Estudos Históricos*. São Paulo: Renascença.
- Liber Sancti Jacobi*. (2001). Trad. A. Moralejo, C. Torres, J. Feo. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.

- Lopes, M. (2016). *As pessoas, o tempo longo e as imagens: a devoção e culto das almas do Purgatório em Portugal*. *Brathair-Revista de Estudos Celtas e Germânicos*, 16(1).
- Lübbe, H. (1995). *Twilight memories: marking time in a culture of amnesia*. Londres e Nova York: Routledge.
- Mead, G. (2008). *La filosofía del presente*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas (CIS).
- Meneses, U. (1992). *A História, Cativa da Memória? Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais*. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 0 (34), 9-23
- Motta, L. (2012). *Narrativas jornalísticas e conhecimento de mundo: representação, apresentação ou experimentação da realidade?* In: Pereira, F; Moura, D; Adghirni, Z. (orgs). *Jornalismo e Sociedade: Teorias e Metodologias*. Florianópolis: Insular.
- Nora, P. (1974). *Le retour de l'évenement*. In: Le Goff, J; Nora, P (Orgs). *Faire de l'histoire* Paris: Gallimard. 219-220.
- Nora, P. (2006). *Aula inaugural do ano letivo 2006-2007 no Centro e Formação de Jornalistas*. Paris: Arquivos Gallimard.
- Nora, P. (1972). *L'événement monstre*. In: *Communications*, 18. Paris: L'événement.
- Nora, P. (1993). *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Trad. Yara Aun Houry. São Paulo: Projeto História. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, n.10, 7-28.
- Orlandi, E. (1999). *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.
- Pêcheux, M. (1999). *Papel da memória*. In: Achard, P. et al. (org). *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes.
- Pollak, M. (1992). *Memória e identidade social*. *Revista de Estudos Históricos*. n. 5 (10), 200-215.
- _____. (1989). *Memória, esquecimento, silêncio*. *Revista de Estudos Históricos*. n. 2 (3), 3-15.
- Pullan, W. (2017). *Tracking the habitual: observations on the pilgrim's shell*. In: Davies, P; Howard, D; Pullan, W. *Architecture and Pilgrimage, 1000-500: Southern Europe and Beyond*. Nova York: Routledge.
- Remond, R. (2013). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV.
- Ricoeur, P. (1978). *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Trad. H. Japiassu. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1969)

_____. (1994). *Tempo e narrativa (tomo 1)*. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus.

Sánchez, S. & Hesp, A. (Eds.). (2015). *The Camino de Santiago in the 21st Century: Interdisciplinary Perspectives and Global Views* (Vol. 5). New York: Routledge.

Steil, C. A; Carneiro, S. (2008). *Peregrinação, Turismo e Nova Era: caminhos de Santiago de Compostela no Brasil*. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 28(1): 105-124.

Steil, C. A. (2003). *Peregrinação, Romaria e Turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas*. In: Abumanssur. (org.). *Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo*. Campinas: Papirus, p.29-54.

Thompson, J. (2011). *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 9.ed. Trad. do Grupo de Estudos sobre Ideologia, comunicação e Representações sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. Petrópolis: Vozes.

Torras, B. (2012). *Do apóstolo ao peregrino: a iconografia de São Tiago na escultura devocional medieval em Portugal*. *Medievalista*. n. 12.

Tuchman, G. (1999). *A objetividade como ritual estratégico*. In: Traquina, N. (Org.) *Jornalismo questões, teorias e “estórias”* Lisboa: Veja.

UNESCO (1993). *Routes of Santiago de Compostela: Camino Francés and Routes of Northern Spain*. Disponível em: < <https://whc.unesco.org/en/list/669>>. Acesso junho de 2018.

Vilar Álvarez, M. (1997). *Un paisaje con historia*. In: Varios, *Finisterrae. Un proyecto para el confín del mundo, Santiago de Compostela* (pp. 15-56). Santiago: Finisterre Seguros.

Wolf, M. (1999). *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Presença.

ANEXOS

1. Peça 1 – Grupo 1: Epopeias próprias

Autor: Felipe Mortara

Publicação: Estado de São Paulo

Data: sem data

Texto completo:

Abre-se uma lacuna na tentativa de tentar explicar o vazio que é chegar a Santiago de Compostela. Uma dormência lúcida que toma conta de quem se depara com tão portentosa catedral após caminhar dias e dias. Não saberia outra forma de expressar este vácuo. Não é felicidade nem tristeza, quase não é real. O peregrino que conclui sua jornada se torna mais um órfão do Caminho de Santiago.

Desaprender a seguir conchas e setas amarelas, destreinar os olhos. Aos pés calejados, desensinar a planar sobre estradas e caminhos de terra, sobre ruas de pedra, calçadas milenares. Fazer de um cajado, outrora fiel companheiro, um mero pedaço de madeira aposentado.

Que o Caminho de Santiago, que de tantos foi há centenas de anos, agora também me pertencia. Os motivos deste pertencimento nada tinham a ver com fé ou crença no poder redentor dos supostos restos mortais do apóstolo Tiago, descobertos aqui no século 9. Cada passo ao longo dos mais de 700 quilômetros percorridos desde Saint Jean Pied de Port, na França, e cada um dos aprendizados e pensamentos edificaram esta jornada.

Bem como a força do passado, das hordas de peregrinos que para Lá rumaram entre os séculos 12 e 17, que fizeram pulsar a economia regional e trouxeram a essência, a legitimidade do Caminho de Santiago. Acompanhados de todo o legado, a fé e o misticismo que cercam o Caminho Francês, eu e o fotógrafo e videomaker Filipe Araújo nunca estivemos sozinhos.

Cabe aqui ressaltar que, embora todos rumem à Catedral de Santiago, cada um faz seu próprio Caminho. Desconstruir-se ao longo de 30 e poucos dias para remontar-se ao longo do porvir. Uma reengenharia de vida que não segue regras e lógicas. Se a trilha é praticamente uma só, as histórias, condições, expectativas e entregas de cada peregrino são distintas. Ainda que estejamos todos a nos abraçar diante daquela catedral, não tem

como o resultado ser o mesmo para cada um. Passa a fazer sentido a ideia de que o caminho começa em Santiago.

Colocar-se em marcha continuamente com tempo dedicado a isso apenas, e nada mais. Intervalo raro e estranho na vida, leva tempo a se acostumar com o status de peregrino. Mais ainda demora a legitimar-se como tal perante a si próprio. Estar algo inédito em um lugar novo cuja paisagem se transforma a cada instante. Parece muito o tempo empenhado, e muita a distância a percorrer, mas, na prática, é muito pouco.

Afinal, quantos de nós, ao longo da vida, caminhamos cerca de 25 quilômetros diários, partilhamos a comida e pudemos interagir com pessoas tão distintas? Em que outra oportunidade passamos tantas horas seguidas exposto à verdade da natureza, do vento, do sol, da chuva e do frio? Ou dormimos, ao longo de um mês, em uma cama diferente a cada dia, evidenciando o pouco valor do ter?

Nas mochilas, peregrinos trazem o que podem ou não suportar. Carregados de simbolismos, os desapegos materiais têm duplo sentido: desfazer-se de algo que lhe pesa, mas que pode ajudar o outro. Idealistas e utópicos de todas as sortes perceberão no Caminho um quê de experiência socialista bem-sucedida, em que a ausência de oferta de privilégios e luxos nivela os peregrinos por meio de necessidades básicas: comer, dormir, tomar banho.

Embora de cantos distintos desse mundão de meu Deus, cada peregrino tem como estopim para tamanha empreitada motivos que muito se assemelham. Das perdas, de amor, de emprego ou de um ente querido. Das buscas, de sentido, de encontro consigo, de respostas complexas. Aqui, uma ressalva: diz um provérbio do Caminho que, em vez de respostas, volta-se para casa com mais perguntas.

Eis um processo de superação e introspecção em que tudo aflora. O ritmo de cada peregrino, sua passada e velocidade de percepção, tem a exclusividade de uma impressão digital. Cada um tem o seu e não se espante se houver dissonância com um companheiro de caminhada. Eu e Filipe Araújo descobrimos compassos diferentes, andamos em toadas distintas e tivemos bons encontros e reencontros, ao sabor do caminho.

Se a história, os valores e a bagagem de cada pessoa a fazem moldar o mundo à sua maneira, com o trajeto não seria diferente. Singulares, os significados que cada peregrino atribui ao percurso se harmonizam à vivência, aos encontros e esforços de cada um.

Peregrinar é sobre se conhecer, não se penitenciar. E um tanto distinto de turistar, como sempre estive acostumado. É um outro estar.

Já quase no fim, inusitado, me bate uma vontade estranha. De recomendar a você que pare de ler tudo sobre o Caminho e simplesmente vá. Munir-se de informações, história e relatos de outros peregrinos é ótimo, mas talvez seja um dos ingredientes perversos do despertar da expectativa. O caminho é diferente. Imagine, leia, converse, escute. Apenas para descobrir que nunca vai ser como você pensava.

2. Peça 2 – Grupo 1: Como fazer o Caminho de Santiago de Compostela fugindo dos clichês?

Autor: José Henrique Mariante

Publicação: Folha de São Paulo

Data: 16.06.2016

Texto completo:

Todos os caminhos levam a Compostela? Provavelmente. Mas, mais ao norte, um conjunto deles tenta fugir dos clichês que infestam a popular peregrinação cristã, esquecida por séculos na história e resgatada pelo turismo há menos de três décadas.

Os Caminhos do Norte a Santiago de Compostela são até mais antigos que o Caminho Francês, o mais conhecido e congestionado dos percursos, que cruza a Espanha mais pelo centro do país. O Caminho Primitivo, um dos cinco que compõem o conjunto setentrional, é tido como o primeiro idealizado para os fiéis peregrinos alcançarem o local de sepultamento de São Tiago, a catedral de Compostela.

Todos esses percursos estão em uma faixa que vai do País Basco até a Galícia, passando por Cantábria e Astúrias, região que representou o que restou dos reinos ibéricos durante a ocupação muçulmana e que conseguiu resistir. Na península desde 711, os mouros, por oito séculos, não conseguiram alcançar esses lugares e nem sequer chegaram a ver o mar Cantábrico até serem expulsos de Granada, em 1492.

Devoção a um santo ou estratégia militar da Reconquista, o fomento à peregrinação fez por todo esse tempo cristãos de todos os lugares a leste dos Pireneus caminharem até as

terras galegas, onde o Sol morria e o mundo acabava não antes de revelar São Tiago e Compostela.

Reputa-se a esse movimento a formação de uma identidade própria da Europa. E, não por coincidência, o resgate do caminho como é hoje se dá justamente com o advento da União Europeia.

Mais acidentados, os Caminhos do Norte apresentam muitas paisagens, percorrem praias e montanhas, cidades grandes e pequenas e diferentes atrações por mais de 800 quilômetros em sua versão mais longa. Passam pela culinária de San Sebastián, pela Guernica retratada tragicamente por Picasso e pelo museu Guggenheim, de Bilbao; pelo mar Cantábrico de Santander e San Vicente de la Barquera; pelos picos de Europa; por Gijón, Oviedo e a praia das Catedrais em Ribadeo; e por Arzúa, onde todos os caminhos a Compostela viram um só, a pouco menos de 40 quilômetros do famoso destino.

Roteiro que muitas vezes é percorrido da maneira tradicional: a pé, mochila nas costas, acordando cedo e dormindo em albergues específicos para os peregrinos – o que demanda planejamento e preparação física.

Todos os caminhos levam a Santiago de Compostela. Pelos do norte, por devoção ou divertimento, a jornada promete ser diferente.

3. Peça 3 – Grupo 1: Alemães empurram Caminho de Santiago para junto do mar

Autor: Luísa Pinto

Publicação: Público

Data: 04.08.2014

Texto completo:

Peregrinos alemães começaram a tendência de desviar ainda mais para a costa o Caminho Português de Santiago. Os caminheiros do século XXI preferem a natureza e o mar (e os passadiços junto à praia), às tradicionais rotas mais urbanas, como a que utiliza a EN13. Câmara de Matosinhos aceita “oficializar” essa tendência, Georg Riese e Alena Sorokin aterraram na passada quarta-feira no aeroporto Francisco Sá Carneiro vindos de Wolfsburg, na Alemanha, uma cidade conhecida por ser a sede da Volkswagen, onde ambos trabalham. No dia seguinte, logo pela manhã estavam a sair do Terreiro da Sé Catedral, no Porto, em direcção a Santiago de Compostela. Sabiam que a peregrinação

anual, aquela que enche a cidade galega de gente do mundo inteiro tinha sido assinalada uns dias antes, a 25 de Julho, mas era agora, “com mais calma e menos confusão” que eles tinham 14 dias pela frente, para fazerem o Caminho Português de Santiago.

Foi no posto de Turismo de Leça da Palmeira, em Matosinhos, que o PÚBLICO os foi encontrar, quando ali entraram para perguntar se por ali vendiam as Conchas de Santiago. Alena já trazia uma, minúscula, pendurada na mochila que trazia às costas, e de onde ainda não tinha saído o bastão para apoiar a caminhada. Georg ainda não tinha a vieira que simboliza os peregrinos que se dirigem ao túmulo do apóstolo (e que durante séculos serviu de sinal para aceitação nos albergues), e pretendia fazer o mesmo. Não compraram a conchinha (não está à venda por ali) nem pediram para estampar o selo oficial da caminhada no Passaporte do Peregrino. Mas identificaram-se como peregrinos, pelo que engrossaram as estatísticas que tanto o Posto de Turismo de Matosinhos como o Posto de Turismo de Leça da Palmeira começaram a recolher em Janeiro de 2012, depois de anos sucessivos a ver peregrinos a entrarem pela porta dentro.

É uma tendência crescente, como comprovam as estatísticas. Em 2012, o carimbo no passaporte foi solicitado 78 vezes no posto de turismo de Matosinhos e 115 vezes no de Leça da Palmeira. Em 2013, esse número chegou a quadruplicar, com 302 carimbos solicitados em Matosinhos e 458 em Leça da Palmeira. Em 2014, os números continuam expressivos: ainda o mês de Julho não tinha acabado e a contabilidade já registava 314 peregrinos a passar por Matosinhos, e em Leça da Palmeira já eram 359 - e os meses de Agosto, Setembro e Outubro são, a par de Maio, os meses de pico para estes caminheiros.

O município de Matosinhos está tradicionalmente ligado ao Caminho Português de Santiago, mas este percurso que utiliza a marginal do concelho, e que os peregrinos atravessam depois de ter percorrido a marginal do Douro até à Foz, seguindo sempre pela linha da costa, acabou por ser uma novidade ditada sobretudo pelo mercado alemão. “Começamos a indagar-nos o porquê de tantos alemães começarem a aparecer por ali e percebemos que houve um autor famoso alemão que contou a história de desenvolvimento pessoal que atingiu ao fazer o caminho de Santiago e que chegou ao top de vendas do jornal Der Spiegel”, explicou ao PÚBLICO o vereador da cultura da Câmara de Matosinhos, Fernando Rocha.

O livro, um best-seller de Hape Kerkeling, com o título, em inglês *I'm off Then - Loosing and Finding Myself on the Camino de Santiago* é descrito nas críticas da Amazon como uma mistura de Bruce Chatwin (reconhecido autor da literatura de viagens) com Paulo

Coelho (um guru da espiritualidade). O sucesso foi tal que o número de peregrinos alemães disparou. Depois, sugeriu o vereador da cultura, começaram a aparecer guias de viagem a indicar este percurso alternativo pela costa, “como sendo mais agradável do que o percurso tradicional, que usa muitos circuitos urbanos e que está já um pouco desvirtuado”.

Georg e Alena confirmam esta versão e mostram-nos o guia onde é revelado o originário Caminho Português Central, e que usava as antigas vias romanas, passando por Braga até Valença, e aquele que lhe surgiu em alternativa na idade moderna e a partir do século XVIII: o Caminho Português da Costa, que, tal como o primeiro, passa por Matosinhos e Maia, mas que deriva, depois, para Vila do Conde, Póvoa de Varzim, Esposende, Viana do Castelo, Caminha, Vila Nova de Cerveira e Valença. Entretanto, e num outro pontilhado, surge uma variante a unir os concelhos de Matosinhos e de Vila do Conde: um percurso de cerca de 15 quilómetros, que troca a EN13 pelos passadiços junto ao mar. “De um lado, temos o caminho antigo, do outro temos o novo. Escolhemos o novo, porque lemos que é mais agradável”, justifica Georg Riese, antes de se aventurar pelos passadiços de madeira.

Fernando Rocha explica que a Câmara se adaptou a esta nova realidade, acabando por estar a disponibilizar carimbos nos postos marítimos porque eles ali começaram a ser solicitados, e que todas estas mudanças estão a ser concertadas com um Grupo de Trabalho Intermunicipal que junta todas as autarquias envolvidas no caminho da Costa. Um dos objectivos desse grupo de trabalho é uniformizar toda a sinalética e a estratégia comunicativa ao longo do Caminho da Costa.

Enquanto essa estratégia não surge, os peregrinos já vão sendo saudados com um “Bom caminho” escrito em seis línguas e registado nos passadiços de madeira que estão a ser utilizados pelos peregrinos.

O historiador Joel Cleto não se mostra chocado com estas alterações, antes defende-as. “Os caminhos de Santiago estão a ficar cada vez mais concorridos, às vezes, até, muito comerciais. É natural que comecem a surgir alternativas. E assim como no século XVIII se adaptou um novo caminho, e surgiu o percurso da Costa, é natural que no século XXI surjam estas variantes, e revelem a aproximação e o regresso dos peregrinos à natureza”.

Georg e Alena parecem concordar. Ainda não sabem onde vão dormir a primeira noite, mas não estão preocupados. O caminho faz-se caminhando e, mesmo quando são

obrigados a contornar alguns passadiços levantados pelo rigoroso inverno, o tempo corre-lhes de feição. Têm 14 dias pela frente. E aquele era só o primeiro.

Leça do Balio vai ter Albergue para Peregrino

Atenta ao aumento de procura que os Caminhos de Santiago têm vindo a merecer - e na qual nem sempre é a religiosidade quem mais ordena - a Câmara de Matosinhos prepara-se para oferecer um Albergue do Peregrino junto ao mosteiro de Leça do Balio. O primeiro albergue que surge aos caminhantes que fazem o percurso desde o início está actualmente no Mosteiro de Vairão a 25 km do Porto. E porque é recomendável que a distância de caminhada diária não ultrapasse os 20 quilómetros, a Câmara de Matosinhos vai adaptar um edifício que existe no Parque das Varas, na envolvente do icónico mosteiro, para receber essa função. O vereador da cultura, Fernando Rocha, disse ao PÚBLICO esperar que as obras arranquem ainda este ano.

Recriação histórica entre 11 e 14 de Setembro

Hospitalários no Caminho de Santiago regressam ao Mosteiro

Vai ter saltimbancos e passeios de burro, liças de armas e acampamento militar, concertos e artesãos com trabalho ao vivo, ceias e tabernas medievais, mas o evento “Hospitalários no Caminho de Santiago” pretende ser muito mais do que uma recriação do ambiente medieval. Pretende, pelo nono ano consecutivo, promover os Caminhos de Santiago em Matosinhos, bem como divulgar o Mosteiro de Leça do Balio, que desde sempre desempenhou um importante papel na assistência aos peregrinos a caminho do túmulo do apóstolo Santiago em Compostela.

A Recriação da Lenda do Ferro Caldo e do casamento de D. Fernando com D. Leonor Teles são alguns dos pontos altos de uma programação que vai preencher o calendário entre os dias 11 e 14 de Setembro. A autarquia anunciou um espaço físico mais alargado para os visitantes e garantiu uma oferta qualificada ao nível dos artesãos, que serão mais de 200 e com produtos “criteriosamente seleccionados”. A entrada no recinto implica o pagamento simbólico de um euro.

4. Peça 4 – Grupo 1: Pelos caminhos de Santiago

Autor: Secundino Cunha

Publicação: Correio da Manhã

Data: 08.10.2016

Texto completo:

Associações e municípios querem os caminhos na lista do Património Mundial da UNESCO.

O primeiro passo foi dado no passado dia 30 de maio, quando as associações Espaços Jacobeus e Peregrinos Via Lusitana inscreveram os Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago de Compostela na lista indicativa de Portugal ao Património Mundial da UNESCO.

Agora, são os dez municípios por onde passa o denominado Caminho Português da Costa (Porto, Matosinhos, Maia, Vila do Conde, Póvoa de Varzim, Esposende, Viana do Castelo, Caminha, Vila Nova de Cerveira e Valença) que se juntam para, com o apoio da Direção Regional de Cultura do Norte, investirem mais de um milhão e meio de euros na valorização desse percurso de peregrinação, com o objetivo de o candidatarem a património mundial da humanidade.

Esta classificação já foi atribuída, em 1993, ao denominado Caminho Francês, o mais conhecido de todos e também considerado o mais antigo, que começa em Saint-Jean-Pied-de-Port, nos Pirenéus franceses, tem cerca de 800 km e demora 33 dias a percorrer a pé.

Em Portugal, há dezenas de caminhos, mas só meia dúzia se encontra estudada e sinalizada. Aliás, poucos mais serão os que advêm da origem das grandes peregrinações ao túmulo do Apóstolo, no século IX, altura em que foi edificada a maior catedral galega.

Na Idade Média, Santiago tornou-se o terceiro maior destino de peregrinação do mundo católico, a seguir a Roma e a Jerusalém. Após alguns séculos de quase esquecimento, os anos 80 do século passado ditaram a ressurreição dos caminhos. Há até quem diga que ressuscitaram muitos mais do que os que existiam. A verdade é que, tanto em Portugal como em Espanha, são cada vez mais as pessoas que se fazem ao caminho. Onde existem, os albergues abarrotam e há já muitas casas comerciais a servir refeições baratas, sabendo que entre os clientes haverá um ou outro peregrino.

O Caminho da Costa, o que agora se pretende classificar, que liga o Porto a Valença, é um dos mais utilizados, mas há também o Caminho de Rates, que segue do Porto por esta freguesia e passa por Barcelos, Ponte de Lima e Paredes de Coura. Cada vez mais procurados são também os caminhos de Braga e de Viseu. A Associação Espaços

Jacobeus está a marcar o Caminho da Geira, que parte de Braga, atravessa a Serra do Gerês e segue por Lóbios para Ourense.

Peregrinações em que a fé já não é o elemento fundamental

Na Idade Média, os fiéis rumavam a Santiago por razões de fé e devoção, sendo o objetivo fulcral da caminhada a visita ao túmulo do apóstolo S. Tiago Maior. Hoje, há certamente razões de fé em muitos casos, mas a esmagadora maioria dos que fazem o caminho ambiciona uma experiência diferente e coloca no topo do que considera essencial o contacto com a natureza, a cultura e o património. Os momentos de solidão e introspeção que a caminhada proporciona são também fatores importantes.

Se vai fazer-se à “estrada”, prepare-se bem antes de começar

Um roteiro bem definido - Antes de partir é necessário elaborar um roteiro bem definido, com os percursos diários, os horários de descanso e as paragens para as refeições.

Marque lugar nos albergues - Já foi simples. Caminhava-se e, quando se chegasse, dormia-se. Só que agora são muitos os peregrinos e, se não for feita marcação, corre o risco de chegar e não ter lugar.

Cumpra períodos de descanso - Tão importante como cumprir o percurso diário é descansar as horas que estiverem definidas. Sem descanso não há caminho.

Opte por calçado confortável - Até deve consultar-se um podologista. Mas importante mesmo é caminhar com calçado usado e confortável.

Evite os períodos de maior calor - É um conselho básico, mas que tantas vezes os peregrinos esquecem, na ânsia de conquistar mais algum caminho. Evitar as horas de maior calor.

Faça de início percursos maiores - O ideal é determinar para os primeiros dias da caminhada etapas mais longas. Quanto à divisão do dia, percorrer a maior parte da etapa logo pela manhã.

Nunca esqueça a hidratação - Mais uma recomendação óbvia, mas que os caminhantes teimam em não cumprir: beber água.

Água e barritas - Nem sempre as coisas correm como o planeado e, por isso, é sempre útil ter água e barritas na mochila.

Os encantos da nossa costa

O caminho que se pretende candidatar a Património Mundial da Humanidade da UNESCO põe, muitas vezes, os pés na areia da praia, entre o Porto e Caminha, e abraça o rio Minho até transpor a fronteira, em Valença.

O Caminho Português da Costa não dispensa o contacto visual com a água, salgada ou doce, realçando os encantos de uma paisagem única e deslumbrante. É, também, um percurso de grande riqueza patrimonial e gastronómica.

Os moinhos da Apúlia, que se veem na fotografia, remetem-nos para uma atividade produtiva cujo fulgor decaiu na década de 70 do século passado. Hoje, guardam essa memória e funcionam como alojamentos de férias.

Para além da paisagem, a parte portuguesa do caminho inclui locais de interesse cultural, como a Casa de José Régio, em Vila do Conde, a ponte Eiffel, em Viana do Castelo, ou a Igreja Matriz de Caminha.

Nichos das almas marcam trajetos

Sempre que o caminho passa numa encruzilhada, há um nicho que reza às Alminhas do Purgatório. É assim em todo o Norte, mas muito particularmente no Minho. Num nicho de alminhas de 1840, na Facha, Ponte de Lima, foi colocado um painel de Santiago. A mudança adveio da importância do caminho e os peregrinos compensam colocando uma pedra junto a imagem.

5. Questionário aplicado aos peregrinos

Memória e Peregrinação

*Obrigatório

1. Iniciais do nome *

2. Idade *

3. Quantas vezes fez o Caminho de Santiago? *

Marcar apenas uma oval.

- 1 vez
- 2 ou mais vezes
- 5 a 8 vezes
- Mais de 8 vezes
- Mais de 10 vezes

4. Anos de realização dos caminhos *

5. Motivações *

Marque todas que se aplicam.

- Religiosa
- Busca interior ou espiritual
- Turismo de aventura ou lazer
- Melhoria ou teste físico
- Fazer amigos ou conhecer pessoas
- Realização Pessoal
- Outro: _____

6. Como conheceu a peregrinação à Santiago?

Marque todas que se aplicam.

- Amigos ou parentes
- Livros ou filmes
- Mídia (reportagens, redes sociais, publicidade)

7. Símbolos e insígnias que teve contato no caminho

Marque todas que se aplicam.

- Vieira
- Credencial do Peregrino
- Compostela
- ¡Buen Camino!
- ¡Ultreia!
- Setas amarelas
- Cajado
- Outro: _____

Peregrino Medieval



8. Quais são as principais diferenças (identidade, motivações, tipo de realização do caminho, histórias, crenças e valores) entre você e os primeiros peregrinos medievais ? *

9. **Quais são as principais semelhanças (identidade, motivações, tipo de realização do caminho, histórias, crenças, valores) entre você e os primeiros peregrinos medievais ?**

10. **Compare os momentos de peregrinação aos momentos da sua rotina diária. Quais são as principais diferenças?**

11. **Por último, depois de caminhar eu me sinto...**
